



UnB



**Sensorialidade & Sentimento:
Cartografia Utópica
do espaço artístico-cultural urbano
no Distrito Federal.**

Autor: Matheus MacGinity Moraes Rêgo

Orientadora: Célia Higawa Matsunaga

Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Departamento de Design

Programa de Pós-graduação em Design

Linha de pesquisa: Design, Espaço e Mediações

Po8: Visualidade, Memória e Escrita

FICHA CATALOGRÁFICA

MR343s MacGinity Moraes Rêgo, Matheus
Sensorialidade & Sentimento: Cartografia Utópica do
espaço artístico-cultural urbano no Distrito Federal /
Matheus MacGinity Moraes Rêgo; orientador Célia Kinuko
Matsunaga Higawa. -- Brasília, 2023.
344 p.

Dissertação(Mestrado em Design) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Arte e Cultura. 2. Cartografia Sensível. 3. Estética.
4. Imaginários Urbanos. 5. Utopia. I. Kinuko Matsunaga
Higawa, Célia, orient. II. Título.

BANCA AVALIADORA

Dra. RENATA AZAMBUJA DE OLIVEIRA

Externa à Instituição - SEEDF

Dra. SÔNIA MARIA CALDEIRA PAIVA

Externa ao Programa - UnB

Dra. DANIELA FÁVARO GARROSSINI

Interna - UnB

Dra. CÉLIA KINUKO MATSUNAGA HIGAWA

Presidente/Orientadora - UnB

MATHEUS MACGINITY MORAES RÊGO

Mestrando

aos artistas que abraçaram esta pesquisa,
às mestras que nortearam este trajeto,
à família, base da minha existência,
aos meus amigos, entre reflexões e desabafos,
à minha namorada, fonte inesgotável de afeto,
à mim mesmo,
minha vultosa gratidão.

SUMÁRIO

Resumo e palavras-chave	10
Abstract and keywords	12
I. Um pouco da minha trajetória	16
II. A Quadrienal de Praga	26
III. Design, Espaço e Mediações	36
IV. Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia	42
V. Desenvolvimento — Plano de reflexão ativa	70
VI. Percurso metodológico — Plano de ação investigativa	84

VII. Resultados e análises	92
1ª Etapa — Questionário	93
2ª Etapa — Entrevistas semi-estruturadas	128
3ª Etapa — Cartografia utópica artístico-cultural dos espaços urbanos no Distrito Federal	234
VIII. A proposição do porvir	252
Bibliografia	258
Apêndice-Y — Questionário	262
Apêndice-Z — Roteiro das entrevistas semi-estruturadas	264
Anexo-I — Respostas dos questionários na íntegra	268
Anexo-II — Levantamento de espaços para arte no DF	324
Anexo-III — Entrevistas na íntegra	340

RESUMO

A investigação realizada nesta dissertação trata da correlação entre sensorialidade, sentimentos, e expressões artísticas inseridas nos espaços urbanos do Distrito Federal — assimilada através das lentes do design e mediada pela interpretação dos imaginários compostos pelos artistas participantes dessa pesquisa.

A reflexão proposta refere-se ao papel das manifestações artístico-culturais nos espaços urbanos cotidianos como fator potencializador para o despertar de ideias e para a proposição de questionamentos aos indivíduos que habitam a cidade.

Não obstante, também, apresento uma crítica acerca da capacidade dialógica, do indivíduo, para com os espaços habitados, ao propor que uma conscientização estética — do sentir — nos torna mais aptos ao entendimento às necessidades do espaço para, nesses espaços, propor ações transformativas de mediação.

O escrutínio se dá, justamente, ao correlacionar o ato de sentir com os conceitos de imaginário, estética, e utopia, dentro do território do Distrito Federal. A partir de tal escopo, realizaram-se as investigações.

O objetivo é — com a participação de artistas do Distrito Federal — mapear o território através de seus imaginários sensoriais e sentimentais, em vias de visionar intervenções artísticas que afetem o cotidiano dos cidadãos. Para tal verificação, são utilizadas entrevistas semiestruturadas e grupos focais.

O movimento derradeiro da pesquisa faz-se na *Cartografia Utópica Artístico-Cultural*: na qual os imaginários sensório-sentimentais relacionados aos espaços do Distrito Federal — apresentados nas entrevistas — embasam as proposições e entrelaçam-se às proposições de intervenção formuladas pelos artistas investigados.

Como resultado, uma vasta documentação que representa a percepção e atividade dos artistas, e seus respectivos envolvimento com o território, especificamente em relação à nuance artística.

PALAVRAS-CHAVE

Arte e Cultura; Cartografia Sensível; Estética;

Imaginários Urbanos; Utopia; Brasília;

ABSTRACT

The research conducted in this dissertation deals with the correlation between sensoriality, feelings and artistic expressions inserted in the urban spaces of the Federal District - assimilated through the lens of design and mediated by the interpretation of the imaginaries composed by the artists who took part in this research.

The proposed reflection refers to the role of artistic and cultural manifestations in everyday urban spaces as a potentializing factor for awakening ideas and proposing questions to the individuals who inhabit the city.

However, I also provide a critique of the individual's dialogical capacity with the spaces they inhabit, by arguing that an aesthetic awareness — of feeling — makes us more capable of understanding the needs of space in order to propose transformative mediation actions in these spaces.

The scrutiny takes place precisely by correlating the act of feeling with the concepts of imaginary, aesthetics and utopia, within the territory of the Federal District. The investigations were carried out with this scope in mind.

The aim is — with the participation of artists from the Federal District — to map the territory through their sensory and sentimental imaginaries, in order to envision artistic interventions that affect the daily lives of citizens. Semi-structured interviews and focus groups were used to verify these investigations.

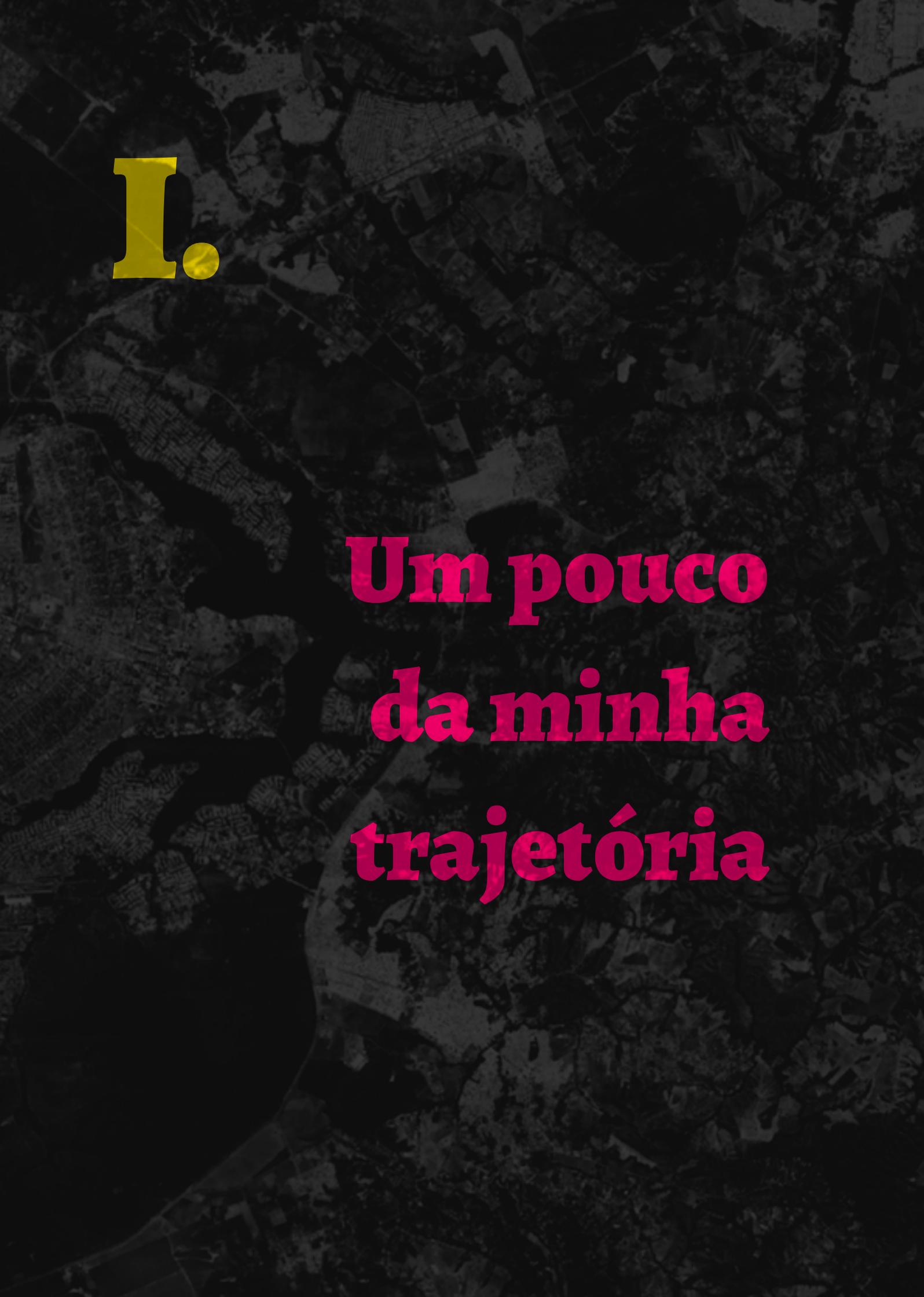
The final stage of the research is the *Artistic-Cultural Utopian Cartography*: in which the sensory-sentimental imaginaries related to the spaces of the Federal District — presented in the interviews — underpin the propositions and intertwine with the intervention proposals formulated by the artists investigated.

The result is a vast documentation that represents the artists' perception and activity, and their respective involvement with the territory, specifically in regards to the artistic nuance.

KEYWORDS

Arts and Culture; Sensible Cartography; Aesthetics;

Urban Imaginaries; Utopia; Brasília;

An aerial photograph of a city, likely Rio de Janeiro, showing a dense urban grid and a winding river. The image is dark and serves as a background for the text.

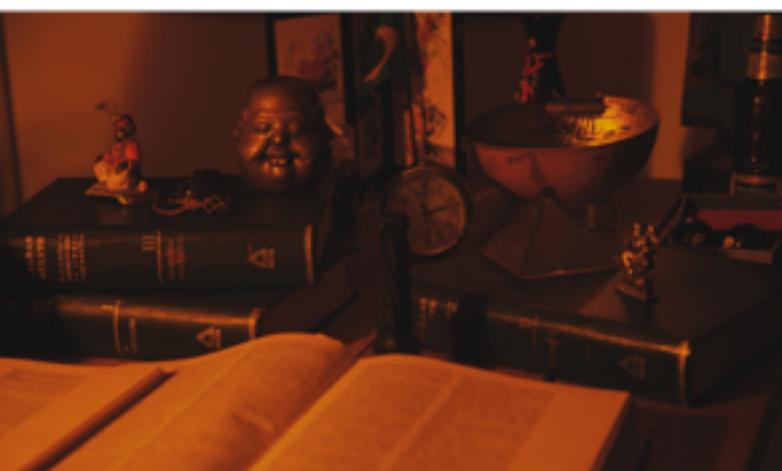
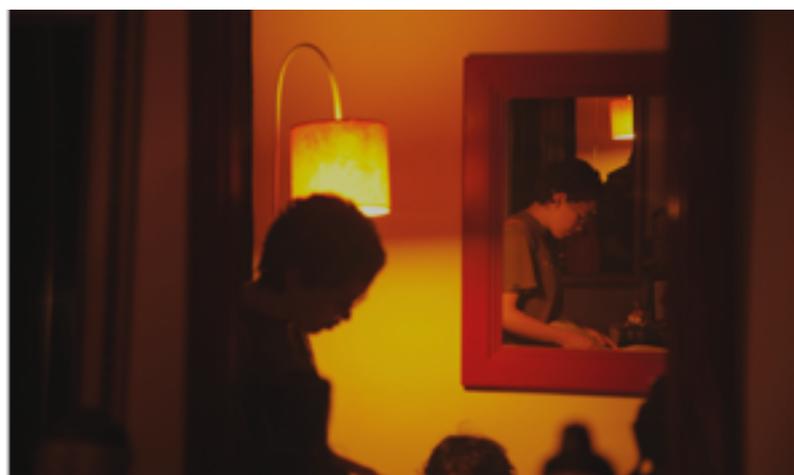
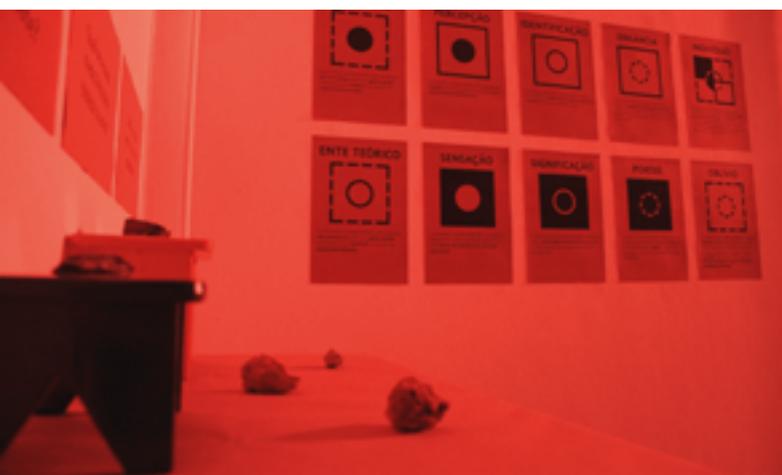
I.

**Um pouco
da minha
trajetória**

Nesta seção, de forma breve, minha intenção é apresentá-los a quem é o ser-pesquisador que dá voz à seguinte proposição investigativa. Apresentá-los, também, ao meu percurso como profissional, pesquisador e ser humano, em vias de elucidar, de antemão, os motivos pelos quais sou impelido a investir nessa jornada acadêmica.

Quadro de fotografias 1: Registros da Instalação Cenográfica de TCC

— O Ente e a Impermanência.



Fonte: Pedro Lenehr e Matheus MacGinity, 2017.

Um pouco da minha trajetória

Venho, desde a graduação — que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso, e instalação cenográfica: "O Ente e a Impermanência" —, estudando a condição humana frente à dialética ideia-matéria, e a subsequente (re)criação e concepção constante do Mundo. Talvez por força inerente da formação em Design pela Universidade de Brasília — ou até da própria existência como indivíduo — vejo-me instigado a participar desse processo infundável de transformações materiais e simbólicas intrínseco aos espaços mundanos. O simples posicionar-me no Mundo, à mim evoca a qualidade de ente-contemplador; o simples posicionar-me evoca, também, a qualidade de ente-actante. E, como ente-presente e não-inerte, é inevitável perceber, e até colidir, com as múltiplas arestas — ideológicas e materiais — que acabam por inscrever hábitos e reescrever, para bem e mal, nosso futuro.

Meu interesse provém, também, da convicção de que a arte e a cultura são pilares essenciais para a emergência de cidadãos mais aptos a refletir sobre o bem-estar — seja o próprio, seja o da comunidade. E da convicção de que a arte é catalisadora do pensamento crítico, permitindo, àqueles que a vivenciam, a possibilidade de observar os "causos" da vida pública e privada através de novas perspectivas.

A escolha para inscrição — PO8: Visualidade, Memória e Escrita — na linha de pesquisa Design, Espaço e Mediações passa pela minha particular formação multidisciplinar, possibilitada através da graduação em Design, na Universidade de Brasília, onde tive contato com diversas epistemologias, explorando disciplinas de departamentos como: Arquitetura e Urbanismo, Psicologia, Ciências

Ambientais, além da elucidativa classe de "Decrescimento" — do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM).

Quadro de fotografias 2: Frames de episódios da websérie "NaCalçadaTV!", abordando a utilização de espaços urbanos com diferentes enfoques artísticos, culturais e sociais

— Káshi Mello, produtora cultural e violinista, em ônibus no DF;

Varal de roupas do projeto "The Street Store", no Setor Comercial Sul, DF;

Balcão volante de "Chapatti & Chá Matte" em feira no Sudoeste-DF;

e projeto "Surfe do Cerrado", em espelho d'água no Parque da Cidade, DF.



Fonte: NaCalçadaTV!, 2016.

Um pouco da minha trajetória

Durante a graduação, também, em 2016, ingressei no meio audiovisual, através de um projeto jornalístico independente — a websérie intitulada "NaCalçadaTV!" — tendo como função a Direção de Arte dos episódios e o gerenciamento da Programação Visual nas mídias sociais. Tal projeto tinha como objetivo abordar acontecimentos de cunho sócio-cultural, entrevistando os agentes responsáveis pela criação e continuidade destes — projetos que atuavam diretamente nas poéticas e imaginários do Distrito Federal.

O que antes era um passatempo, tornou-se um dos meus focos: o design ligado à linguagem cinematográfica. Fui sócio-proprietário do "Estúdio Lingus", empreendimento por meio do qual, desde 2018, cobrimos relevantes eventos como o Brasília Cidade Design (BDC), participamos na criação do filme de aniversário dos 59 anos de Brasília, e conquistamos — em 2019 — menção especial no *Mobile Film Festival* (MFF) de Paris, pela produção do curtíssima "*Déclaration*" abordando questões político-climáticas. Ajudamos, também, a fortalecer a cena cultural de Brasília tanto com o registro, como com a criação de conteúdos para projetos apoiados pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) e para projetos independentes em diversas linguagens artísticas — festivais de artes cênicas, videoclipes musicais, criações em artes plásticas, etc.

Quadro de fotografias 3: Frames de produções audiovisuais do "Estúdio Lingus",
com enfoque na utilização dos espaços urbanos em contextos de arte e cultura

— Martinha do Côco em filme de 59 anos do aniversário de Brasília;

Dançarino de contato improvisação na Rodoviária de Brasília,

no documentário do festival "DF Improvisa - Latino América";

Performance na Rodoviária de Brasília, para comercial do festival "Um Quarto de Cena";

e cena do curtíssima "*Déclaration*",

filmado em queimada nos arredores da Vila Planalto-DF.



Fonte: Estúdio Lingus, 2018 a 2021.

Um pouco da minha trajetória

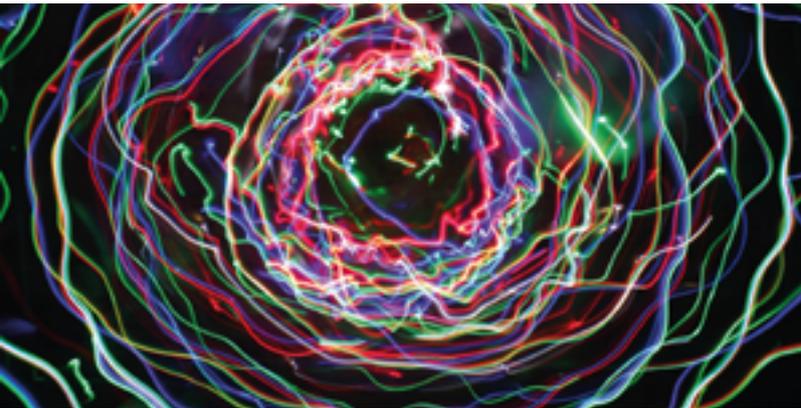
Quadro de fotografias 4: Produções do Laboratório Transdisciplinar de Cenografia da Universidade de Brasília — Oficina de Light Painting e Desenhos na Areia, no workshop

"Desenhos Narrativos - da Areia à Luz" ministrado na PQ19;

Experimentos com maquiagem, indumentária e performance em Goiás Velho;

e "Brasil: LABirintos Compartilhados", curadoria e expografia de trabalhos brasileiros,

montada para a mostra internacional na seção estudantil universitária da PQ15.



Fonte: Laboratório Transdisciplinar de Cenografia (LTC), 2016 a 2019.

Para além, minha experiência desde 2014, sendo membro do Laboratório Transdisciplinar de Cenografia da Universidade de Brasília (LTC-UnB) — Programa de Extensão e Ação Continuada (PEAC) com mais de 10 anos de existência, ministrado pela Prof^a Dr^a Sônia Paiva —, me apresentou um exemplo incrível: a Quadrienal de Praga (PQ) — *Prague Quadrennial of Performance Design and Space* — evento que tive o privilégio de conhecer e me de apresentar, junto ao LTC-UnB, nas edições de 2015 (PQ15) e 2019 (PQ19).

Evento esse que se apropria do espaço urbano, que se inscreve na cidade — para além de galerias fechadas — por meio de performances e instalações abertas para todos; são inscrições urbanas, públicas. Lá pude reafirmar a real possibilidade de (re)transformar o significado dos espaços, experienciando o contato explícito com a arte — em banais atos como comprar um pão, pegar um transporte público ou de lavar as mãos numa fonte pública — no simples vagabundear pela cidade. A simbolosfera estava impregnada de arte.

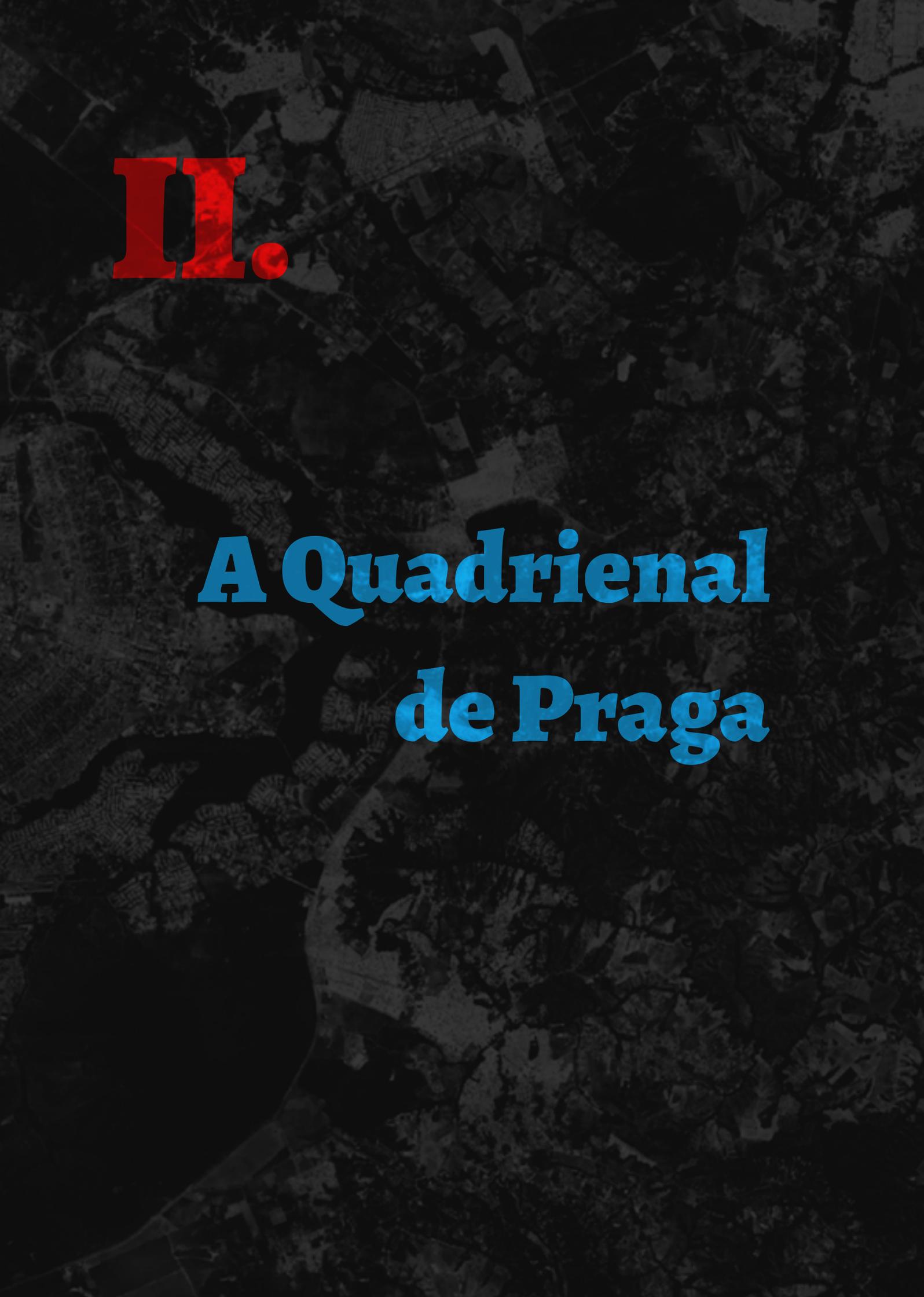
O fator transdisciplinar foi fundamental no crescimento do meu interesse pela ressignificação dos espaços, tendo como axioma a transversalidade das epistemologias na construção do Mundo; enxergando, no Design, o *Dasein* — o vir-a-ser; e tendo a convicção de que através do Design irrompem-se novos

Um pouco da minha trajetória

modelos e sistemas, cunham-se lacunas para projetarmos espaços que contribuam — em meio ao mar de atopias vividas — no florescer de utopias concretas.

Hoje, minha atuação continua ligada à linguagem audiovisual, exercendo o meu ofício como editor na empresa "Gruta Filmes", com foco na pós-produção cinematográfica, ligada a produções culturais tanto no Distrito Federal, como em outros estados do Brasil. Ademais, sigo em contato com Sônia Paiva, parte do banco de cérebro e produção — em audiovisual e design gráfico — do "Parque de Produções", espaço multi artístico e cultural, situado em sua casa na Serrinha do Paranoá; local de fomento ao fazer artístico crítico, engajado em causas sociais, políticas e ambientais.

Ademais, componho o corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília (PPDDESIGN-UnB), na linha de pesquisa intitulada "Design, Espaço e Mediações", onde o mote deriva do tema de projeto de pesquisa "Visualidade, Memória e Escrita". E, para tal, o desenvolvimento da dissertação em questão, aqui explicitada.

An aerial photograph of a city, likely Prague, showing a river winding through the urban landscape. The image is dark and serves as a background for the text.

II.

**A Quadrienal
de Praga**

Fotografia 1: FOR_Bauprobe



Fonte: Demian Jakob & Nicolas Rothenbuhler, 2019.

Exposta a minha trajetória, gostaria de lhes apresentar a *Prague Quadrennial of Performance Design and Space* — a Quadrienal de Praga (PQ) —, evento que foi um divisor de águas na minha convicção acerca do poder transformador da arte e,

A Quadrienal de Praga

por conseguinte, fator determinante para o meu aprofundamento no estudo da correlação entre a arte e a modificação dos espaços habitados.

A Quadrienal de Praga é um renomado evento internacional que se dedica à exploração das intersecções entre o design de performance, a cenografia e o design espacial no contexto das artes cênicas. Este evento é realizado a cada quatro anos na cidade de Praga, na República Tcheca, e tem como propósitos: a promoção do diálogo, a disseminação de conhecimento e a celebração da excelência artística no domínio do design de performance.

Em 1967 a PQ teve sua 1ª edição e, desde então, consolidou-se como um dos eventos mais proeminentes e aguardados no campo do design de performance. O evento foi concebido com a aspiração de explorar o entrelaçamento das disciplinas do design, da arquitetura e da performance, buscando elucidar como tais elementos convergem para a configuração de experiências estéticas memoráveis no contexto de distintos tipos de performances ao vivo, abrangendo desde o teatro tradicional até a experimentação multidisciplinar em mídias contemporâneas.

Dentro das aproximadas duas semanas de duração, o evento oferece um amplo leque de atividades e iniciativas, incluindo exposições, apresentações, oficinas, palestras e debates, engajando ativamente profissionais das áreas artísticas, acadêmicos, estudantes e entusiastas de todo o mundo. Esse dinamismo contribui para a formação de redes de colaboração, para o

intercâmbio de ideias e na formulação de abordagens inovadoras intrínseco ao âmbito do design de performance.

Um dos acontecimentos emblemáticos da PQ é a *International Exhibition* — as exposições internacionais —, que apresenta uma extraordinária diversidade de projetos, instalações e conceitos de design de performance — expostas em estandes representados por cada país que faz parte do evento — proporcionando uma vitrine global para a variedade de abordagens estéticas, narrativas culturais e visões artísticas. Da mesma forma, ocorre a *Students Exhibition* — as exposições estudantis —, espaço o qual é ocupado pelos estandes nacionais, mas desta vez preenchido por trabalhos universitários.

Embora a quadrienal se concentre principalmente no design de performance e no design espacial no contexto do teatro, dança e outras formas de arte performática, a Quadrienal de Praga possui uma relação significativa com os espaços urbanos.

Um aspecto dessa relação é a consideração de como o design de performance e os elementos espaciais podem interagir e transformar os espaços urbanos. Durante a quadrienal, instalações, performances e exposições frequentemente ocorrem não apenas em locais tradicionais de apresentação, mas também em espaços públicos, ruas, parques e locais não convencionais por toda a cidade de Praga. Essa abordagem permite que artistas e designers interajam com o tecido urbano, criando obras específicas para cada local e ativando o ambiente circundante.

A Quadrienal de Praga

Quadro de fotografias 5: *SSPF_Vertical Dance_The Flock Project (HU)*;

SSPF_House Beating_Body Architects (AT, PL);

SSPF_Silent Carnival_Andaime Companhia de Teatro (BR);

PQ23_ECR_Belgium.



Fontes: Dobrovodsky, 2019.

Vojtech Brtnicky, 2019.

Jan Hromadko, 2019.

David Kumermann, 2023.

A incursão da Quadrienal de Praga no campo da arte no contexto urbano constitui uma evolução significativa na trajetória histórica deste evento. A mudança de foco em direção à arte urbana foi um processo gradual e complexo, influenciado por diversos fatores intrínsecos e extrínsecos ao universo da PQ.

A transição para a inclusão da arte urbana em seu escopo tem suas raízes nas últimas décadas do século XX. Conquanto a PQ, desde sua criação em 1967, tenha tradicionalmente centrado sua atenção no design de performance e espaços cênicos em ambientes controlados, a crescente valorização da intersecção entre a arte e o espaço urbano ganhou destaque na virada do milênio. A partir da PQ de 1999 observa-se uma intensificação nessa tendência, quando o evento começou a explorar instalações e performances nos espaços públicos de Praga.

Essa transição se concretizou mediante uma série de iniciativas. A PQ passou a convidar artistas e designers especialistas em intervenções urbanas e arte pública, abrindo espaço para propostas que transcendessem as fronteiras tradicionais do teatro e das salas de exposição. Tal expansão de horizontes foi, também, refletida na escolha dos locais para as exposições e apresentações, que passaram a abranger não apenas teatros e galerias, mas espaços urbanos ao ar livre. Ademais, introduziram-se palestras e debates dedicados à discussão crítica da arte urbana, promovendo um diálogo interdisciplinar sobre a relação entre performance e cidade.

A Quadrienal de Praga

Quadro de fotografias 6: PQ23_PER_The Infra-Ordinary Lab;

PQ23_PER_WRECK-List of Extinct species;

PQ23_ECR_Hong Kong;

PQ23_PER_MOVING ON-VANISHING.



Fonte: Roman Pollak, 2023.

Jakub Cervenka, 2023.

Jan Hromadko, 2023.

Jakub Hrab, 2023.

Quadro de fotografias 7: FOR_PECES CAMINANDO!_Pedro Gramegna Ardiles;

SSPF_The Hunter Hunted_Paravan (CY);

PQ23_PER_MANIFESTACOES;

PQ23_PER_What do astronauts do.



Fonte: Dobrovodsky, 2019.

Krystof Kalina, 2019.

Anna Benhakova, 2023.

Libor Galia, 2000.

A Quadrienal de Praga

Essa virada pode ser atribuída a diversas forças motrizes. Primeiro, pela crescente valorização da cidade como um palco vital para as expressões artísticas, refletidas por mudanças socioculturais e estéticas da contemporaneidade. A cidade — como espaço de interação, conflito e diversidade — oferece um terreno fértil para a exploração artística.

Almejando manter sua relevância em um contexto artístico contemporâneo de constante reinvenção, reconheceu-se, também, a necessidade de adaptação, abraçando as novas tendências e abordagens. Ao incorporar a arte urbana, a PQ se posicionou como um centro de vanguarda no encontro entre arte, espaço urbano e performance.

A Quadrienal de Praga acaba por propiciar oportunidades de reflexão acerca do papel dos espaços urbanos como locais de potência para as manifestações artísticas, e de como tais manifestações moldam a experiência do indivíduo, criando experiências únicas e transformadoras para o público.

Para além disso, discute-se a intersecção entre planejamento urbano, arquitetura e design de performance, abordando o uso de estruturas urbanas temporárias e efêmeras no espaço público, e seu impacto na identidade urbana e no patrimônio cultural.

Em suma, a Quadrienal de Praga funciona como facilitadora para que ocorra a interação do indivíduo com as obras-acontecimentos dentro dos espaços urbanos. E, através de tais interações, consegue-se compreender de maneira empírica e explícita o impacto gerado pela arte na composição do espaço.

An aerial photograph of a city grid, showing a river winding through the streets. The image is dark and serves as a background for the text.

III.

**Design,
Espaço e
Mediações**

Vejamos bem, o design antes de qualquer categorização dentro de epistemologias científicas é nada menos que potência criadora; faísca de reificação dos desejos e necessidades humanas. Qualquer que seja o propósito o qual se queira endossar, o ato de criação surge através do acesso ao devaneio daquilo que ainda-não-o-é — o *dasein*¹.

1 • [Os grifos são de minha autoria] Dasein, concepção posta por Heidegger, é um termo ao qual não há tradução exata e específica para a língua portuguesa. Portanto, a fim de representá-lo, é necessária uma espécie de transliteração — ao considerar que seu significado inalterado não nos é acessível em completude, por compor um sistema de cognição linguística, por vezes, distinto ao nosso. Isto advertido, Dasein denota uma condição existencial de possibilidade, também denominada como 'presença' em algumas traduções. Presença que não se refere ao presente, mas presença em meio a uma existência atemporal. Heidegger nos traz, pois, que "(...) o 'anteceder-a-si-mesma', significa que a presença (*dasein*) existe, cada vez, em virtude de si mesma. 'Enquanto ela é' e até o seu fim, a presença (*dasein*) relaciona-se com o seu poder-ser." (HEIDEGGER, 2015, p.309)

Design, Espaço e Mediações

Aquilo que se cria nem sempre tem premeditado um motivo, mas, uma vez posto no mundo, resultará em algo. Causará impacto e, mesmo de forma subliminar, reverberará sua essência, somatizando-se à re-transformação do ambiente em que está inserido. Fica latente o jogo de constante comutação inerente ao ato da criação — que, por sua vez, se manifesta através de incontáveis veículos — por meio (mas não necessariamente da explícita) intencionalidade.

Anterior ao verbo, posterior à palavra: a expressão, o gesto, é o fundamento da criação. Carregada de ideias, ou no mais simplório movimento intuitivo funcional: damos forma ao espaço inscrevendo, nele, nosso gesto, nossa expressividade. O movimento é recíproco e pela essência da criação somos arrebatados de volta. O espaço satura-se dos significados e das intencionalidades imbuídas em suas partes. E, nesse jogo de reciprocidade, nós nos remodelamos em vias de alcançar a homeostase para com o nosso habitat.

A partir da psicologia ambiental, Bomfim, Delabrida e Ferreira nos apontam para essa correlação entre o espaço e os indivíduos, suportada pela importância da cognição afetiva e emocional, demonstrando como — para além das pragmáticas intervenções físicas aos espaços — nos relacionamos e, neles, intervimos simbolicamente:

"O lugar como mediação é tão essencial para os seres humanos quanto são as emoções para o pensamento (aqui entendido como expressão das funções psicológicas superiores). O processo de apropriação do espaço mostra que o ambiente físico é palco para as ações, mas também para a atribuição de significados, o que torna o ambiente/lugar extensão da subjetividade dos indivíduos, dando um sentido especial à existência e impactando a evolução humana enquanto ontogenia. Ou seja, o humano se faz na capacidade de interferir nos processos evolutivos da sua espécie, trazendo transformações sociais emancipadoras em sua realidade cotidiana. Emoções, afetividade e lugar são fundamentais nesse processo." (BOMFIM, DELABRIDA, FERREIRA, 2018, p.69-70)

O ponto é: nós nos designamos a nós mesmos, ao designar os espaços. Provocativa e empoderadora elucidação. Contudo, só podemos alcançar essa potência uma vez que tenhamos consciência de *como dialogar com os espaços* e saibamos *como dialogar através* de tais espaços.

Design, Espaço e Mediações

An aerial photograph of a city grid, showing a river winding through the streets. The image is dark and serves as a background for the text.

IV.

**Sensorialidade
& Sentimento,
Estética,
Imaginários
e Utopia**

Necessitamos compreender a problemática contextual acometida ao ser humano em meio a falta de tempo para fruição dos sentidos, a enxurrada de estímulos e a aceleração do cotidiano experienciada nas cidades modernas. Trazendo, como proposição investigativa, a reflexão acerca da importância da educação estética, das múltiplas linguagens artísticas na relação entre o ser humano, suas mediações e ações mediadoras.

Para tanto, temos como pilar dessa equação investigativa, a relação entre o indivíduo e o sentimento refratado pelo espaço habitado. E como coloca Merleau-Ponty, em relação à nossa percepção de mundo:

"Se acreditamos em um passado do mundo, no mundo físico, nos 'estímulos', no organismo tal como nossos livros o representam, é primeiramente porque temos um campo perceptivo presente e atual, uma superfície de contato com o mundo ou perpetuamente enraizada nele, é porque sem cessar ele vem assaltar e investir a subjetividade, assim como as ondas envolvem um destroço na praia. Todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção."

(MERLEAU-PONTY, 2018, p.279)

Através do excesso de estímulos, e da aceleração exacerbada, faltam espaço e tempo para a fruição estética. Para além, como consequência das jornadas cotidianas enfastiantes — seja física, mental ou emocionalmente — o indivíduo tende

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

a optar pelo consumo de entretenimento pasteurizado, com baixa complexidade de proposição crítica, e pela inquestionada deglutição de informações jornalístico-midiáticas. Contexto esse que reflete a reprodutibilidade técnica, onde condiciona-se, de forma massificada, a reação do público ao tema artístico que lhes é apresentado. E como Benjamin coloca com precisão:

"O distraído pode também se habituar. Mais: poder dominar certas tarefas na distração prova que resolvê-las tornou-se um hábito para o indivíduo em questão. Por meio da distração, tal como a arte tem a oferecer, controla-se secretamente até que ponto as novas tarefas da apercepção se tornaram solúveis. Como, de resto, existe para o indivíduo a tentação de subtrair tais tarefas, então a arte irá atacar as mais difíceis e importantes, ali, onde pode mobilizar as massas". (BENJAMIN, 2012, p. 115)

Diante desse cenário, podemos depreender que as manifestações artísticas — tradicionalmente imbuídas tanto em deleite ou desconforto estético, quanto na pungente provocação aos status quos da sociedade — e a cultura que às manifestações artísticas subsiste, foram relegadas a um plano de — talvez intencional — sucateamento. Sendo, pois, substituídas — tanto a nível de preferência de produção, como de consumo — por obras da indústria cultural de massa — acríticas e com baixa relevância de inovação estética; reflexo de uma eminente "colonização do

imaginário" (LATOUCHE, 2009, p. 83) — condição que se estende para além das produções evidentemente relacionadas às indústrias de consumo material que impactam de forma objetiva os nossos ambientes; mas que são, principalmente, subsidiadas ideologicamente pelos meios de comunicação e entretenimento ao moldar nossa forma de nos relacionar e imaginar o mundo em que existimos.

"É certo que se deve distinguir 'desenvolvimento' e 'crescimento' (com minúscula), com o fenômenos de evolução que se aplicam a uma realidade precisa (a população, a produção de batatas, a quantidade de resíduos, a toxicidade das águas etc.) e que podem ser (ou não ser) eminentemente desejáveis, de Desenvolvimento e Crescimento (com maiúscula), como conceitos abstratos que designam o dinamismo econômico que é um fim em si mesmo. A confusão entre ambos não é responsabilidade nossa. É intencionalmente mantida pela ideologia dominante. Contudo, para que o outro mundo em que depositamos nossas esperanças não se pareça demais com este em que vivemos, está na hora de descolonizarmos nossos imaginários." (LATOUCHE, 2009, p.11-12)

Ensinados através do hábito, fomos anestesiados de forma sutil. Des-ensinados por um desenrolar globalizante de homogeneização daquilo que não é homogêneo — a cultura, a arte, a expressão do ser — visto que estas estão

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

atreladas aos locais — tanto às condições materiais trazidas pelas características geoclimáticas de tais espaços, como atreladas às histórias e estórias que permeiam esses espaços, preenchendo-os de significados — trazidos pelo conceito de Ubiratan D'Ambrósio na forma e compreensão da *etnomatemática*:

"Indivíduos e povos têm, ao longo de suas existências e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, de observação, instrumentos materiais e intelectuais [que chamo ticas] para explicar, entender, conhecer, aprender, para saber e fazer [que chamo matema] como resposta a necessidades de sobrevivência e de transcendência em diferentes ambientes naturais, sociais e culturais [que chamo de etnos]." (D'AMBRÓSIO, 2018, p.60)

Distanciamos-nos do espaço, o "desrealizamos" (VIRILIO, 1993, p. 15), o menosprezamos e o ignoramos, e, por isso, ele (o espaço) está ressentido — e clama por ser re-sentido. Através desse distanciamento, criamos um véu que nos compele a estados de piloto automático durante a vida cotidiana. Nos repelimos do exercício dos sentidos, de novas experiências, da exposição a novos estímulos. Hemos enturvecido nossa sensibilidade, nos fechado às possibilidades e, subsequentemente, tolhido nossa neuroplasticidade, essencial ao processo de desenvolvimento cognitivo e poético.

Ousaria afirmar: a amusia¹ que assola nossos sentidos é diametralmente oposta à nossa capacidade de compreender criticamente o mundo — o nosso mundo, os nossos arredores, nossas mediações; como pontua Pallasmaa:

"O bombardeio incessante do imaginário não relacionado leva a um esvaziamento gradual do conteúdo emocional das imagens. As imagens são convertidas em mercadorias infinitas fabricadas para postergar o tédio; os próprios seres humanos são mercantilizados, se consumindo de modo indiferente, sem ter a coragem ou mesmo a possibilidade de confrontar sua própria realidade existencial. Somos feitos para viver em um mundo de sonhos fabricados." (PALLASMAA, 2011, p.32)

1 • Tal "amusia" é colocada por Adorno como além da "ausência total da capacidade musical" por uma "insensibilidade estética em geral". Adorno nos explica com a seguinte passagem: "É impossível explicar à broncos o que é arte (...) Está neles tão sobre+valorizado o princípio da realidade que interdiz sem mais o comportamento estético; aguilhada pela aprovação cultural da arte, a amusia transforma-se frequentemente em agressão e é esta que move, hoje, a consciência geral para a *Entkunstung* (desartificação) da arte." (ADORNO, 2008, p.186)

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

Bem, se estamos destreinados, se estamos deseducados esteticamente, é imprescindível a necessidade de um professor, de uma guia, ou até mesmo de um antídoto... e pode, muito bem, esse descondicionamento, ser remediado através do contato com a experiência artística.

Diga-me: quem nunca foi transformado ao ser tocado pelo mundo das experiências, dos fenômenos, das sensações, das manifestações e elucubrações propiciadas por — de qualquer que seja o tipo — uma intervenção artístico-cultural?

Afinal, em nossos trânsitos diários somos afetados por um leque múltiplo de estímulos provenientes dessas intervenções — desde as respaldadas pelos instrumentos legais, àquelas marginalizadas e ditas ilegais; desde as que nos confortam, àquelas que nos incomodam profundamente. Intervenções essas que, por estimular, geram reação, provocam interpretação e (re)significação. Imputam, em nosso léxico preestabelecido, a adição de fatores que, ao interagir com nossa consciência *a priori* — antes do contato com a obra-acontecimento —, podem fazer emergir uma consciência *a posteriori* — modificada pelo contato com a manifestação — crítica ou poética — em questão.

"As experiências sensoriais se tornam integradas por meio do corpo, ou melhor, na própria constituição do corpo e no modo humano de ser. (...) Nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o ambiente; o mundo e a individualidade humana se redefinem um ao outro constantemente. (...) não há corpo separado de seu domicílio no espaço, não há espaço desvinculado de imagem inconsciente de nossa identidade pessoal perceptiva." (PALLASMAA, 2011, p.38)

"Os sentidos não apenas mediam as informações para o julgamento do nosso intelecto; eles também são um meio de disparar a imaginação e articular o pensamento sensorial. Cada forma de arte elabora pensamentos metafísicos e existenciais com seus meios característicos e seu envolvimento sensorial." (PALLASMAA, 2011, p.43)

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

Consoante, ainda, nosso léxico acaba limitando-se para a compreensão da linguagem cruzada dos sentidos e de suas múltiplas interrelações, que não conseguiríamos traduzir ou transcrever para dicionários. A sinestesia¹ e o sentimento² nos trazem uma forma bastante mais complexa de dialogar, de escrever — ou inscrever — mensagens. Textos sem palavras. Textos lidos no usufruto — na interação — do espaço.

1 • E aqui trago "sinestesia" não como o quadro clínico de hipersensorialidade cruzada — onde o indivíduo literalmente escuta cores ou sente cheiro de texturas, etc. — mas como figura de linguagem, referindo-me a capacidade intrínseca, de qualquer indivíduo, ao estabelecimento metafórico de relações cruzadas pseudo-sinestésicas entre os sentidos — como ao nos questionar sobre qual era o cheiro marcante da nossa infância; ao provocar nossa percepção acerca de que cor tem o sabor amadeirado; ou se o formato das ondas sonoras produzidas pelo barulho do mar são triangulares ou circulares — relacionando, a partir de tais associações, a sensorialidade aos sentimentos como: alegria, melancolia, medo, criatividade, etc.

2 • Cabe, aqui, fazer uma explicação à luz da psicologia ambiental, trazida por Bomfim, Delabrida e Ferreira: "As emoções podem ser mediadoras de integração da realidade imediata e dos processos imaginativos e do pensamento. As básicas e mais conhecidas são medo, alegria, nojo, tristeza e raiva. Há também aquelas engendradas socialmente, orgulho, culpa, vergonha, dentre outras. Já os sentimentos são emoções mais duradouras e revelam o sentido pessoal criado por cada indivíduo." (BOMFIM, DELABRIDA E FERREIRA, 2018, p.60)

A expressão existencial do ser se dá no espaço, e é do espaço que havemos abdicado da conexão. Precisamos nos reconciliar com o espaço. Para isso, voltar a senti-lo, voltar a habitá-lo em sua pungente latência de comunicação não-só-verbal. Estar no espaço e, com ele, sê-lo — para, assim, transformar-nos.

Em relação ao sentir — como constatação e provocação à epistemologia vigente, tradicional na investigação científica —, colocam Bomfim, Delabrida e Ferreira: "Ao contrário do que postulou Descartes, nós existimos não porque pensamos, mas porque sentimos. O aparelho sensorial é que nos permite conhecer o mundo e, a partir desse conhecimento, pensar." (BOMFIM, DELABRIDA E FERREIRA, 2018, p.61)

Entrelaçada a contextualização posta, relativa a presença sensorial do indivíduo no mundo que o cerca, trago, de forma embrionária, a noção de "Linguística do Espaço". Essa, a ideia de que o espaço, através de suas características materiais e imateriais, comunica-se com os indivíduos que permeiam o espaço. Onde, não apenas, podemos constatar a comunicação, entre indivíduos, através do espaço — mas assumir uma comunicação que parte do espaço, ao entendê-lo como entidade.

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

Esta "Linguística do Espaço" relaciona-se a uma imensurável gama de objetos. Estamos, afinal, tratando do entrecruzar de dois temas com corpos complexos — espacialidade e linguística — e que apresentam, portanto, potencialidade para fundamentar discussões com incontáveis relevâncias — filosóficas, psicológicas, socioculturais, comunicacionais.

Atuando, pois, como continuidade da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty — a qual apresenta que o espaço não é apenas um recipiente vazio, mas parte correlacional e integral de nossa existência e experiência. Assim, tal proposição sugere que tanto as propriedades materiais do espaço — formas, texturas, cores, sons, cheiros — como as propriedades imateriais subsequentes — inscritas na simbolosfera¹, preenchida por significados — estabelecem uma relação comunicativa entre espaço e indivíduo.

1 • Por simbolosfera, aproprio-me do conceito posto por Logan ao destrinchar: "O Universo se constrói a partir da energia, a biosfera se constrói a partir de biomoléculas na fisiosfera, e a simbolosfera se constrói a partir de conceitos que atuam no cérebro humano como atratores estranhos para percepções neurais (...)" (LOGAN, 2012, p.118)

Analisando a partir da dimensão estética, a correlação com o espaço urbano pode ser compreendida na medida em que suscitam-se nossas capacidades sensoriais, em vias de apreender os espaços de forma fisiológica — mas não apenas — e de compreender os espaços, justamente através da apreensão sensorial dos estímulos, porém de forma anímica — vislumbrando, para além das características meramente formais do espaço, um entendimento das qualidades emocionais propagadas pelo ambiente.

Tem-se, portanto, que a dimensão estética, relacionada aos espaços urbanos, é a dimensão através da qual estabelecem-se comunicações — entre espaço e indivíduos — nos níveis sensíveis, simbólicos e subliminares. Afinal, a partir das embasadas escolhas para a construção de um local — sejam históricas, culturais, políticas, entre tantas influências dentro do complexo tecido da sociedade —, tais formas de configuração do espaço, em sua plena formalidade, carregarão e reverberarão os respectivos significados e ideologias intrínsecas ao ato da intencional (ou não) criação.

Para além dessa perspectiva descrita — onde os complexos fatores já postos influenciam na atual forma a qual pode-se ler o espaço — devemos compreender a atribuição transformativa, referente à potência da dimensão estética no contexto urbano. É um jogo que se volta para o passado e para o futuro. A partir da transformação ou da inserção de novos objetos — e tais objetos carregados dessa intencionalidade transformativa estética

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

— agregam-se novos vetores de significado absorvidos pelo espaço; e de consequente significação por parte do indivíduo.

Através da manipulação da dimensão estética, abrem-se portais para que os cidadãos usufruam dos espaços a partir de perspectivas sensório-sentimentais antes inexistentes. Ao defrontar-se, pois, com as novidades impostas por essa gama de estímulos fora do comum — materiais e imateriais — o indivíduo é, subsequentemente, impelido a novas sensações e emoções decorrentes de tal experiência não-usual.

Outro fator importante, trata da efetividade incutida ao ato estético transformativo no espaço. Por exemplo: digamos que, em um uma praça completamente cinza, as paredes erigidas passem a ser amarelas, a fim de evocar uma ambiência de vitalidade e recreação àquela praça. Bem, a mera modificação da cor, com toda certeza, alteraria a relação do indivíduo com o espaço, entretanto os efeitos de tal modificação podem muito bem ser divergentes aos almejados — podendo, na verdade, evocar sentimentos de alerta e, consequentemente, tensão àqueles que permeiam tal praça.

As escolhas estéticas conscientes, portanto, nunca devem ser desatreladas dos contextos — materiais e imateriais — que configuram o objeto em seu estado presente, atual. É a partir dessa perspectiva que podemos inserir na discussão a importância da educação (ou conscientização) estética — não como ferramenta para determinar regras e estabelecer visões maniqueístas da realidade —, mas a fim de expandir os horizontes do indivíduo trazendo à tona a multiplicidade de

formas pelas quais se manifesta a estética; e, concomitante, elucidar o cidadão acerca do poder inerente à estética — de que sua formação como indivíduo, suas ideias e posicionamentos perante a factualidade da vida — advém do contato e do consumo de estéticas provindas das mais diversas fontes — alertando-os, portanto, no que concerne às imposições estéticas perpetradas pelos padrões vigentes, e de que maneira essas moldam — consciente e inconscientemente — a nossa forma de agir no mundo.

Outro fator preponderante para a compreensão da correlação entre a linguística do espaço com os espaços urbanos, é o conceito de imaginários. Os imaginários são fundamentais pois atuam como mediadores entre os indivíduos e seus espaços. Consistem nas representações coletivas, histórias, símbolos, mitos, e percepções que os habitantes têm de suas cidades. São moldados e refletidos na arquitetura, na arte, na cultura e em outras expressões espaciais da cidade. É necessário, inclusive, ressaltar que existe uma relação de reciprocidade em que espaço e imaginários se retroalimentam; vivem um *continuum* de transformatividade, onde o imaginário é fruto da impressão acerca do espaço, e o espaço é transformado pela atividade do indivíduo imbuída em seus imaginários — que desempenham um papel essencial na formação, percepção, transformação e leitura do espaço urbano.

Os imaginários urbanos moldam a maneira como o espaço é concebido e organizado. Por exemplo: a visão de que uma cidade é um centro de inovação artística pode resultar em espaços que refletem essa imagem

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

— incitando à criação de espaços como centros culturais modernos, institutos de criação coletiva, salas para apresentação e escolas voltadas às variadas modalidades artísticas.

De forma oposta, a maneira na qual os indivíduos percebem e experimentam o espaço, igualmente influenciam na formação dos imaginários urbanos. Por exemplo: ao assumir-se que uma cidade é decadente em sua estrutura cultural e artística, que existem notórios problemas de acessibilidade, além de uma austera estética visual urbana, dificilmente criar-se-á, no imaginário dos indivíduos, o retrato de uma cidade culturalmente rica, diversa e disposta ao investimento em áreas criativas.

Os dois parágrafos anteriores podem soar isomórficos, mas é necessário apontar para a sutil diferenciação entre ambos. No primeiro, trata-se do imaginário como elemento já disposto e assumido, como fator que determina ações consonantes do imaginário em direção ao espaço — do imaginário " Φ " geram-se ações de qualidade " Φ "; enquanto, no parágrafo seguinte, assume-se, de antemão, a factual disposição do espaço, em vias de vir a conceber o imaginário a posteriori — onde, portanto, um espaço com qualidades factuais " Φ " improvavelmente virão a conceber um imaginário de qualidade " $\Phi \cdot (-1)$ " no indivíduo.

Para além dessa relação, quase lógica, de leitura e criação direta — onde imaginário produz realidade, e realidade produz imaginário — os imaginários urbanos podem inspirar intervenções que buscam transformar o espaço — de modo a, portanto, perturbar e transformar o imaginário e a realidade já dispostas.

Por exemplo: uma cidade com evidentes problemáticas de saneamento, alto nível de poluição em diferentes esferas, ou dificuldades de subsistência energética, pode desvelar um imaginário utópico que anseia e empenha-se a modificar tal cenário; catalisando a ocorrência de intervenções — através da urgência pela mudança — como projetos de arte, design e arquitetura — e nos mais diversos âmbitos da sociedade — que promovam a sustentabilidade e buscam incorporar elementos naturalistas aos espaços cotidianos.

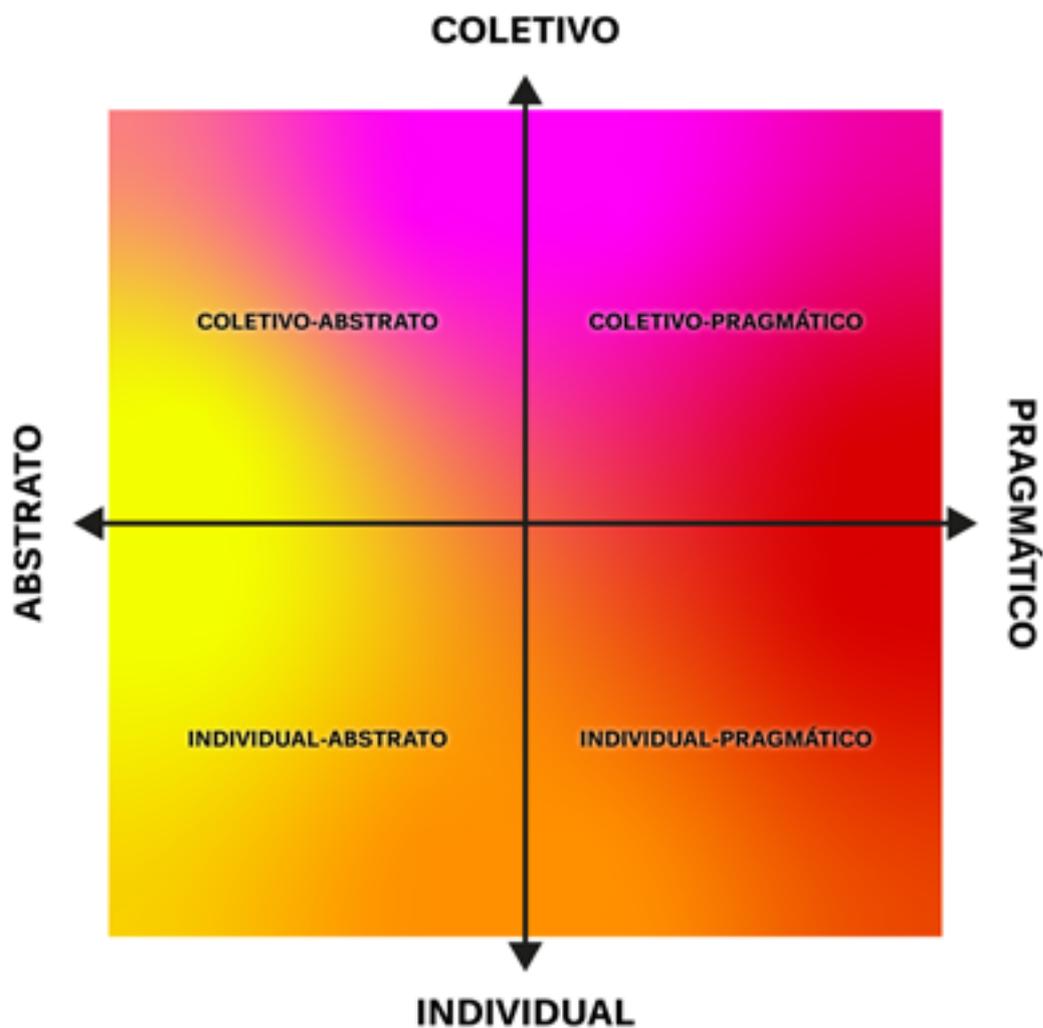
Por conseguinte, devemos levantar, aqui, o tópico da utopia, que torna-se fator preponderante para a constituição dessa pesquisa, uma vez que a utopia é, em essência, a visão de um espaço idealizado seja ele material ou imaterial. E, para além dessa idealização, configura-se em um processo contínuo de transformação da realidade — através de investidas que buscam superar o *status quo* de um cenário vigente — em vias de instaurar novos arranjos, a fim de aprimorar as condições de determinado sistema.

Ao tratar de utopia, caímos, ocasionalmente, na ambivalência das formas de interpretar-se tal termo. Por vezes, o assumimos como um cenário irreal, impossível, ao qual não valer-se-ia a pena escrutinar, ao decretar sua intangibilidade. Por outro lado, enxerga-se, na utopia, um objetivo, ao qual através dos devidos esforços, poder-se-ia instaurar e alcançar.

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

Ademais, enxergo na compreensão da utopia, por parte do indivíduo, uma divisão axiológica de tipologias, em dois eixos — eixo abstração-pragmatismo, e eixo coletivismo-individualismo —, onde teríamos dispostas, em seus devidos graus dentro de tal plano, as qualidades das utopias, a partir de cada indivíduo, emergidas.

Imagem 1: Plano axiológico de tipologias utópicas.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Tal elucidação surge da percepção proposicional do indivíduo na correlação com seus anseios. Num primeiro vislumbre, é nítido que ao direcionar uma utopia (ou um desejo-objetivo) em vias de realizar-se, tal manifesta-se sob a compreensão de para onde aponta-se aquela aspiração — onde, em seus extremos, observam-se os pólos do desejo direcionado para um acontecimento com impacto coletivo ou, no outro extremo, para um acontecimento com impacto individual. O segundo eixo refere-se à consistência da palpabilidade referente àquela utopia — onde, em seus extremos percebemos, para um pólo, a tangibilidade para sua ocorrência, através de um pensamento pragmático e, no pólo oposto, a intangibilidade referente à abstração das fórmulas para a concretização da utopia-objetivo em questão.

Em vias de exemplificar, portanto, apresento, aqui, uma utopia respectiva a cada um dos posicionamentos dentro do plano — coletivo-abstrato, coletivo-pragmático, individual-abstrato, individual-pragmático —, os quais seguem abaixo.

Para o primeiro (coletivo-abstrato): "Minha utopia seria que Brasília se tornasse uma cidade onde a felicidade do povo é prioridade". Aqui percebemos o direcionamento à coletividade, visando um objetivo abstrato. Para o segundo (coletivo-pragmático): "Minha utopia seria que, em Brasília, cada uma de suas regiões administrativas tivesse um centro artístico de referência para usufruto da comunidade". Aqui observamos o direcionamento à coletividade, mas, desta vez, com um objetivo pragmático delineado. Para o terceiro (individual-abstrato):

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

"Minha utopia seria alcançar o autoconhecimento e viver em plena paz comigo mesmo". Aqui, uma utopia que nitidamente se direciona ao indivíduo que a prospecta, e com caráter objetivo abstrato, imensurável. Para o quarto (individual-pragmático): "Minha utopia seria tornar-me um profissional renomado da Universidade de Brasília e galgar estabilidade financeira". Para tal, uma utopia que é claramente direcionada para a realização individual, mas que subsiste através de um cenário pragmático, alcançável, fatídico, fundamentado.

Acima, fiz a escolha pela utilização do termo *fatídico* com uma intenção em vista: a de escrutinar as ideias de fato e ficção, demonstrando que essas não se opõem uma à outra — mas funcionam como complemento numa espécie de (re) criação recíproca. A utopia é, nada mais que, uma ficcionalização da realidade, daquilo que é factual. Ao pressupor, pois, tal anseio "pela pergunta referente a quais dificuldades devem ser superadas ao se imaginar ou representar Utopia" (JAMESON, 2021, p.151) deve, o indivíduo, vislumbrar essa nova-possível-realidade, ao descrevê-la como narrativa de uma diferente-história. Rancière complementa a ideia de forma assertiva:

"O real precisa ser ficcionado para ser pensado. Essa proposição deve ser distinguida de todo discurso — positivo ou negativo — segundo o qual tudo seria 'narrativa' (...) A noção de 'narrativa' nos aprisiona nas oposições do real e do artifício (...) Não se trata de dizer que tudo é ficção (...) Escrever a história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade." (RANCIÈRE, 2009, p.58)

Para Fredric Jameson, a partir do advento inaugural para a ideia de utopia, proposta na obra *Utopia* de Thomas More, pode-se distinguir duas linhas de descendência: "uma que visa à realização do *Programa Utópico* e outra a um *Impulso Utópico* obscuro, embora onipresente, que encontra seu caminho para a superfície em uma variedade de expressões e práticas encobertas" (JAMESON, 2021, p.26-27).

Para o *Programa Utópico*, assume-se que a atuação em direção à esse tipo de utopia "será sistêmica e incluirá a prática política revolucionária" (JAMESON, 2021, p.27) e que, a partir de tal, formar-se-á uma "ordem social que são assim chamadas comunidades intencionais, além das tentativas de projetar novas totalidades espaciais na estética da própria cidade" (JAMESON, 2021, p.27).

Por outro lado, a vertente do *Impulso Utópico*, descrito como obscuro e variado, erige-se na edificação individual, através das teorias social e política, onde sua hermenêutica provém de um entrelaçamento subjetivo

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

no qual "o corpo, o tempo, e a coletividade" (JAMESON, 2021, p.27) atravessam o indivíduo e desvelam-se em alegorias a serem decifradas.

Ao trazermos para o contexto da urbanidade, o teor utópico atinge ambas as descendências destrinchadas por Jameson. Nesse tecido complexo, composto pelas mais diversas identidades e pulsões, "é difícil distinguir aqui as prosaicas práticas e os discursos cotidianos que afetam a vida urbana dos grandiosos sentidos metafóricos que se mesclam tão facilmente com emoções e crenças acerca da vida boa e da forma urbana" (HARVEY, 2014, p.208). E como forma de elucidar — apesar da distinção entre *Programa e Impulso Utópicos* — o nítido imbricamento na qual a utopia realiza-se de fato, visto que a ação do indivíduo nunca está dissociada de forma asséptica das emoções, por maior a racionalidade em que esteja pautada determinado ato, Harvey adiciona que "a política urbana se acha eivada de emoções e paixões políticas profundamente sustentadas mas com frequência subterrâneas nas quais têm um lugar particular sonhos utópicos" (HARVEY, 2014, p.208).

Com efeito, ao adicionar o contexto da arte urbana, entrelaçando-a à proposição e subsequente implementação das utopias — que desvelam-se através dos imaginários e das ficcionalizações —, podemos compreender o impacto que a experiência estética ao inscrever modificações nos cenários os quais habitamos; imputando modificações à compreensão estética do ser no espaço, e possibilitando a mutação de modos de vida. Rancière aponta:

"As formas da experiência estética e os modos da ficção criam assim uma paisagem inédita do visível, formas novas de individualidades e conexões, ritmos diferentes de apreensão do que é dado, escalas novas. Não o fazem da maneira específica da atividade política, que cria formas de enunciação coletiva (*nós*). Mas formam o tecido dissensual no qual se recortam as formas de construção de objetos e as possibilidades de enunciação subjetiva próprias à ação dos coletivos políticos. Enquanto a política propriamente dita consiste na produção de sujeitos que dão voz aos anônimos, a política própria à arte no regime estético consiste na elaboração do mundo sensível do anônimo, dos modos do isso e do eu, do qual emergem os mundos próprios do *nós* político."

(RANCIÈRE, 2012, p.65)

Adiante, posta a reverberação da experiência estética e da ficcionalização nessa construção do espaço urbano, a visão utópica pode inspirar os indivíduos a agir para transformar o espaço em torno deles. E aqui levanto a relevância das manifestações artísticas urbanas nesse processo de reflexão e transformação da realidade.

Manifestações artísticas urbanas como o graffiti, murais, instalações de arte pública, performances de rua, entre outras, se encaixam de maneira significativa na ideia do diálogo entre o acontecimento artístico que molda o espaço, e a mensagem propagada pelo espaço ao indivíduo que o habita.

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

É necessário reiterar que, embora a manifestação artística seja uma forma de o espaço "dialogar" com os indivíduos, tal comunicação é intermediada pelas pulsões do artista que cria a obra-acontecimento; há uma impressão digital de intencionalidade que faz-se, pois, intrínseca à obra-acontecimento experienciada pelo indivíduo que por ela é atravessado.

Podemos levantar alguns pontos fulcrais para elucidar a importância das manifestações artísticas urbanas nesse processo de diálogo e transformação do espaço.

As manifestações artísticas urbanas são uma forma de comunicação e, a partir delas, as mensagens são transmitidas desde aquele que as inscreveu — os artistas — até o indivíduo que permeia o espaço urbano em seu movimento cotidiano. Tais manifestações dão voz a diferentes grupos e comunidades. Através delas, levantam-se questões de múltiplas importâncias — políticas, sociais, culturais ou pessoais — e, nesse sentido, são uma maneira de o espaço se comunicar com o indivíduo.

Paralelamente, essas manifestações funcionam como instrumento de reivindicação do espaço público. Versando sobre o direito ao espaço urbano e apontando preferências para sua utilização. Podemos observar este tipo de reivindicação através de intervenções explícitas onde um ou mais artistas se apropriam de um espaço — por exemplo, uma praça em condições decadentes — e alteram aquele local a fim de poder praticar suas atividades, adequando tal ambiente à um determinado fim que lhes supre a necessidade.

Ademais, partindo para o âmbito perceptivo, sensório-sentimental, as manifestações alteram a maneira como as pessoas percebem e interagem com o espaço. Através de estímulos que encontram-se fora da normalidade para tais ambientes — estímulos esses, recebidos pelo sistema sensorial e processados pelo sistema cognitivo — uma obra de arte carrega a potência de transformar um espaço cotidiano em algo extraordinário, alterando sensações, sentimentos e, não obstante, o comportamento do indivíduo no espaço em questão.

Por fim, a inscrição das manifestações dentro do espaço urbano confere a criação de identidades, sustentada pelos valores e aspirações daqueles que, do espaço em questão, se apropriam. Tal característica da manifestação artística denota o processo de identificação da população que preenche aquele espaço, configurando um senso de comunidade e pertencimento, incentivando a participação social na constante reconfiguração e manutenção de seu habitat.

Ao entender-se a funcionalidade das manifestações artístico-culturais no contexto urbano, seguimos por entrecruzá-las com o conceito de multimodalidade — tanto artístico, quanto sensorial — demonstrando o quanto estão intrinsecamente relacionadas, uma vez que ambas convergem para a interação e integração de múltiplos canais sensoriais. E, embora os enfoques desses conceitos de multimodalidade — artística e sensorial — possam divergir ligeiramente, uma análise conjunta revela suas significativas conexões.

A multimodalidade sensorial, em essência, diz respeito à capacidade inerente aos seres humanos de perceber e processar informações sensoriais

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

através de diversos canais sensoriais, incluindo visão, audição, tato, paladar e olfato. Essa concepção enfatiza a sinergia dos sentidos na formação de uma percepção global do ambiente e das experiências sensoriais. Por exemplo, ao saborear uma refeição, não apenas o paladar é empregado para discernir sabores, mas também a visão para avaliar a apresentação visual do prato e o olfato para detectar os aromas presentes.

É importante destacar que a multimodalidade sensorial é investigada extensivamente em campos como a psicologia e a neurociência, com o intuito de compreender como o cérebro orquestra a integração de informações sensoriais provenientes de múltiplas fontes.

Por outro lado, a multimodalidade artística se configura como uma prática criativa que amalgama e sintetiza diversas formas de expressão artística. Tal abordagem transcende as fronteiras tradicionais das disciplinas artísticas, incorporando elementos visuais, sonoros, cinéticos, verbais, entre outros, com o objetivo de criar experiências artísticas com a profundidade de envolvimento e abrangência sensorial.

De modo crucial, a multimodalidade artística visa a estimulação e o envolvimento dos sentidos do espectador por meio da exploração de múltiplas modalidades sensoriais. Nesse contexto, uma performance multimodal, por exemplo, pode agregar música, dança, teatro, artes visuais e literatura para proporcionar ao público uma experiência que abarca a visão, a audição e outras modalidades sensoriais, resultando em uma experiência multissensorial.

A correlação entre esses conceitos reside na premissa de que a multimodalidade artística frequentemente busca explorar e aproveitar a multimodalidade sensorial do público. Ao entrelaçar diferentes formas de expressão artística em uma única obra, os artistas são capazes de instigar os sentidos do espectador, proporcionando experiências inéditas.

Por conseguinte, a multimodalidade artística se manifesta como uma estratégia eficaz para explorar a riqueza da multimodalidade sensorial, ampliando o alcance das experiências artísticas para além dos limites estreitos das disciplinas artísticas individuais. Em síntese, a multimodalidade artística representa uma exploração, uma manifestação da multimodalidade sensorial, empregando-a como um veículo para a criação de experiências imersivas e transformadoras.

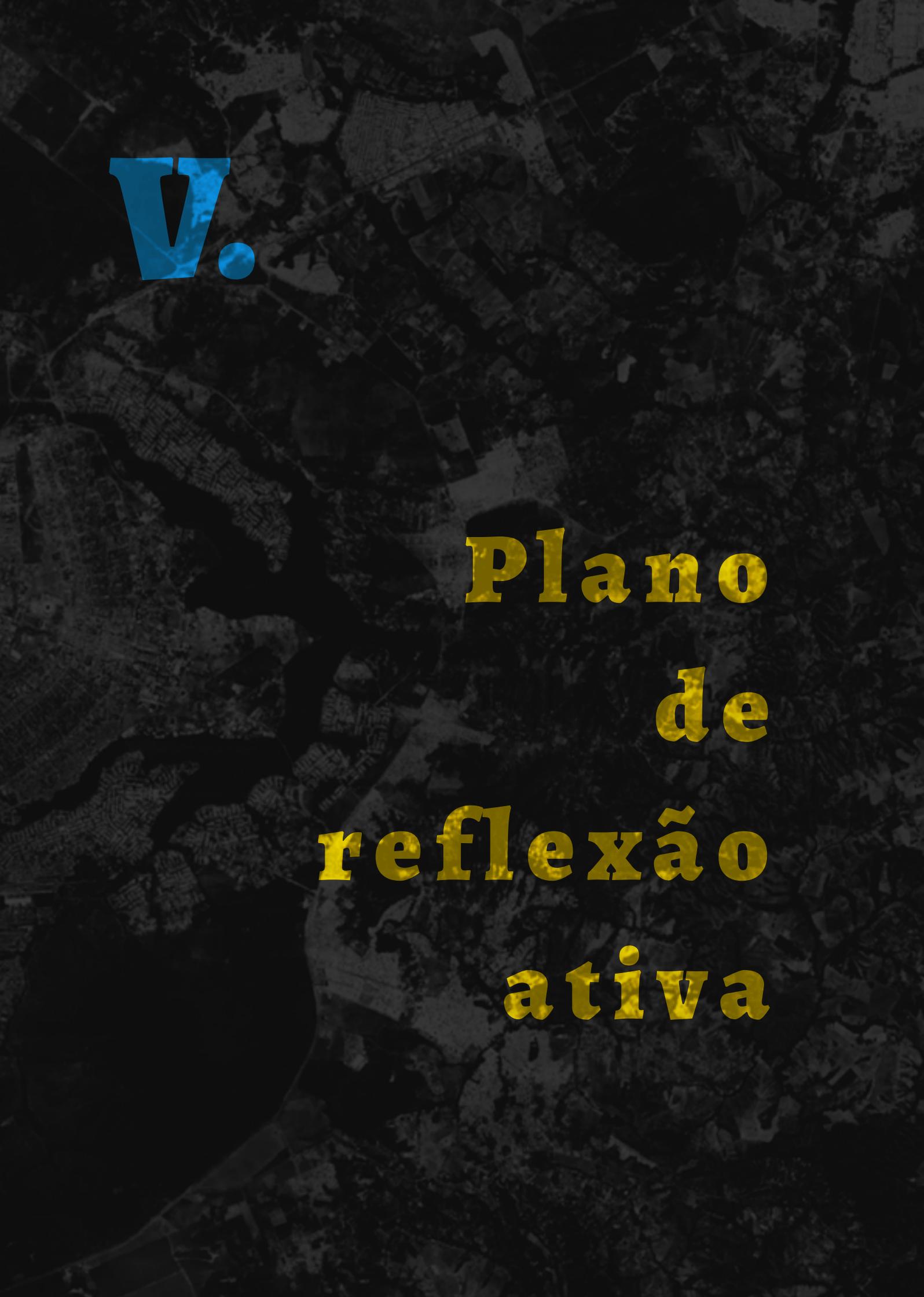
Por fim, ao entrelaçar as temáticas abordadas neste capítulo, é necessário levantar a importância dos espaços latentes como potência para a realização de expressões artístico-culturais. Como definição, proponho tais espaços latentes como todo e qualquer espaço que encontra-se subutilizado à nível de apropriação por parte do indivíduo. Espaços tais que comumente encontram-se no deslocamento cotidiano, e acabam tendo sua existência praticamente apagada. Não obstante, tais espaços latentes referem-se, também, a todo e qualquer espaço urbano que, dentro da perspectiva artística abordada por esse projeto, encontra-se em estado de dormência — podendo, através de iniciativas artísticas, voltarem à vida, serem reativados.

Sensorialidade & Sentimento, Estética, Imaginários e Utopia

Como primeiro imbricamento, trago a questão da estética — atrelada à sensorialidade e ao sentimento — dos espaços latentes. Ao reativar tais locais, o espaço pulsará novos estímulos, que serão apreendidos e significados pela sensibilidade daqueles que o recebem. Adiante, a partir da correlação dessas localidades com os imaginários, teremos uma dinâmica de metamorfose da imagem, que antes fôra perpetrada para aquele espaço, estimulando, pois, que o indivíduo passe a lidar com tais ambientes de forma a apropriar-se da nova imagem construída, contribuindo com sua transformação, e imputando intencionalidade às modificações espaciais. O que acaba por nos levar à condição de proposição de ficções, da formulação de utopias para cada específico espaço, em vias de entender quais são os anseios para a existência de tal local, a fim de reconformá-lo, trazendo luz àquele que ficcionaliza e repensa o espaço, imprimindo, pois, as qualidades funcionais e emocionais almejadas.

An aerial photograph of a city at night, showing a grid of streets and illuminated buildings. In the foreground, a dark silhouette of a person is visible, looking out over the city. The overall tone is dark and atmospheric.

Desenvolvimento

An aerial photograph of a city, likely Rio de Janeiro, showing a dense urban grid and a winding river. The image is dark and serves as the background for the text.

v.

**Plano
de
reflexão
ativa**

Para essa dissertação, portanto, a base investigativa é constituída através de um processo cartográfico referente às trajetórias de vida e aos imaginários — dos artistas que compõem o corpus desta pesquisa — na correlação entre sensorialidade, sentimentos, e as expressões artísticas inseridas nos espaços urbanos do Distrito Federal.

Trago, concomitantemente, uma reflexão sobre o papel das manifestações artístico-culturais nos espaços urbanos cotidianos como fator potencializador no despertar de ideias e na proposição de questionamentos aos indivíduos que habitam a cidade.

Não obstante, também, uma crítica sobre nossa capacidade dialógica para com os espaços habitados, ao propor que a conscientização estética — do sentir, do sensível — nos torna mais aptos para entender as necessidades do espaço e, nesses, propor ações transformativas de mediação.

O objetivo é — com a participação de artistas do Distrito Federal — mapear o território e formular intervenções artísticas que afetem o cotidiano dos cidadãos. Para tal construção, questionários, entrevistas semiestruturadas e grupos focais serviram como ferramentas.

O resultado formaliza-se na *Cartografia Utópica Artístico-Cultural*: na qual sobrepõem-se os imaginários sensório-sentimentais dos espaços do DF, as cartografias sensíveis respectivas a cada um dos artistas, e as proposições de intervenção formuladas.

Desenvolvimento — Plano de reflexão ativa

Essa investigação partirá do imaginário relacionado à sensorialidade e sentimento de artistas do Distrito Federal (DF), tendo como objetivo a apreensão de um retrato sensório-sentimental do território do DF, e a elaboração de uma *Cartografia Utópica Artístico-Cultural* no DF.

Para tal, é importante estabelecermos valores e funções relacionadas à exploração dos imaginários, uma vez que, a partir dessa ótica, poderemos inferir as relações entre os actantes dessa pesquisa e as ambiências por esses permeadas.

O imaginário apresenta-se como instrumento subjetivo de percepção — e impressão — das ideias de mundo do indivíduo. É através do imaginário que conseguimos perceber quais são as concepções atribuídas aos espaços, quais são as imagens que atingem o sujeito nessa formação do caráter espacial. O imaginário — apesar de subjetivo, particular — surge da configuração coletiva das acepções acerca de determinado local ou objeto. Não é determinado apenas por uma opinião — muitas vezes, quiçá, pela realidade — mas pelo conjunto das ideias, formando uma "massa disforme" que ao ser observada à distância revela padrões, mas nunca um teor definitivo. Mais que um aglomerado de concepções, a leitura dessa "massa de imaginários" nos aponta para a relação simbólica dos indivíduos com o espaço. Wunenburger nos coloca:

"O imaginário, assim enraizado num sujeito complexo, não redutível a suas percepções, não se desenvolve, porém, em torno de imagens livres, mas lhes impõe uma lógica, uma estruturação, que faz do imaginário um 'mundo' de representações. (...) o imaginário deve sua eficácia a uma ligação indissolúvel entre, por um lado, estruturas — que permitem reduzir a diversidade das produções singulares de imagens a alguns conjuntos isomorfos — e, por outro lado, significações simbólicas, reguladas por um número infinito de esquemas, de arquétipos e de símbolos." (WUNENBURGER, 2007, p.20)

Posto aqui, também, o imaginário como elemento urbano, podemos, então, correlacioná-lo às funções de sociabilidade dos sujeitos. É através dessas imagens simbolicamente formadas que entendemos — diante da multiplicidade subjetiva — como os indivíduos atuam dentro dos espaços e sobre esses espaços. Um lugar caracterizado pela tristeza — como um cemitério — dificilmente será palco de ações entusiasmadas. Dentro de um escritório, por exemplo, de certo não irão se desvelar atitudes de zombaria. Agora, em meio a um grande evento de música, não espere que as pessoas ajam de forma contida, mas sim que extravasem-se em seus frenesis. O ponto é, por meio do imaginário também se compreendem as estruturas arraigadas aos locais e situações, além das atitudes perpetradas em cada espaço. Wunenburger complementa:

Desenvolvimento — Plano de reflexão ativa

"O imaginário não satisfaz tão-somente as necessidades da sensibilidade e do pensamento, realizando-se igualmente em ações, ao dar-lhes os fundamentos, motivos, fins, e ao dotar o agente de um dinamismo, de uma força, de um entusiasmo para realizar seu conteúdo."

(WUNENBURGER, 2007, p.62)

"O que, com efeito, incita os homens a agir socialmente, a obedecer, a respeitar as autoridades, as normas e as leis, a orientar seus desejos? Sem um invólucro, uma sobrecarga, um horizonte de imaginário, a vida em sociedade sofreria grave risco de mostrar-se bastante arbitrária e frágil. Nem a autoridade, nem a justiça, nem o trabalho poderiam encontrar seu lugar na sociedade se não estivessem, num grau ou em outro, tecidos no imaginário." (WUNENBURGER, 2007, p.62)

Por conseguinte, necessitamos estabelecer o conceito de ambiência — que acaba por manifestar-se, de certa forma, no pólo oposto ao imaginário, mas não os tornando ambivalentes, e sim complementares na compreensão dos espaços. Enquanto o imaginário parte do indivíduo no ato de concepção do espaço, a ambiência é a manifestação ontológica do espaço no indivíduo. A ambiência não é especificamente relacionada à percepção do espaço, mas ao sentimento do mesmo. Thibaud nos esclarece:

"(...) a ambiência 'se experimenta' ou 'se sente' mais do que 'se percebe'. Ela é sempre revestida de emoção e de sensibilidade (...). Dito de outra maneira, a ambiência não é em nenhum caso redutível a um puro ato de entendimento; ela confere um valor ao que aparece e exprime a tonalidade afetiva do instante (...) ela nos 'imerge', nos 'impregna' ou nos 'apreende'. (...) É uma presença que permanece difusa e disseminada, mas que, mesmo assim, é sentida mais ou menos intensamente segundo o que precede e o que se segue." (THIBAUD, 2018, p.16-17)

Dessa forma, é através das ambiências que os indivíduos se situam emocionalmente dentro dos espaços, havendo, portanto, correlação com a questão de sociabilidade já levantada diante dos imaginários. O espaço é comunicativo e, em nós, inscreve, por meio de suas qualidades, determinados *modus operandi*.

Para além disso, é necessário frisar que essas qualidades espaciais não são estáticas — mas sim mutáveis. O espaço é uma entidade fluida, composta, viva — formada pela composição dos corpos, objetos e tensões que a habitam. É um sistema que se realiza não apenas pela soma de seus órgãos-elementos constituintes mas, sim, por suas inter-relações. Thibaud continua [os grifos a seguir são complementações minhas]:

Desenvolvimento — Plano de reflexão ativa

"(...) os objetos que nós apreendemos pela percepção não são jamais separados, mas estão sempre em relação, sempre dispostos e arrumados uns em relação aos outros [e aqui incluo o corpo como objeto perceptivo-ativo]. (...) os objetos não deixam inalterado o meio sensível no qual eles se inscrevem. De certa maneira eles irradiam para as circunvizinhanças, projetando suas qualidades para além deles mesmos, e coloreem a totalidade do campo ambiental. Basta retirar ou colocar um objeto em um local para se notar que ele não se limita a produzir ou a preencher um vazio, mas ele modifica fundamentalmente a composição global daquilo que nos é dado a ver [perceber, sentir e, consequentemente, agir]." (THIBAUD, 2018, p.22)

Chegamos aqui, portanto, às cartografias — mais especificamente à *Cartografia Utópica* — que parte da intencionalidade poética do indivíduo no espaço, em vias da reconfiguração dos territórios habitados, sustentada por seus desejos de mudança — de panoramas sociais, culturais, políticos e, até mesmo, cosmológicos — apresentados pelas composições vigentes de realidade. Reconfigurações a partir das quais entendemos a potência do ato poético sobre o espaço, em que "(...) Do ponto de vista pragmático, manipular uma ontologia é manipular a realidade, pois alteram-se as vias pelas quais aceita-se que a cognição e a criação podem ocorrer" (VASSÃO, 2010, p.36-37).

Por *Cartografia Utópica*, mesclo aqui dois conceitos: utopia e cartografia. Em utopia, me aproprio da ideia colocada por Serge LaTouche de que na contramão das utopias tidas como utopias impossíveis, temos as utopias concretas — que referem-se à capacidade humana de vislumbrar reais possibilidades de cenários ainda não existentes, mas completamente plausíveis. Para cartografia, um termo com suas raízes nas áreas dos estudos da terra — como geografia e geologia — uma re-conceitualização trazida pelas cartografias sentimentais — conceito proposto por Suely Rolnik —, que aponta nas paisagens psicossociais a mudança do território habitado. Apropriando-me, pois, de *carto* e *graphos* com a intencionalidade da criação descritiva de espaços sensório-sentimentais atrelados à utilização artística, como parte do processo metodológico — e maneira de levantar dados que extrapolam a racionalidade da articulação verbal, mas que também estejam calcados na potencialidade do gesto, que é um elemento fundamental na nossa correlação com os espaços.

A problemática disposta pela pesquisa é de que a ausência da arte e da cultura no cotidiano urbano distancia o indivíduo da compreensão sobre o espaço em que habita e, conseqüentemente, da postura ativa, poética, e apropriativa, sobre tais espaços aos quais o cidadão tem direito.

Justifico sob a perspectiva de que a presença das manifestações artístico-culturais, nos espaços urbanos, catalisa, no indivíduo, a reflexão crítica sobre questões complexas e sistêmicas da cidade — em seu amplo aspecto que afeta múltiplas esferas da vida urbana em sociedade: questões morais, éticas, políticas, sociais,

Desenvolvimento — Plano de reflexão ativa

econômicas, ambientais e existenciais. Onde, para além da "(...) representação, do ornamento e da decoração, a arte pode se tornar práxis e *poiesis* em escala social: a arte de viver na cidade como obra de arte" (LEFEBVRE, 2001, p. 134).

Remetendo à Lefebvre, a visão é suscitada pela pungência de transformação do espaço através de vias artísticas — como reforma urbana:

"(...) cada projeto de *reforma urbana* põe em questão as estruturas; as da sociedade existente, as das relações imediatas (individuais) e cotidianas, mas também as que se pretende impor, através da via coatora e institucional, àquilo que resta da realidade urbana. Em si mesma *reformista*, a estratégia de renovação urbana se torna 'necessariamente' revolucionária, não pela força das coisas mas contra as coisas estabelecidas." (LEFEBVRE, 2001, p.113)

"Pôr a arte ao serviço do urbano não significa de modo algum enfeitar o espaço urbano com objetos de arte. (...) Isso quer dizer que os tempos-espaços tornam-se obra de arte e que a arte passada é considerada como fonte e modelo de *apropriação* do espaço e do tempo. A arte traz casos e exemplos de 'tópicos' apropriados: de qualidades temporais inscritas em espaços." (LEFEBVRE, 2001, p.133)

Justifico, ademais, pela característica intrínseca à experiência — do fazer e do usufruto — artístico de pedagogia dos sentidos — e do sensível. Tal aprimoramento estético, tal conscientização, atua, pois, como ferramenta basilar, empática e dialógica, entre os espaços habitados e o indivíduo que o habita.

A reflexão aqui tratada é a de que expressões artístico-culturais, disseminadas nos espaços urbanos, têm a potencialidade de provocar e resgatar os sentidos — ou melhor, nossos "sistemas sensoriais" (PALLASMAA, 2011, p. 29) — suprimidos durante a vida cotidiana, suscitando, assim, um reavivamento de nossa sensorialidade e sentimentos.

Reavivamento a partir do qual permite-se uma expansão do pensamento crítico sobre a utilização dos espaços — dentro de suas funções sociais, políticas, ambientais, econômicas e demais desdobramentos — instigando, àqueles que são tocados pelas expressões de criatividade, debates e diálogos acerca dos estímulos e temáticas apresentadas, por meio do usufruto estético das manifestações culturais e das obras de arte.

A "re-estesia" funcionaria como um catalisador para a compreensão dos léxicos intrínsecos a cada espaço que ocupamos, trazendo luz às características e finalidades vigentes e latentes de cada espaço. A "re-estesia" traria, assim, elucidação sobre as necessidades e vontades para o espaço; propiciando — a partir do posicionamento lúcido — a possibilidade de reescrita, reestruturação, remodelamento, para novos fins que julguem servir ao "bem-viver", como coloca Morin:

Desenvolvimento — Plano de reflexão ativa

"A noção de *buen vivir*, ou bem viver, engloba todos os aspectos positivos do bem-estar ocidental, rejeita seus aspectos negativos que provocam mal-estar, abre a via para uma busca do bem viver que comporta aspectos psicológicos, morais, de solidariedade, de convivialidade. Seria necessário introduzir na preocupação pedagógica o viver bem, o 'saber-viver', 'a arte de viver', o que se torna cada vez mais necessário diante da degradação da qualidade de vida (...) Chegamos à ideia de que a aspiração pelo bem viver necessita do ensino de um saber-viver em nossa civilização." (MORIN, 2015, p.30)

Seria como propor uma terapia integrativa para com cada espaço que toca nossas vidas, desde o mais íntimo, ao completamente público; investir em sessões de "psicanálise ambiental".

Muito se fala sobre reparar nossas feridas internas, sobre cuidar da nossa saúde mental... poderíamos, contudo, inverter — ou dar um passo atrás — nessa lógica. Ao nos reconciliarmos com o espaço, ao reparar suas feridas e cuidar de sua saúde espacial, não estaríamos tratando a raiz — também externa, e não somente a interna — dos nossos problemas? Dando espaço ao espaço, para reconhecer-se e recompor-se de seus traumas históricos, que hoje incorporados à sua personalidade, tanto nos ferem?

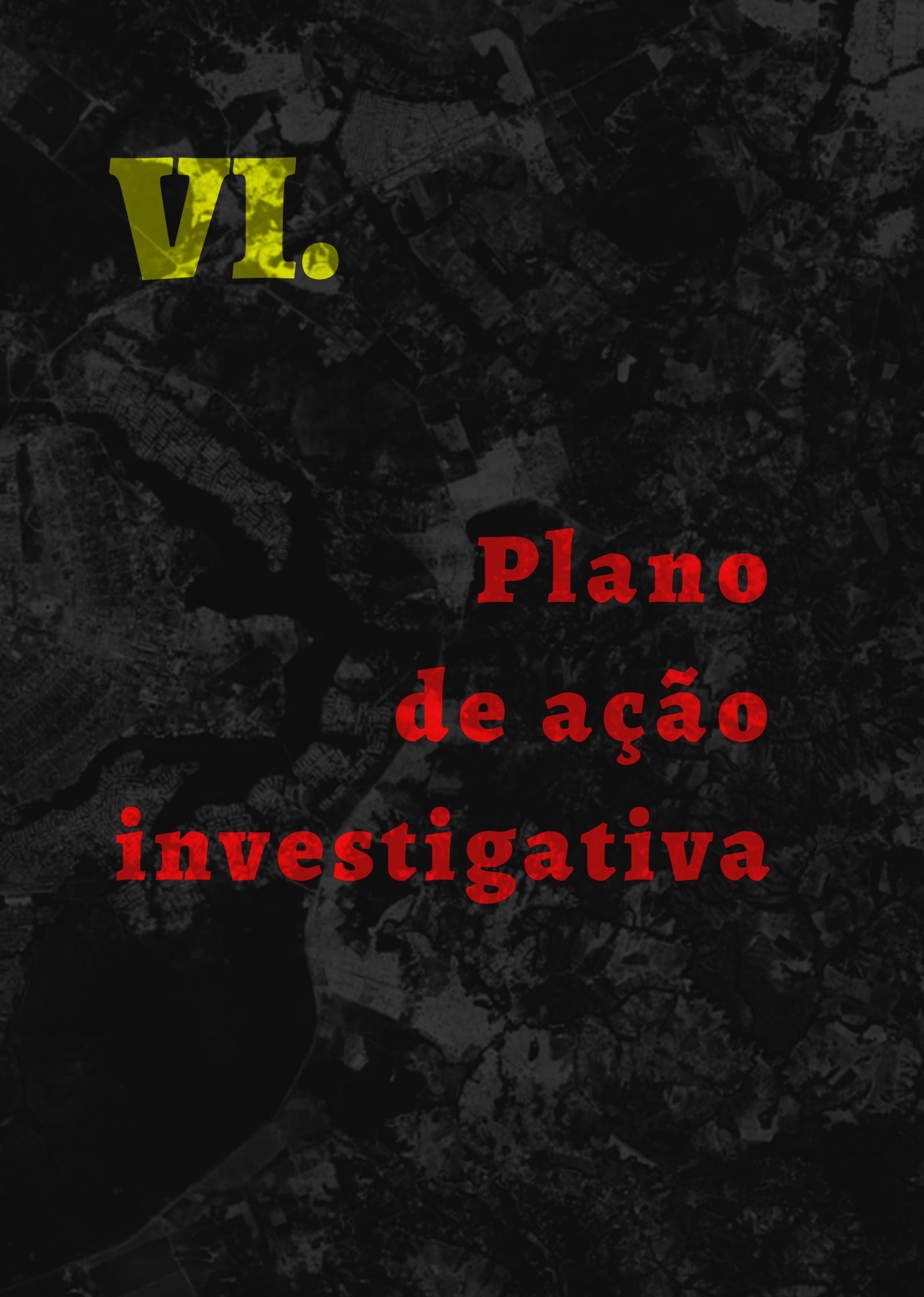
Botemos — principalmente nós, designers, arquitetos e artistas — o espaço no divã. Chegou a hora de lavar as roupas sujas. De botar ordem na casa. De aquietar, dar espaço, sentir, ouvir um ao outro. Se não fizermos isso, onde nossa relação com os espaços vai parar?

A proposição é que deixemos o espaço nos afetar, legitimamente, nesse diálogo estabelecido entre nós — indivíduo e espacialidade. Assim podemos dialogar com franqueza, de maneira pré-verbal. Mais que criar definições tipológicas sobre o espaço, é aferi-lo sensivelmente. Despir-nos daquilo que entorpece nossos sentidos e enturvece nossa existência, para exercitar a reeducação sensorial.

Desenvolvimento — Plano de reflexão ativa



Percorso Metodologico

An aerial photograph of a city grid, showing a river winding through the streets. The image is dark and serves as a background for the text.

VI.

**Plano
de ação
investigativa**

Têm-se, diante da problemática e objetivos apresentados, uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual o percurso metodológico desenrola-se através dos passos descritos nos parágrafos abaixo. E, a fim de facilitar nossa compreensão posterior, no momento das análises, vou enumerar cada uma das etapas.

A 1ª etapa deu-se na formulação e aplicação de um questionário. O objetivo, levantar dados acerca da correlação entre os os sistemas sensoriais (visão, audição, paladar, olfato e tato) e os sentimentos (amor, medo, paz, angústia, alegria, etc) daqueles que participassem dessa etapa. A configuração proposta fez-se a partir da livre elucubração sobre os seguintes pares de sentimentos: alegria-tristeza, confiança-medo, tranquilidade-angústia, inspiração-desmotivação, empatia-hostilidade, criatividade-apatia. A intenção foi aproximar os interrogados da sensibilidade perceptual, e levantar relatos subjetivos sobre o imaginário dos sentimentos.

Concomitante, 1ª etapa, ao categorizar as expressões artístico-culturais (e lembrando o caráter híbrido das artes, que se encaixam, por vezes, em mais de uma das categorias) — em musicalidades, artes plásticas, literárias, performáticas do corpo e artes urbanas — pediu-se aos entrevistados que citassem exemplos já existentes e apropriados, e espaços possíveis para apropriação. A intenção foi gerar um levantamento de espaços com latência artística no território do Distrito Federal.

Concluindo a descrição da 1ª etapa, esse questionário foi aplicado de forma ampla, sem restrição de público-alvo, de modo a coletar dados do

Percurso Metodológico — Plano de ação investigativa

maior número possível de indivíduos. Nele, todavia, também, o objetivo foi de afunilar-se na seleção do grupo amostral do estudo — artistas do DF — que participaram das etapas subsequentes: as entrevistas semi-estruturadas, e os grupos focais.

As respostas obtidas na 1ª etapa tiveram, conjuntamente, intenção de criar os grupos focais do passo número 3 — denominado *Cartografia Utópica Artístico-Cultural dos espaços urbanos no Distrito Federal*; obtendo, através das respostas dos questionários, uma base informacional utilizada para o desenrolar das atividades durante os grupos focais.

A 2ª etapa consistiu na realização de entrevistas individuais semi-estruturadas, nas quais recebi — através do afunilamento decorrente da 1ª etapa — os artistas que demonstraram interesse em fazer parte da amostra investigada. O roteiro das entrevistas teve como base o escopo prévio já apresentado no desenvolvimento teórico da pesquisa — disponível no apêndice da dissertação.

O intuito das questões levantadas na 2ª etapa foi aprofundar o escopo teórico, utilizando-se do referencial qualitativo inerente ao contexto de cada um dos entrevistados. Enriquecendo, desta forma, a discussão acerca das temáticas, a partir das distintas — e também das similares — perspectivas nas quais os objetos eram destrinchados. Permitindo, posteriormente, estabelecerem-se relações ao cruzarem-se os depoimentos.

Na seção onde realizar-se-á a análise teremos uma melhor visão das temáticas abordadas. Para fins, contudo, de introduzi-los aos tópicos investigados,

trago aqui um breve levantamento daquilo que, aos entrevistados, foi interrogado: (I) Importância da arte; (II) Arte no Distrito Federal; (III) Arte no cotidiano; (IV) Espaços não designados para a arte; (V) Estética; (VI) Utopia.

Após período para transcrição, leitura e análise das etapas anteriores — questionário e entrevistas — desembocamos, por conseguinte, na 3ª etapa: a *Cartografia Utópica Artístico-Cultural dos espaços urbanos no Distrito Federal*, vivência que buscou traçar um panorama entre sensorialidade, arte e cultura nos espaços urbanos do Distrito Federal, através da intervenção dos participantes no mapa do DF.

A partir das respostas e da demonstração de interesse — dispostas na 1ª etapa —, formaram-se os grupos focais compostos por artistas do DF. Foram dois grupos focais, formados pela maior heterogeneidade possível de perfis sócio-econômicos e interligando, tais participantes, justamente pela complementaridade de seus ofícios. Contemplando, assim, o fazer artístico — e consequente manipulação do sensível — e a apropriação dos espaços urbanos para a realização de acontecimentos artístico-culturais.

Percurso Metodológico — Plano de ação investigativa

Imagem 2: Vista topográfica do Distrito Federal, capital do Brasil.

Utilizado como base para as atividades da 3ª etapa, das *Cartografias Utópicas*.



Sigamos, pois, com um destrinchamento do itinerário de atividades proposto aos participantes da *Cartografia Utópica*.

Iniciamos com a etapa "Cartografia Sensório-sentimental" — com duração aproximada de 45 minutos — onde os grupos receberam um mapa do território do Distrito Federal — junto à lâminas de papel vegetal —, em formato A1, para mapear, e imprimir sobre o mapa, suas percepções sensoriais e sentimentais relacionadas aos espaços. Esse processo serve para os participantes — tendo consciência dessa impressão emocional do espaço — como referência e justificativa aos locais escolhidos para as intervenções.

Seguimos com a 2ª etapa "Mapeando Espaços Latentes" — com duração aproximada de 30 minutos. Nesta etapa os grupos continuam seu trabalho no mapa recebido, onde, dessa vez, devem apontar locais aos quais consideram latentes para intervenções artísticas. Ao realizar essa etapa, os participantes concluem o mapeamento em si, obtendo duas camadas de informação sobrepostas: a visão sensível do espaço e os espaços latentes para utilização, desembocando na formulação dos planos de intervenção.

A 3ª etapa — derradeira a nível criativo — foi denominada "Projetando Utopias – Intervenções Artísticas" — com duração aproximada de 45 minutos. Com os mapeamentos realizados, os grupos terão decodificado aspectos dos espaços, angariando embasamento para realizar a escolha de suas intervenções. Nesta etapa, portanto, o objetivo é projetar as intervenções, valendo-se da justificativa para a

Percurso Metodológico — Plano de ação investigativa

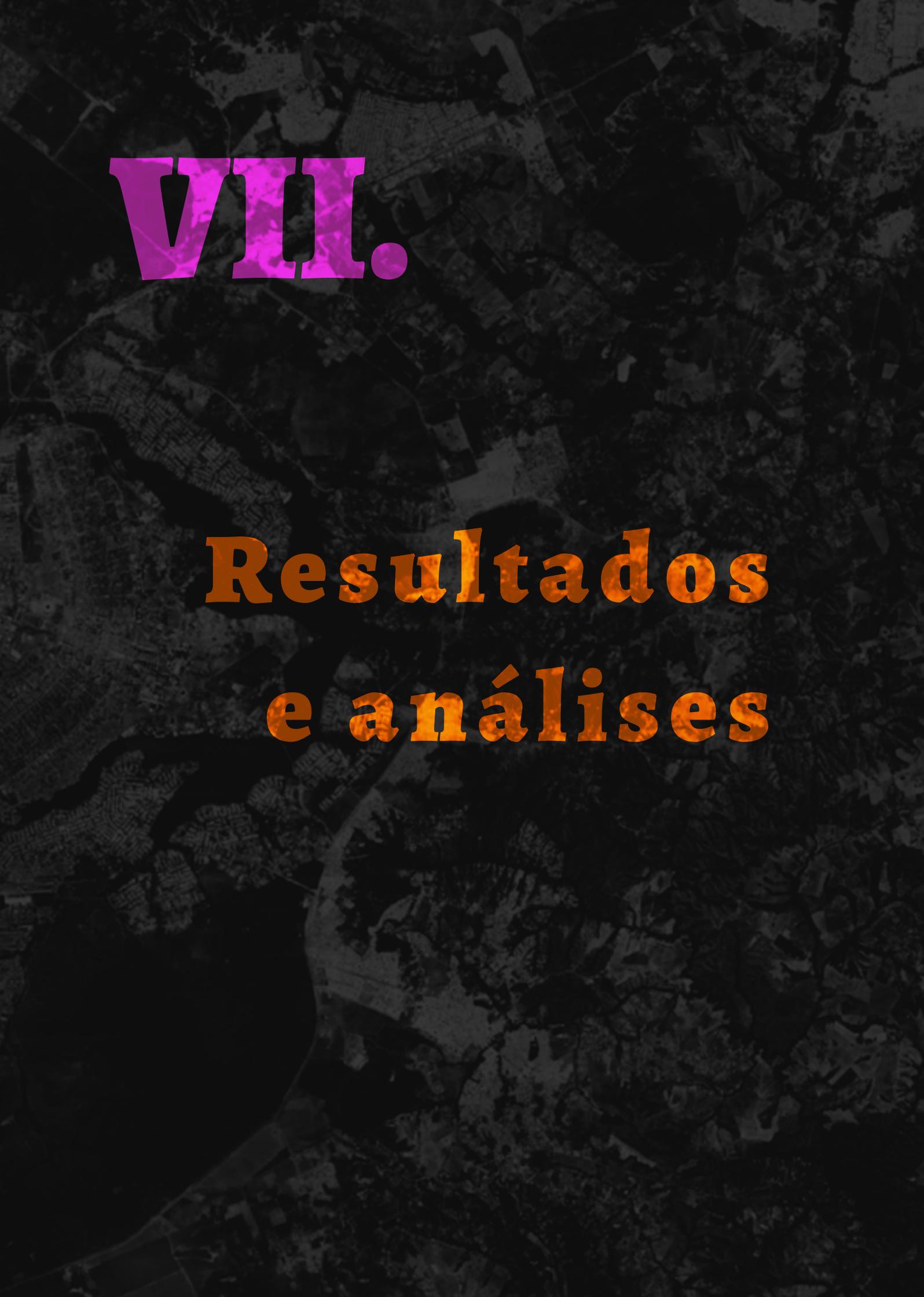
escolha dos locais e para as características artísticas específicas que compõem a intervenção formulada.

Por fim, cada um dos grupos dispõe de 20 minutos para a 4ª etapa — a "Apresentação do Plano de Intervenção Artística" — onde elucidam suas ideias aos demais participantes.

Passados, e registrados, todos esses processos — etapas 1, 2 e 3: questionário, entrevistas e grupos focais —, a finalização da pesquisa dar-se-á através da análise dos materiais coletados. A ideia é, através do cruzamentos de tais dados com característica qualitativa, formar uma base para a interpretação e compreensão dos dados ilustrada pelas convergências de motivos e temas levantados a partir dos tópicos de discussão investigados.

Concomitante — e como consequência da elaboração das *Cartografias Utópicas* — angario dados imagéticos para realizar uma análise cruzada entre os fatores levantados individualmente e os fatores apontados pelos grupos, nessa relação do espaço artístico-cultural urbano do DF e suas qualidades sensório-sentimentais.

Podendo, dessa forma, traçar propostas de cenários para apropriações dos espaços no DF, por meio das expressões artístico-culturais. Elucidando, de tal maneira, a importância da presença de expressões artístico-culturais no cotidiano cível em vias de potencializar a assimilação da consciência poético-transformativa do indivíduo sobre o espaço. Outrossim, obteremos uma ampliação do acervo de informações sobre o imaginário sensório-sentimental do território do DF.

The background of the entire page is a dark, grayscale aerial photograph of a city or town. The image shows a dense network of streets, buildings, and a winding river or canal that flows through the urban landscape. The overall tone is somber and detailed.

VII.

**Resultados
e análises**

Em vias de trazer, aqui, os resultados e análises provenientes das etapas descritas no percurso metodológico, as destrincharei, cada, de forma sequencial. Primeiro, vos apresentarei os resultados e análises da 1ª etapa — os questionários. Em seguida, na 2ª etapa, e de forma mais particularizada para cada um dos agentes entrevistados, as entrevistas semi-estruturadas. E, por fim, a 3ª etapa, as *Cartografias Utópicas*, na qual temos construções coletivas, representadas por dois grupos focais.

Vale ressaltar que, visto a extensão dos resultados documentais em sua integralidade — tanto dos questionários, quanto das entrevistas —, estes estarão disponibilizados nos anexos e apêndices desta dissertação. As respostas ao questionário, em sua forma textual. As respostas às entrevistas, através de *links* para acesso, na plataforma *YouTube*, configurado como "não-listado", para que apenas sejam acessadas por aqueles em contato com a pesquisa.

Começemos, portanto, a exposição das etapas formadoras do método aplicado para levantamento de dados.

Resultados e análises

1ª ETAPA — QUESTIONÁRIO

A parte inicial dos questionários teve cunho demográfico, a fim de mapear o perfil dos participantes para a decorrente filtragem e organização das etapas subsequentes. Tais dados, por mais que notadamente tenham cunho quantitativo, funcionam aqui, na verdade, como informações de cunho qualitativo, através das quais pode-se melhor compreender as características formadoras das 18 pessoas que responderam ao questionário, e traçar um panorama — obviamente não generalizador em relação ao DF — que delineie os atributos gerais desse grupo.

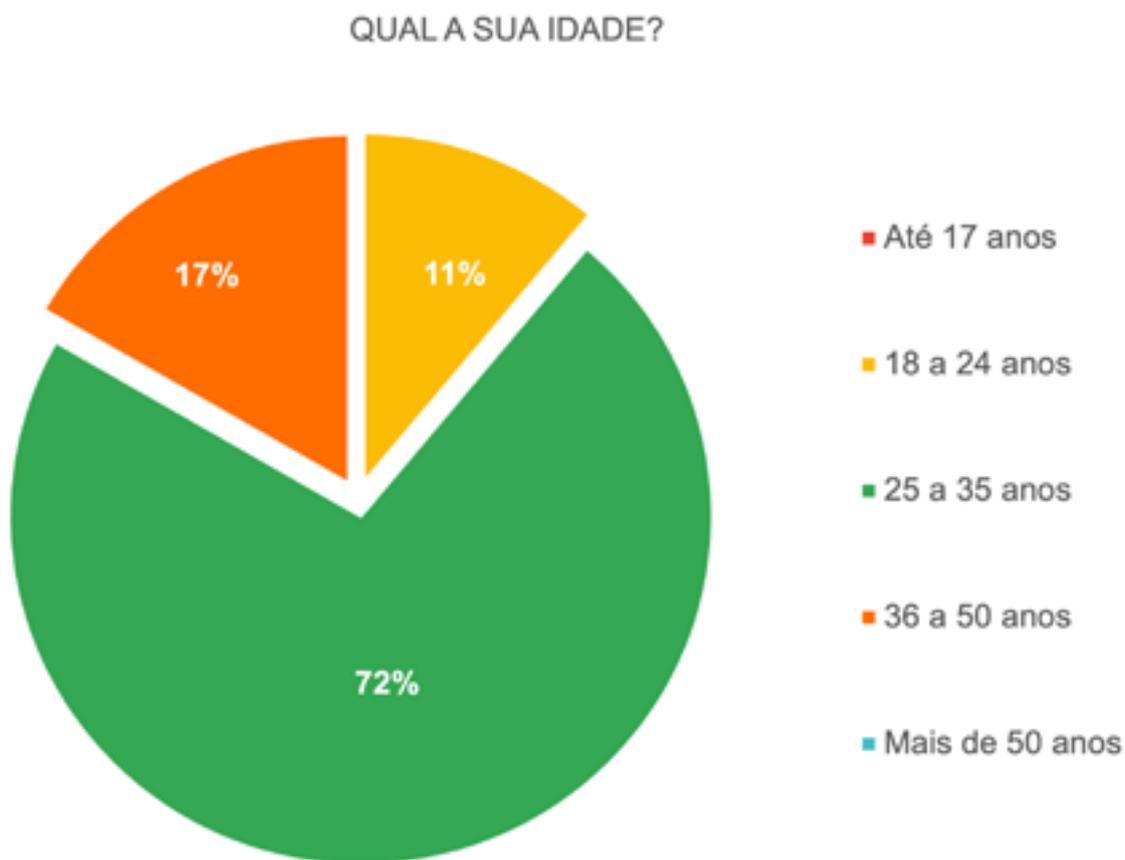
Ressalto, entretanto, que há uma sutil discrepância entre os 18 indivíduos que responderam ao questionário, e aqueles que participaram das etapas subsequentes — um total de 19 indivíduos. As diferenças consistem em: VH e Natália Godoy não responderam ao questionário, mas participaram da entrevista semi-estruturada. Enquanto isso, houve um indivíduo — anônimo — que respondeu ao questionário, mas não permaneceu para as etapas seguintes.

Dito isso, vamos à exposição dos gráficos. Apresentá-los-ei, aqui, para realizar, em sequência, a análise com base na leitura integrada dos dados expostos.

DADOS DEMOGRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado do Questionário para a pergunta

"Qual a sua idade?"

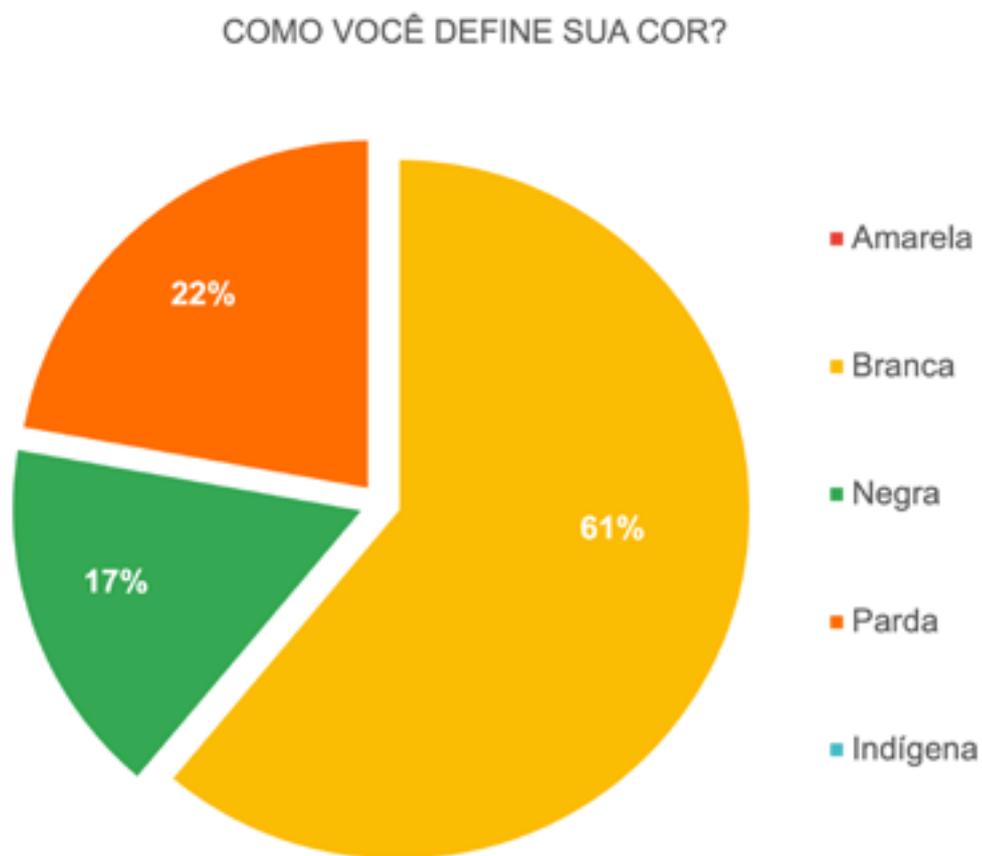


Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Gráfico 2: Resultado do Questionário para a pergunta

"Como você define sua cor?"

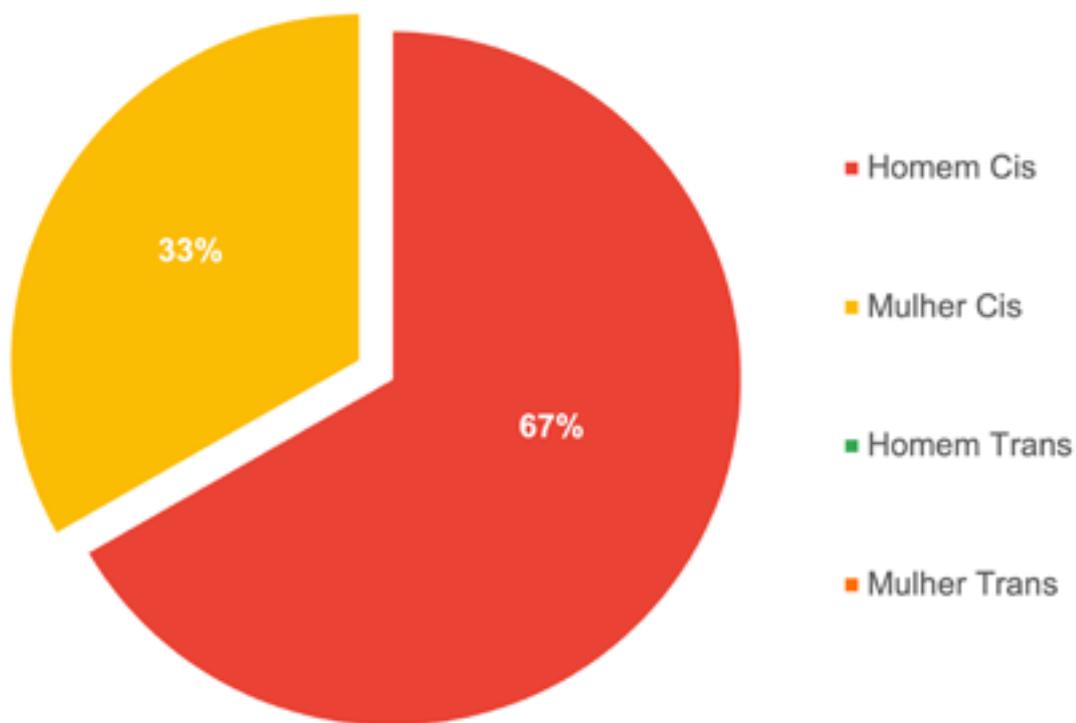


Matheus MacGinity, 2023.

Gráfico 3: Resultado do Questionário para a pergunta

"Como você define sua identidade?"

COMO VOCÊ DEFINE SUA IDENTIDADE?



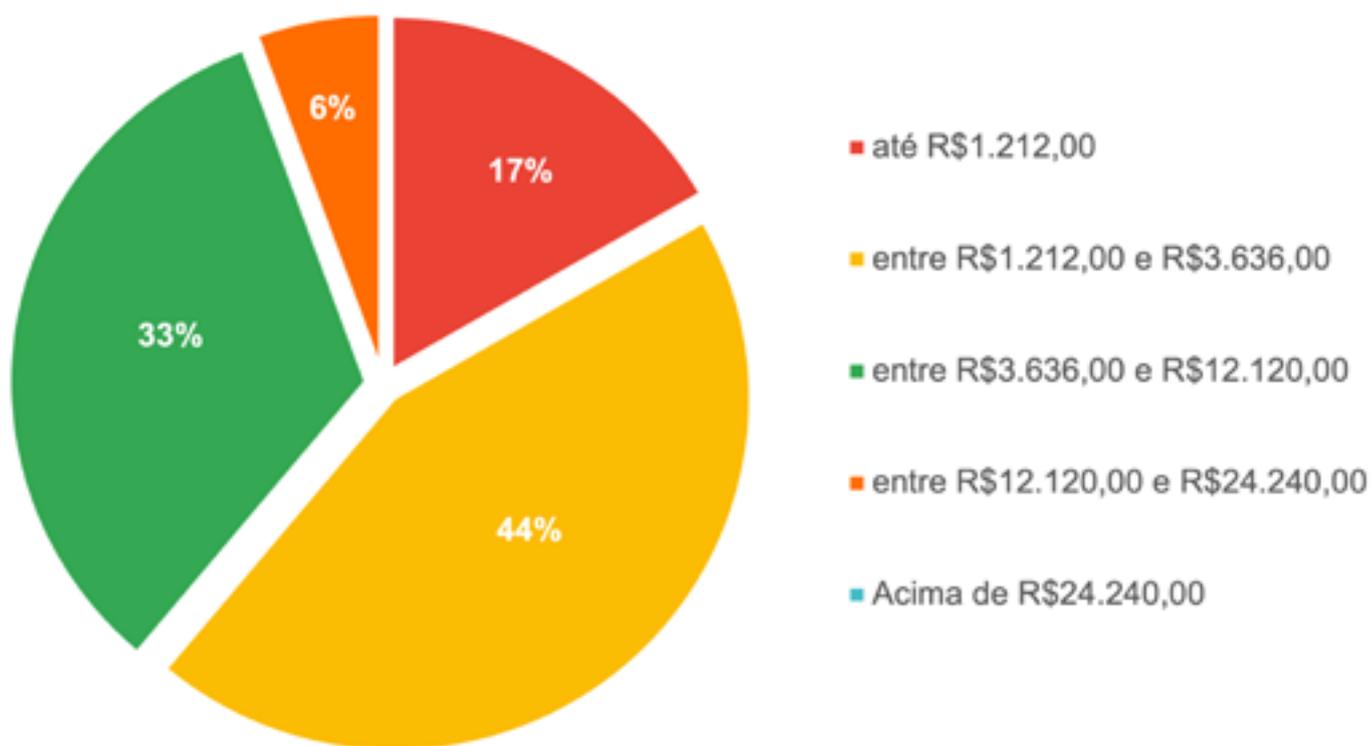
Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Gráfico 4: Resultado do Questionário para a pergunta

"Qual a sua faixa de renda?"

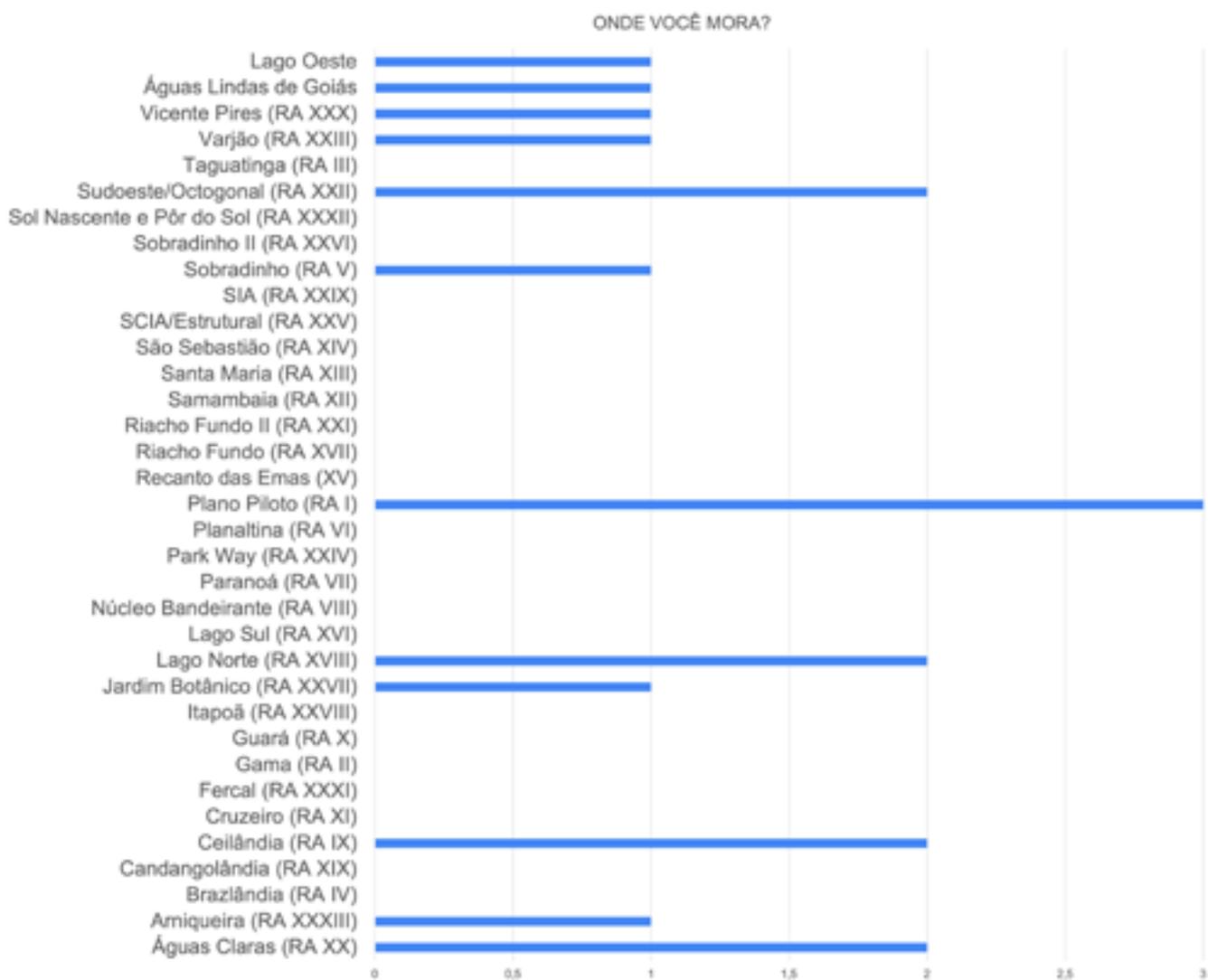
QUAL A SUA FAIXA DE RENDA?



Matheus MacGinity, 2023.

Gráfico 5: Resultado do Questionário para a pergunta

"Onde você mora?"



Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Gráfico 6: Resultado do Questionário para a pergunta

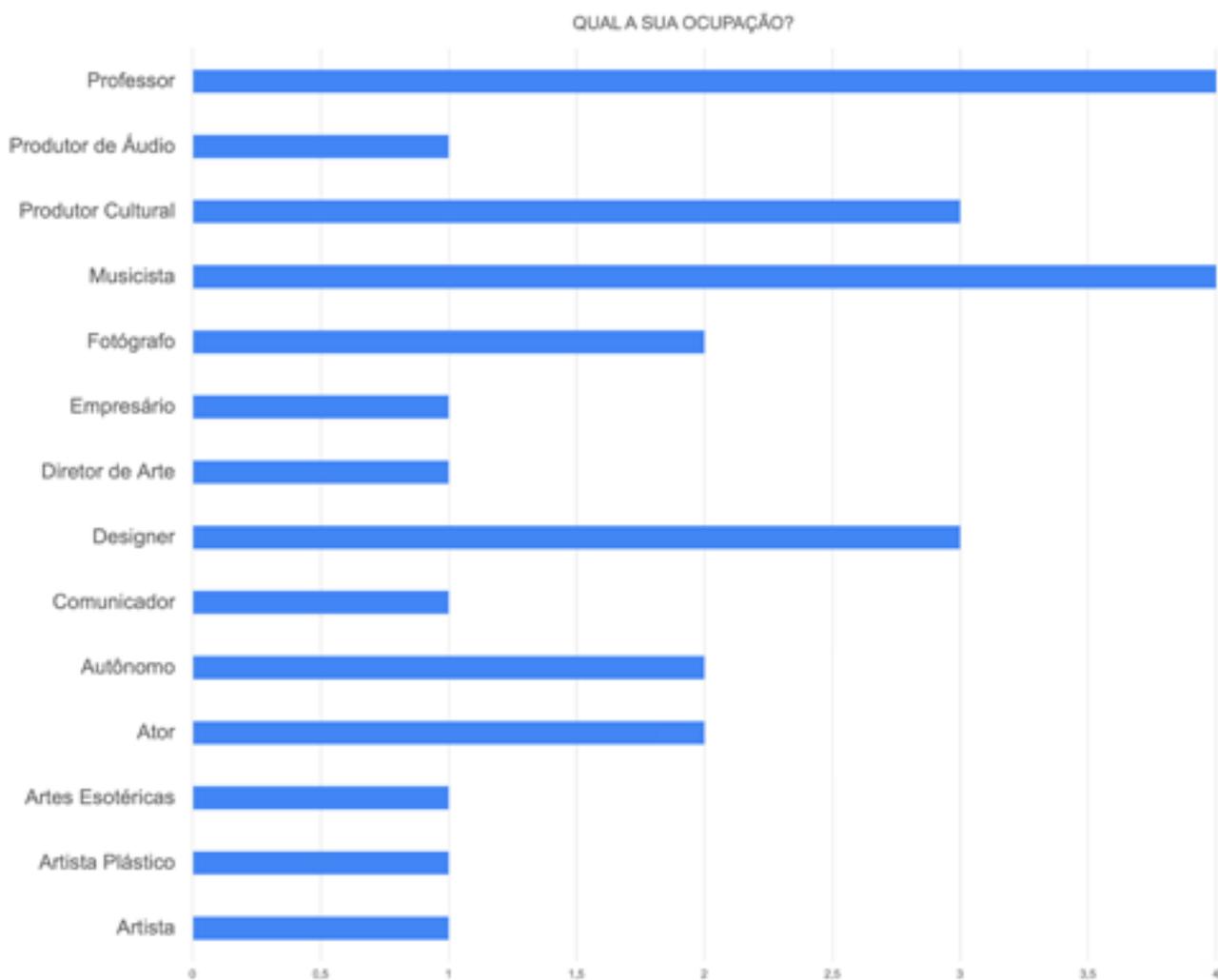
"Onde você morou por mais tempo?"



Matheus MacGinity, 2023.

Gráfico 7: Resultado do Questionário para a pergunta

"Qual a sua ocupação?"



Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Percebemos, nos gráficos, que, a partir dos 18 indivíduos, os objetivos para a seleção dos artistas constituintes dessa pesquisa deu-se com êxito. A busca em formar um grupo com maior heterogeneidade possível a nível de distribuição dentro do território do Distrito Federal é elucidada pelo gráfico 5, onde, apesar de termos uma maioria de residentes dentro do Plano Piloto (RA I), essa parcela representa apenas 16,6%. Enquanto temos outras três RA's — Lago Norte (RA XVIII), Ceilândia (RA IX) e Águas Claras (RA XX) — cada uma com 11,1% de representatividade, e as outras sete localidades, cada uma com 5,5% dos participantes envolvidos. Foram contempladas, dessa forma, doze localidades diferentes — um montante de 36,3% relativo à quantidade de RA's existentes no Distrito Federal.

Ao aprofundar a questão, a partir do questionamento de qual foi o local no qual cada um dos indivíduos habitou por mais tempo, trazemos outra característica que se entrelaça ao perfil do grupo, e que aponta para um processo de gentrificação do DF. Levando em conta que — a partir do gráfico 4, da renda dos indivíduos — 44% têm renda mensal entre R\$1.212,00 e R\$3.636,00, e outros 33% têm renda mensal entre R\$3.636,00 e R\$12.120,00 — totalizando 77% dos entrevistados — podemos analisar, em paralelo, que — a partir do gráfico 6, "onde você morou por mais tempo?" — 44% habitou por mais tempo o Plano Piloto (RA I), e houve um movimento de distribuição no território em direção a áreas mais distantes do centro.

Com base no gráfico 1, o grupo estudado é, também, formado majoritariamente por indivíduos de 25 a 35 anos — parcela de 72% — momento em que, via de regra, caminha-se em busca da emancipação financeira, e representa um momento de transição entre a finalização de graduações e especializações em vias de adentrar, e solidificar-se, no mercado de trabalho.

Essa relação pode, inclusive, ser percebida a partir do gráfico 7 — "qual a sua ocupação?" — onde — com exceção do cargo de professor, que pode ter maior associação com um cargo estatal, e mesmo assim é uma posição com imensa presença dentro da iniciativa privada — todos os indivíduos estão inseridos dentro do 2º setor. Representando, pois, a proeminente correlação do fazer artístico com cargos subjugados às tendências e lógica do mercado — e, no caso específico do Distrito Federal, também, aos aportes governamentais nos quais os projetos são geridos, igualmente, por mãos privadas, e replicam a lógica de instabilidade e contratação temporária para tais prestações de serviço.

Concluindo a análise dos dados demográficos temos os gráficos 2 e 3 que indicam, respectivamente, a identificação racial e a identidade de gênero dos indivíduos que formam o grupo amostral da pesquisa. Independente da cis ou transgeneridade dos participantes, a amostra é constituída por 67% de homens e 33% de mulheres — quantidade em que pretendia-se alçar maior equilíbrio, mas que, contudo, contempla o objetivo de diversidade, em vista que temos um terço do total como grupo minoritário, motante que não representa imensa

Resultados e análises

disparidade. Igualmente, em relação a identificação racial, não contemplou-se de forma plena o objetivo, tendo como grupo majoritário a identificação com a pele branca — 61% dos indivíduos — enquanto a somatória entre pardos e negros alcançou 41% de representação, na ausência de componentes indígenas ou de pele amarela. Tal fator, apresenta uma incompletude na diversificação, entretanto, ao menos, aproxima proporcionalmente a quantidade de brancos, comparados a negros e pardos.

A partir de tais, é importante reiterar que, dentro de uma pesquisa cartográfica com cunho sensível, temos como resultado o entrecruzamento das narrativas de cada indivíduo dentro do território explorado — fato que será explicitado principalmente na etapa das entrevistas semi-estruturadas. Portanto, mais que a soma das cartografias de cada artista investigado, cada relato é, individualmente, de suma importância para a combinação de histórias nessa dissertação apreendida.

DADOS SENSORIO-SENTIMENTAIS

Dando sequência, e ainda dentro da 1ª etapa — questionário —, destrincharei os imaginários sensorio-sentimentais convergindo os depoimentos trazidos pelos participantes para cada um dos sentimentos investigados.

Relembro que os documentos na íntegra, para a leitura das respostas em seu caráter ilibado, estão disponíveis no *Apêndice-Y* e no *Anexo-I*. Sigamos, portanto, com cada um dos sentimentos.

ALEGRIA

Para alguns, a alegria é equiparada ao calor reconfortante do sol em um dia fresco, à sensação de leveza que um abraço proporciona e à euforia de dançar um samba com amigos. Pode ser evocada pela sensação de energia que flui com vigor por todo o corpo. É um sentimento que intensifica as cores, tornando o mundo mais vibrante e hipnotizante.

Já para outros, a alegria é encontrada em lugares e situações incomuns, como em bares underground que atraem aqueles que se sentem excluídos, oferecendo refúgio para os que não se encaixam nas normas sociais convencionais. Nesses espaços, a alegria se manifesta na sensação de pertencimento entre os "não-pertencidos" e na possibilidade de transformação.

Há também descrições da alegria através de cores, texturas e sensações. Muitos associam a cor amarela ao sentimento, lembrando do sol ou

Resultados e análises

brincadeiras de infância. No entanto, tons de rosa, laranja, azul claro e até mesmo branco também são mencionados. A alegria através do sabor de frutas doces, do toque aveludado em um tecido, do aroma de um banho de rosas ou com o som de canários cantando.

Em relação à localização, muitos encontram alegria em locais mais específicos, como a praia ou diversos parques em Brasília. No entanto, para outros, tal sentimento está vinculado a momentos e memórias, como o tempo aproveitado com entes queridos, lembranças da casa da avó ou momentos especiais com um parceiro.

Enfim, a alegria é vista como algo contagiante, que se multiplica quando compartilhada. Tem a capacidade de transformar situações, lugares e até mesmo pessoas, trazendo leveza, esperança e confiança. Seja em tons quentes e luminosos, na sensação de sol que arde na pele, ou na união e coletividade, a alegria é um sentimento poderoso que ressoa de maneiras únicas.

TRISTEZA

A tristeza é um sentimento multifacetado que toma diferentes nuances dependendo da experiência de quem a vivencia. Ela é frequentemente associada à injustiça, evidenciada na desigualdade social e no esforço não reconhecido de esforços que contribuem para a melhora da sociedade.

Esta emoção tem o poder de descolorir a vida, fazendo com que as coisas percam a vivacidade, encobrendo a realidade com uma névoa de desesperança

e desânimo. A dor da tristeza se manifesta fisicamente: através de nós na garganta, do vazio no estômago, da sensação de exaustão, pálpebras pesadas, respiração pesada e um sabor amargo que toma conta da boca. Essa melancolia também é evocada por certas cores e estímulos sensoriais como: tonalidades escuras, o barulho de uma chuva forte, o cheiro de carne crua, o sabor salgado das lágrimas, e uma indefinida textura desconfortável.

Por outro lado, a tristeza pode também funcionar como uma força motivadora, capaz de impulsionar a criatividade e a reflexão. Em algumas circunstâncias, é vista como uma necessidade, uma passagem, algo a ser transformado em arte ou expressão. A tristeza é frequentemente comparada ao cinza, uma cor opaca e sem vida, e ao preto da noite — especialmente quando associada ao mundo do graffiti, onde artistas desafiam o perigo e o silêncio para colorir os espaços urbanos. Em meio à escuridão e à tristeza, há um desejo intrínseco de trazer cor e alegria à cidade.

Certos locais e cenários, como Brasília em sua planura estética — de linhas retas e falta de cores —, ou como a rodoviária e hospitais, são evocados como espaços que amplificam a sensação de tristeza. Os prédios velhos, corredores com portas que se fecham e a solidão das madrugadas frias nas sarjetas da rodoviária ressoam em uma melancolia profunda. Em meio a essa tristeza, há também momentos de introspecção e reflexão, representados pela metáfora de caminhar por corredores com portas entreabertas que se fecham à medida que se passa.

Resultados e análises

Embora seja um sentimento doloroso, a tristeza também pode ter um papel transformador. Pode ser um veneno amargo, mas também pode ser um remédio, dependendo da dosagem. Ela pode levar à introspecção, à criação artística, e pode movimentar sentimentos profundos. No entanto, a tristeza pode ser opressora, normalizando a monotonia e apagando as identidades plurais.

Para muitos, a tristeza é acompanhada de choro, introspecção e isolamento. Os sons, frequentemente silenciosos ou melancólicos, são um fundo constante, enquanto cheiros e gostos amargos permeiam o paladar. O isolamento e a solidão são comuns, com algumas pessoas preferindo se refugiar em ambientes familiares como suas casas. No entanto, há também uma consciência da natureza coletiva da tristeza, onde, mesmo que sentida individualmente, é compartilhada por muitos.

Em suma, a tristeza é uma tapeçaria complexa de emoções, sensações e memórias. Ela tem a capacidade de descolorir a vida, mas também de profundamente conectá-la, impulsionando a reflexão, a expressão e, por vezes, a transformação.

CONFIANÇA

A confiança se manifesta de diversas formas e é acompanhada por uma série de sensações e emoções, mas que carregam em si características muito singulares. Ela é, em uma das perspectivas, uma estrutura sólida, como uma parede de concreto. Evoca sensações frias, estáveis, firmes, e de segurança. E demonstra-se através da comunicação direta e objetiva.

Em outro contexto, a confiança se manifesta através de cores quentes e vivas, evocando sensações gustativas e olfativas, como o sabor de hortelã com limão e o cheiro de café fresco. A estabilidade e força da confiança são reiteradas pela imagem de uma árvore de raízes profundas, capaz de resistir a qualquer intempérie.

Há uma solidez no sentimento, mas também uma suavidade, como algo forte e liso. A confiança é, ainda, percebida em um mosaico de cores vivas e contrastantes, com texturas firmes e secas, acompanhada pela imponência de um céu sem nuvens.

Em outro panorama, a confiança é visceral e intensa. Imersa em ambientes noturnos, ela é acompanhada pelo pulsar da música e pelas conversas de bar. O vermelho sangue, o amargor do whisky, o aroma envolvente de um perfume forte; todos são sinais de uma confiança que exala entusiasmo e paixão pela vida.

Ela pode ser sentida na consistência da respiração, no som grave de uma música e no sabor refrescante de uma cerveja gelada. Em outros momentos, a confiança é serena, associada ao aconchego de um chá ou ao ritmo cadenciado

Resultados e análises

de um acordeon. Há também a confiança que se manifesta com intensidade e vivacidade, como em um encontro entre amigos que gera momentos de pura alegria e conexão.

Alguns enfrentam desafios ao confiar plenamente, sentindo uma pontada de insegurança ou até um instinto protetor. Contudo, quando a confiança é depositada, ela se torna uma força motriz, impulsionando ações e alimentando sonhos. Incita autenticidade de ideias e lealdade entre parceiros. Em ambientes festivos, a confiança é efervescente, vibrante, cheia de energia, sons e cores, como no carnaval ou em batalhas de rima.

Além disso, relaciona-se a confiança com o ambiente natural, com cores vibrantes como verde e azul associadas à natureza e ao ímpeto de se aventurar. Para algumas pessoas, a confiança é sinônimo de segurança e proteção, enquanto para outras, representa um risco calculado, ou uma aposta em algo ou alguém, doando-se por completo.

A confiança é ainda comparada a momentos doces da vida, sejam eles românticos ou amigáveis, sugerindo uma sensação sólida, segura e terna. Em última análise, a confiança é multifacetada, variando de pessoa para pessoa, mas permanece um pilar fundamental nas relações humanas, seja na forma de um guerreiro determinado com força de vontade e fé nos ideais, na forma de um segredo compartilhado, de um alicerce sólido e inquebrável ou de pura intrepidez ao relacionar-se com o mundo.

MEDO

O medo é um sentimento complexo e multifacetado, muitas vezes envolto em metáforas e sensações difíceis de lidar. O medo é retratado como algo que ofusca a visão e cria barreiras, tornando-se um refúgio restrito e sufocante, como uma planta adoentada que bloqueia nosso caminho. Sua manifestação é física e psicológica, sendo descrito como algo escuro, como um bordô profundo, frio e cortante, evocando o congelamento e instrumentos cirúrgicos. A escuridão faz-se tão intensa que não permite a distinção de cores, tendo uma textura molhada e terrosa. Ele é associado a sensações físicas intensas, como batimentos cardíacos acelerados, falta de ar, tremores e refluxo.

Associado ao medo estão sensações táteis desagradáveis e sensações gustativas como a amargura e a adstringência. Relatam-se sons abafados e a falta de sons externos, junto com imagens de cores específicas como roxo escuro, verde piscina, ou o amarelo de órgãos vitais e gordura.

Essas representações tangíveis do medo são complementadas por sensações de claustrofobia em centros urbanos, uma percepção das cores cinza ou preta, uma sensação de ansiedade e sufocamento, e imagens específicas como estar em um hospital ou próximo a uma viatura de polícia. A inquietação, a paranóia e a hipervigilância são outros aspectos associados ao medo.

Muitas vezes, o medo é uma experiência de isolamento, de desligamento do mundo, onde as cores perdem sua vivacidade, tudo parece escuro, e há uma sensação de desespero, como ao caminhar sozinho à noite, em que o medo

Resultados e análises

pode ser exacerbado pelo desconhecido, pelo outro, especialmente em áreas urbanas escuras e desertas.

Mesmo sendo um sentimento que muitas vezes oprime, há uma nota de resiliência e reconhecimento. O medo pode ser uma oportunidade para se lembrar de nossos instintos e superar desafios. Apesar de sua natureza avassaladora, enfrentar e superar nossos medos é uma luta que muitos se orgulham de ter travado.

Além disso, o medo é caracterizado pela sua capacidade de fragmentar o pensamento e distorcer a realidade. Em meio a essa tempestade de emoções, os sentidos podem ser alterados, com aromas insípidos e sons ameaçadores, como ranhuras em um metal, ventos sussurrando ou passos atrás de si.

Para finalizar, o medo é, em sua essência, o desconhecido. Pode ser a ausência de familiaridade, o novo ou o misterioso. Por vezes, é um misto de intuição e sensação visceral que provoca nossa coragem e resiliência.

TRANQUILIDADE

A tranquilidade é descrita por meio de diversas sensações, imagens e metáforas que se entrelaçam, transportando-nos para cenários repletos de cores, sons, cheiros e sensações táteis.

Ao lado de um lago ou de uma cachoeira, sente-se a brisa tocar a pele, ouve-se o canto dos pássaros, as ondas acariciam a margem e a vastidão do horizonte evoca serenidade. Essa sensação é similar ao sentimento

proporcionado pelo suave pôr-do-sol, o balanço de uma rede, o cheiro de flores e o carinho suave em um gato ronronando.

O azul é uma cor recorrente, representando a paz de um céu limpo ou das águas serenas. A natureza desempenha um papel central na evocação da tranquilidade. A visão das flores miúdas do cerrado, o cheiro arbóreo, a textura das plantas, os raios de sol filtrados pelas árvores e o som da água corrente proporcionam uma conexão profunda com a Terra. É andar sem objetivo específico, envolto em bem-estar e paz.

A cor verde também surge frequentemente como símbolo de serenidade, associada a parques, vegetações e ao frescor da natureza. Locais específicos, como o Parque Olhos D'água, o Parque de Águas Claras, o Jardim Botânico, a Floresta Nacional, o Taguaparque, a Praça do Cruzeiro em Brasília e até a 308 sul, são mencionados como refúgios de paz. Além do verde, tons neutros e claros, especialmente os alaranjados, são associados à tranquilidade. Estes são frequentemente contrastados com texturas e cheiros, como jasmim e lavanda, como grama cortada sob os pés, como o sabor de água de coco, jabuticaba, jambo e inclusive na fragrância da maconha.

A música é outro elemento que evoca calma. Seja ao desfrutar de Clair de Lune, de Claude Debussy, de uma trilha sonora Lo-Fi, e até de um bom pagode, a música pode conduzir a um estado de espírito relaxado. Além disso, atividades simples, como andar sem destino, pedalar sob as árvores ou apenas sentar-se em um local tranquilo, remetem a um sentimento de paz. A

Resultados e análises

tranquilidade também é descrita como uma sensação física, de leveza do corpo e de batimentos cardíacos controlados.

Ademais, a tranquilidade é retratada, também, como um estado mental raro — um momento breve de equilíbrio entre o caos das emoções e pensamentos. Embora fugaz, esse estado proporciona uma pausa rejuvenescedora, um respiro em meio às demandas da acelerada vida cotidiana.

ANGÚSTIA

A angústia é apresentada de diversas formas, com cada perspectiva enfatizando diferentes nuances desse complexo sentimento. Ela emerge constantemente da paisagem urbana composta pela aridez do asfalto e da industrialização, marcada pela efemeridade do consumo e a crua realidade do trabalho. A sensação física de angústia é traçada como uma constrição da garganta, como a aspereza do concreto, como uma coceira persistente e sensações orais adstringentes.

A angústia manifesta-se como uma fome voraz, uma necessidade compulsiva de consumir, acompanhada de uma sensação opressiva, que assemelha-se à claustrofobia, sentindo-se apertado, mesmo em vastos espaços, e trazendo a ideia de repetição e aceleração dos pensamentos. Suas cores variam desde tons quentes como laranja e marrom até o mais profundo e sombrio cinza. Muitos descrevem o sentimento como um peso ou paralisia, com o corpo sentindo-se pesado, sangue engrossando e formigamentos no peito.

A inquietude é visível em gestos ritmados, como um tique nervoso, é o som irritante de um talher arranhando um prato, mas também as pulsantes batidas de música eletrônica em ritmo acelerado. Também é associada a cheiros fortes, como o de álcool, fumaça e suor, criando uma atmosfera desagradável.

O cheiro forte de fumaça, o ruído ensurdecido do trânsito e a opressão visual dos painéis de LED destacam as contradições de uma sociedade moderna, onde a angústia é amplificada pelas frustrações e negligências criadas por um sistema de vida imperfeito.

No entanto, não se limita apenas a essas experiências visuais e sonoras; é a sensação avassaladora de estar sozinho, de ser engolfado pelo vazio, um sufocamento que se manifesta em desconforto corporal e pressão no peito. É como estar perdido em um nevoeiro denso ou uma passarela escura, com uma sensação subjacente de impotência.

Locais específicos, como festas barulhentas no setor comercial sul ou situações estressantes no trânsito ou no hospital, evocam esse sentimento de aperto no peito, respiração ofegante e desconforto. Alguns associam a angústia a cores quentes, como amarelo ou laranja, outros veem flashes de luz em meio à escuridão, junto com sensações avassaladoras de inquietude, calor corporal e ruídos abafados.

Por mais dolorosa que seja, essa emoção também é vista por alguns como uma potente fonte de inspiração criativa, como uma oportunidade para transformar a dor em expressão e alívio.

Resultados e análises

INSPIRAÇÃO

A inspiração é retratada de diversas maneiras e é fortemente associada à percepções sensoriais, ambientes e lembranças. Ela é descrita como a experiência de estar em meio à natureza, distante da urbanização, onde se pode apreciar o silêncio barulhento da fauna, fazendo a pessoa refletir sobre seus dias. Está ligada à ideia de respirar plenamente, de cores que dançam harmoniosamente, semelhante ao improviso de jazz, e à sensação de fluidez, como a de seguir o curso de um rio.

Os sentidos são frequentemente citados como catalisadores de inspiração, e ressalta-se a importância das experiências sensoriais na busca pela inspiração. Cheiros, como o da erva-cidreira e da tinta fresca; sabores, como o mate da pizzaria Dom Bosco e o doce de uma torta de limão; além de sons, como sinfonias eruditas e solos de guitarra, são exemplos de gatilhos. As cores desempenham um papel significativo, seja pela combinação harmoniosa de tons vibrantes, pelo contraste entre azul celeste, laranja e verde claro, ou pela presença do vermelho, que desperta um estado de alerta propício à inspiração.

Ambientes urbanos e culturais, como a rua viva e pulsante, o Campus da UnB Darcy Ribeiro, centros culturais e até murais de graffiti, servem como fontes de inspiração. A observação atenta aos detalhes de tais espaços também ilustra a profundidade da inspiração encontrada na contemplação do cotidiano.

O sentimento de inspiração é frequentemente acompanhado por uma onda de positividade e determinação. Isso é evidenciado pelo desejo de

expressar-se através de todo tipo de modalidade artística. Estar inspirado também é associado à ideia de mudança, à sensação de que tudo é possível, ao otimismo. Ademais, a inspiração é associada à contemplação de diferentes formas de expressão artística, como música, teatro, dança, literatura e cinema.

Em algumas narrativas, a inspiração é vista como uma conexão profunda com a alma, algo que vai além do físico e do mental. É descrita como o ar que preenche o corpo, oxigenando os pensamentos e alimentando a ação. Além disso, testemunhar as realizações de outras pessoas, como um amigo alcançando seus méritos, também é uma fonte significativa de inspiração, sugerindo que a inspiração pode ser tanto externa quanto interna. Em sua essência, a inspiração é um convite para expandir, evoluir e transformar, seja em forma de arte ou de filosofia.

DESMOTIVAÇÃO

A desmotivação é um sentimento multifacetado e profundo, expresso de várias maneiras, mas convergindo para um estado geral de estagnação, letargia e perda de interesse pela vida.

Ela se manifesta como uma sensação de aprisionamento, marcada pela repetição insípida de imagens, sons e companhias. O marasmo das cenas do dia-a-dia e a constância do ambiente se tornam um fardo, diluindo a criatividade e paixão que antes pulsavam nas veias. Essa sensação de estar preso e não poder explorar o mundo ao redor tem cheiro de ar condicionado e reflexo de espelho de elevador.

Resultados e análises

Comparativamente, a desmotivação é como ser atingido repetidamente por pedras em um rio turbulento, deixando contusões e hematomas. Abandonado, sente-se o cheiro de mofo. Alimentos que antes eram reconfortantes, agora parecem sem vida e insossos. O corpo sente-se pesado, como se estivesse coberto de cimento frio e seco, paralelo a sons opressivos, como corvos arranhando o telhado e cachorros latindo ao fundo, evocando, pois, tristeza e isolamento.

O estado de desmotivação não é apenas monótono, mas também doloroso e desesperador. Tem a cor de um verde sujo ou de um céu cinza perpétuo e parece se manifestar em todos os aspectos da vida, seja na comida sem sabor, nas cores apagadas das cidades ou nas músicas melancólicas que se ouve. Tem uma espécie de sabor como saquê saturado ou bife de fígado, e muitas vezes é acompanhado por uma sensação de fraqueza, semelhante à de uma doença.

Narrativas pessoais revelam uma luta interna, onde o indivíduo sente-se como se estivesse sob os escombros de si mesmo, desesperançoso, desconectado de seus sonhos. Cita-se, na angústia, um processo doloroso de envelhecimento, no qual o tempo mastiga cada pedaço do ser, deixando-o esgotado e desolado. Mas que, todavia, no meio dessa escuridão há também um anseio por esperança, por reencontrar a paixão pela vida e pelos sonhos.

A desmotivação também é descrita em termos físicos, como dor nas costas ou alergias, ou através de ações aparentemente banais, como rolar a tela do celular sem propósito, onde a mente estaria como uma televisão em tela azul. Todo ambiente ao redor reflete essa letargia, seja em uma sala sem cores ou em

um escritório estéril. É uma sensação de vazio e falta de estímulo, levando a uma falta de sabor na vida e a uma tendência a se refugiar no sono como forma de escapismo. Essa perspectiva ressalta falta de vitalidade, preguiça e perda de interesse sensorial.

A cor cinza aparece repetidamente, simbolizando a neutralidade, a estagnação e a falta de direção na vida. Esta cor está em tudo: no céu, nos amigos, na família e até nos próprios desejos. O sentimento de desmotivação não só impede os avanços, mas também faz com que sintamos a necessidade de encorajamento e validação.

Em resumo, a desmotivação é um estado complexo e avassalador, manifestando-se em várias formas e sensações. É a perda de interesse, paixão e inspiração em aspectos diversos da vida, levando à fadiga, ao desinteresse e, em muitos casos, à dor. Seja através de cores apagadas, sabores insípidos ou ambientes estéreis, ela permeia a experiência humana, desafiando o indivíduo a encontrar significado e propósito em meio ao vazio.

EMPATIA

Ao mergulhar nos diferentes relatos sobre empatia, ela é primeiramente descrita como uma lágrima salgada compartilhada, um impulso que nos aproxima do próximo, sentindo as dores e lutas daqueles que nos cercam. Essa aproximação nos faz visualizar cenas cotidianas de sofrimento, ressaltando a universalidade da dor e a necessidade de reconhecimento mútuo. É um espelho acolhedor, que nos permite enxergar e entender a perspectiva do próximo.

Resultados e análises

Por outro lado, a empatia é um acolhimento suave, reminescente da sensação de caminhar sobre a grama fresca ou de saborear um chocolate quente em um dia frio. Ela evoca memórias de infância, com lápis de cor e papel cartão, remetendo à simplicidade e à pureza dos momentos vividos. A empatia contém uma paleta de cores vivas, desde o amarelo do nascer do sol até o verde da esperança e da natureza, passando pelo rosa do acolhimento e pelo avermelhado da camaradagem.

Ela nos envolve com sons variados, como tambores suaves, risadas de esperança e vozes amigáveis, nos chamando para ouvir e nos conectar. Há uma ênfase na importância de ouvir atentamente, abrindo-se para os sentimentos e experiências dos outros, e proporcionando um espaço seguro para compartilhamento e renovação. As sensações físicas que acompanham a empatia são descritas como toques e apertos de mão, momentos de conexão e compreensão.

Certas representações associam a empatia a lugares específicos, como mercados animados, mesas de bar ou parques. Em cada cenário, a empatia é um ato de compartilhar e vivenciar juntos, seja na serenidade de um campo aberto ou na aventura de navegar sem um destino definido.

Entretanto, empatia não é apenas sentir, mas também agir. Ela move as pessoas e gera energia. É uma eletricidade que passa pela pele, fornecendo motivação para ações coletivas, e em prol daqueles que estão passando por situações difíceis.. É descrita como um ato de amor, compreensão e coexistência, um sentimento que requer sensibilidade e ação — capacidade de sentir junto ao outro e amparar antes de qualquer julgamento.

HOSTILIDADE

A hostilidade é apresentada por diferentes perspectivas e descrições sensoriais nos relatos trazidos. Primeiramente, há uma representação visceral da hostilidade, vinculada à experiência urbana, onde as pessoas, de tão aglomeradas, provocam repulsa. Há uma tensão presente que sugere o desejo de defesa, uma necessidade de proteger seu espaço, mesmo que seja um espaço desconhecido ou não pertencente. Os olhares inquisitivos causam desconforto, uma sensação de julgamento constante.

Em seguida, a hostilidade é pintada com cores fortes, como verde-limão, evocando uma acidez que causa tensão. Ela é comparada com objetos pontiagudos como agulhas e sons agudos como de vidro quebrando-se. É associada ao som de violoncelos frenéticos, jogando com uma variedade de tons que variam entre o escuro e o claro, em particular os vermelhos e pretos.

Alguns trechos associam hostilidade a situações cotidianas, como estar em um banco com lombadas, blocos de cimento e cercas de arame farpado, sugerindo um ambiente inóspito e repressivo. Lugares como filas de bancos ou de ônibus impõem uma espera que é, por si só, uma forma de hostilidade humilhante. Há a menção de ambientes específicos, como a Rodoviária, o Setor Comercial Sul, a Feira dos Importados e agências bancárias, insinuando que essa hostilidade pode ser sentida em situações rotineiras, em lugares comuns da vida urbana.

A descrição sensorial da hostilidade é recorrentemente semelhante: ela tem texturas pontiagudas, cheiros específicos como os de poeira e pó de mármore, o

Resultados e análises

sabor azedo desagradável e constantes arrepios. Somado a isso, é frequentemente associada a estados de alerta, tensão e desconforto. Sons de gritos, barulhos de cidades agitadas, sirenes e ruídos são repetidamente mencionados.

Ademais, a hostilidade é retratada como uma consequência da vulnerabilidade, comparada a uma criatura indefesa, que reage de maneira brusca e impulsiva quando se sente ameaçada. Nesse sentido, ela não é apenas um sentimento agressivo, mas também uma resposta defensiva às ameaças percebidas.

CRIATIVIDADE

A criatividade é apresentada através de múltiplas perspectivas, cada uma delas enriquecendo o conceito com detalhes e sensações. Inicialmente, é descrita como um poço inesgotável onde quanto mais se tira, mais se tem. É um diálogo interno entre nossos desejos e a realidade, e também um diálogo com o mundo externo, abrindo-nos ao desconhecido e costurando novas possibilidades. Para praticar o sentimento de criatividade, menciona-se ser necessário ter vontade e dedicar tempo, pois ela é uma prática que nos transforma. Além disso, a colaboração com outras pessoas enriquece o processo criativo.

A experiência da criatividade é descrita como uma emoção composta por diversas sensações. Ela pode ser suave ou áspera nas mãos, evidenciando os desafios enfrentados. Tem um sabor intrigante que faz cócegas na mente, assim como cheiros de ervas frescas, temperos diversos e pimenteirias. É como um grande mix de coisas que podem vir a ser, mas

ainda não são. É comparada a um belíssimo ensaio de maracatu, com flashes intensos e leves.

A criatividade é vivenciada de diferentes formas, como degustar rodízios de outros lugares do mundo, chás, sucos exóticos ou vitaminas diferenciadas. Traz texturas e sensações distintas, cores exuberantes e variadas em movimentos que criam novas possibilidades, como ouvir uma música "lado B" esquecida da música popular brasileira, cheia de percussão e guitarras psicodélicas.

A escola é destacada como um lugar onde a criatividade floresce. Suas paredes cor de terracota são invadidas por jornais, murais e artes dos estudantes. Projetos culturais e interclasses das escolas públicas do Distrito Federal são considerados verdadeiros exemplos de criatividade. A escola proporciona um ambiente ativo para criar, com camisetas de time, estudantes cantando, batalhas de slam e redações sobre temas sociais.

A criatividade também está relacionada a uma jornada individual. É como uma luz prateada intensa cortando uma tela escura, acompanhada por melodias calmas e o cheiro de chá mate. Há inspiração, a visualização de mundos possíveis e a busca por conexões entre diferentes sentidos e sentimentos. Se manifesta de maneira orgânica, levando a criações belas e únicas, seja na música, dança ou nas atividades do dia a dia.

Outra abordagem descreve a criatividade como uma experiência sensorial mais ampla. Ela envolve aromas de café recém passado, gosto de brilho labial

Resultados e análises

de morango e a textura do papel em branco. Pode ser vivenciada numa caminhada leve pela cidade, contemplando o céu azul, observando detalhes arquitetônicos, vestimentas das pessoas e apreciando as diferentes referências culturais. A criatividade é uma forma de explorar e absorver a riqueza do mundo ao nosso redor.

A criatividade também é mencionada como uma atividade mental intensa, que pode ser difícil de controlar. Ela antecede qualquer percepção sensorial e desperta uma variedade de sensações. Cores vibrantes, inquietude e ansiedade positiva acompanham o processo criativo. A motivação pode ser encontrada em músicas e pessoas inspiradoras, enquanto aromas e gostos diversos estimulam os sentidos. É como estar em um festival cultural, onde a criatividade está em pleno movimento.

A descrição da criatividade continua com associações a elementos dourados, quentes e brilhantes. Evoca o som da música favorita e o aroma e gosto do café coado. A pessoa pode se sentir em casa ou em um parque, aproveitando a liberdade criativa que essa atmosfera proporciona.

Também descreve-se por rajadas coloridas que se espalham e se conectam, trazendo energia e ondas de mudança. Apresenta um sabor doce e aroma sutil, criando um ambiente acolhedor onde todas as possibilidades são bem-vindas. A Escola de Música de Brasília e a Universidade de Brasília são mencionadas como lugares que proporcionam essa explosão de sons e cores.

Há ainda uma descrição surreal da criatividade, com elefantes voadores com saias de balé em uma orquestra sinfônica. É um despertar, uma luz que acende na mente e faz com que tudo floresça de forma criativa.

Ademais, a criatividade é vista como uma necessidade de sobrevivência, uma expressão do "jeitinho brasileiro" e das gambiarras. Não é apenas um dom, mas algo mágico que pode ser cruel. Ela está enraizada em conhecimentos ancestrais, contemporâneos ou sentimentais, e está sempre em transformação, alimentada pelas experiências da vida. A criatividade é uma jornada que, triste ou alegre, é essencial para a nossa existência.

APATIA

A apatia é retratada como uma emoção ou estado mental profundo que atravessa uma vasta gama de sentimentos e sensações. É, inicialmente, descrita como um veneno lento, que engole o tempo, caracterizada por um vazio que não pede para ser preenchido, mas sim ser ignorado. Esse vazio está presente em ações cotidianas e na insensibilidade perante situações tristes, como a indiferença diante de um sem-teto na rua.

O tom lilás apagado é usado como metáfora para descrever a apatia, que pode ser facilmente confundida com a desmotivação. Há uma sensação de neutralidade e desinteresse. Além disso, a apatia é a cores frias, como branco e cinza, e a atmosferas estéreis, como de escritórios e hospitais.

Esta emoção é entendida como um obstáculo transparente que distancia

Resultados e análises

as pessoas umas das outras, como uma placa de acrílico entre o atendente e o cliente. É intensamente sentida em situações específicas da rotina diária, como em um metrô lotado ou na fila de bancos e repartições públicas.

A sensação de apatia também se manifesta em momentos de doença, quando a pessoa se sente fraca e sem energia. Em certos casos, essa emoção é descrita como um "conforto desconfortável", onde tudo perde sua cor, sabor e significado, chegando ao ponto de experiências normalmente agradáveis, como uma lasanha quente ou um suco refrescante, parecerem insípidas e sem graça.

Importante destacar que, embora a apatia possa ser uma experiência universal, ela tem impactos específicos em grupos marginalizados, particularmente pessoas negras, que podem se sentir apáticas diante das adversidades e injustiças enfrentadas diariamente. Esse estado pode surgir devido à falta de resultados positivos após lutas contínuas ou da falta de conexão com a sociedade.

LEVANTAMENTO DE ESPAÇOS PARA ARTE NO DF

Para essa seção, última etapa inscrita no questionário, o objetivo, como já posto, foi realizar um levantamento de espaços com latência artística no território do Distrito Federal.

Tal etapa teve como funcionalidade servir de instrumento para a realização das Cartografias Utópicas — passo derradeiro no trajeto de pesquisa e geração de dados — não sendo relevante para uma análise aprofundada. Mas, necessária para facilitação — aos participantes dos grupos focais — ao compilar as respostas de todos os participantes do questionário, relativas aos espaços já existentes e ativos, e também dos espaços considerados latentes para apropriação — referentes a cada uma das modalidades artísticas dispostas: musicalidades, artes plásticas, artes literárias, artes performáticas do corpo e artes urbanas.

Para tanto, como forma de vislumbre aos resultados, está disposta a documentação com as indicações dos participantes no Anexo-II.

Resultados e análises

2ª ETAPA — ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

A 2ª etapa consistiu em levantar complexos dados qualitativos — a partir de entrevistas semi-estruturadas — com os interessados em contribuir neste projeto de pesquisa. Aqui, faz-se preponderante elucidar alguns aspectos em relação ao processo cartográfico, no intuito de destrinchar seu funcionamento e efetividade.

A cartografia sensível não está estritamente conectada à representação clássica de um mapa topográfico — que descreve objetivamente os elementos que a compõem. Mas, com efeito, pode muito bem ser apresentada até de forma puramente verbal — e por isso a eminente importância das entrevistas semi-estruturadas para nós —, onde, através dos relatos particularizados, obtêm-se a compreensão em efeito do indivíduo nesse tal espaço topográfico; entende-se — não apenas, mas também —

Resultados e análises

seus deslocamento, porém, principalmente, as características identitárias, culturais e históricas inerentes àquele indivíduo — objeto topográfico vivo e ressonante — em vias de decifrar qualitativamente as reverberações e interconexões subjetivas entre tal indivíduo e o espaço selecionado para análise.

Isto posto, seguiremos com os resumos analíticos — as entrevistas na íntegra estão disponíveis no *Anexo-III* e o roteiro das entrevistas no *Apêndice-Z* — embasados em cada uma das 19 entrevistas realizadas. Essas, mais uma vez, foram compostas por artistas do Distrito Federal. E, dentro do universo amostral angariado, representam a multiplicidade de contextos e realidades que compõem a vida de um artista na capital federal.

IZA DO CAVACO

Captura de Frame 1: Entrevista com Iza do Cavaco.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Izabela, conhecida no meio artístico como Iza do Cavaco, é uma apaixonada musicista de 26 anos, originária de Brasília. Com formação acadêmica em Química pela Universidade de Brasília (UnB), sua verdadeira paixão e vocação sempre recaíram sobre a música. Iza possui, também, formação especializada em Cavaquinho pela Escola de Música de Brasília (EMB).

Embora tenha formação em Química, Izabela escolheu trilhar o caminho da música, atuando como musicista autônoma. Tocando cavaquinho, ela se apresenta em diversos estilos, dentre eles o chorinho, o samba e o forró, em diversos pontos da cidade. Além de suas apresentações, dedica-se também ao ensino, ministrando aulas de música.

Desde muito jovem, a música exerceu um papel fundamental em sua vida. As melodias que preenchiam sua casa durante a infância conectavam-na com um turbilhão de emoções, moldando sua visão de mundo e estilo de vida. Nesse contexto, o choro, um gênero tradicional brasileiro, ocupa um lugar especial em seu coração. Ela defende sua preservação e propagação, acreditando em sua relevância cultural. Ademais, ela acredita que a música está ligada às crenças e emoções na vida de todas as pessoas, sendo impactadas e envolvidas por ela em diferentes formas de arte, como novelas, filmes e peças teatrais.

Ao refletir sobre a cena artística brasileira, Izabela destaca que a sociedade e o sistema educacional muitas vezes não valorizam e não oferecem contato com diferentes formas de arte, e que jovens não têm a oportunidade de se

conectar com as expressões artísticas. Ela ilustra através de sua própria trajetória, na qual só expandiu seus horizontes artísticos após se envolver profissionalmente com a música. Além disso, ela pontua desafios enfrentados por musicistas populares, como a falta de reconhecimento, as barreiras para encontrar locais de apresentação e a dificuldade de ser remunerado de forma justa. Ressalta, ainda, a percepção do choro como gênero elitizado, com afeição para ser difundido em áreas de maior poder aquisitivo e intelectualidade, em áreas do Plano Piloto de Brasília e suas proximidades, o que acaba limitando a divulgação do choro em outras regiões e impedindo o acesso de pessoas com diferentes contextos sociais e culturais a tal gênero musical.

Sobre a arte em sua forma mais ampla, Izabela enxerga sua capacidade transformadora, especialmente quando manifestada em espaços públicos, pois intensifica o fluxo de acesso das pessoas aos acontecimentos. Ela crê que a arte possui um forte impacto no indivíduo, provocando reflexões e emoções diversas. Ao discutir estética, Iza menciona a estética como um elemento importante da arte, tanto na formação de identidade das pessoas como na identidade dos espaços onde a arte é produzida. Relaciona o termo não só à aparência individual, mas também ao ambiente e contexto cultural ao redor, evidenciando que a sociedade muitas vezes valoriza padrões estabelecidos, esquecendo-se da riqueza da diversidade e que a arte tem o poder de mostrar possibilidades diferentes, despertar reflexões e promover uma mudança na sociedade.

Resultados e análises

Ao discorrer sobre utopia, Iza menciona que utópico é aquilo a que ansiamos como ideal, mas que não consegue-se alcançar. Complementa denominando utopia como um objetivo maior que pode parecer impossível, assim como pode, muito bem, ser possível.

Dentre suas aspirações, uma utopia pessoal de Izabela é ver a arte e os artistas devidamente valorizados, reconhecidos como agentes transformadores na sociedade. Ela sonha com um mundo mais empático, onde a arte seja um elo de humanização e conexão entre as pessoas. Nesse sentido, ela também destaca desafios sociais mais amplos, como a fome e a falta de moradia, e vê na arte uma ferramenta para sensibilizar e mobilizar a sociedade em busca de soluções.

Concluindo sua reflexão, Iza aborda a importância da auto-reflexão e como, em sua vivência familiar, houve dificuldades devido à falta de hábito em se expressar e verbalizar os sentimentos. Ela acredita que a arte possui a potência de auxiliar nesse processo introspectivo, ajudando as pessoas a mergulhar em suas essências, compreender-se melhor e reconhecer emoções abstratas e profundas difíceis, por vezes, de se definir.

JOÃO PEDREIRA

Captura de Frame 2: Entrevista com João Pedreira.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

João Miguel — também conhecido como João Pedreira por seu projeto musical solo — tem 31 anos de idade e é um artista multifacetado com mais de uma década de envolvimento nas artes, incluindo atuações destacadas na música e no teatro. Ele não apenas desenvolveu sua carreira como músico e compositor, mas também como ator, professor de música e de teatro para todas as idades.

João menciona que começou seu projeto solo em 2017 e que, atualmente, ele está vinculado ao grupo de teatro, o "Grupo Tripé", que completou uma década de atividade em 2022. Para marcar esta trajetória, o grupo realizou um projeto por meio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), que trouxe um olhar sobre a cena teatral do Distrito Federal dos últimos dez anos. Tal projeto, concomitantemente, desembocou no lançamento de um livro sobre o processo do grupo.

Na música — após um hiato desde 2019 — João está de volta, em um processo de reconstrução pós-pandemia com seu trabalho solo, antecipando o lançamento de materiais inéditos. Ele acredita profundamente no poder da arte, enfatizando sua capacidade de tocar as "coisas invisíveis" dentro das pessoas, agindo como um agente de liberdade, criatividade e transformação. De acordo com ele, a arte tem o potencial de afetar alguém de maneira profunda e duradoura, muitas vezes de formas surpreendentemente individuais.

Ao descrever Brasília, João elogia sua riqueza e diversidade artísticas. Ele vê a cidade como um canteiro de obras em constante evolução, com um teatro que tem uma identidade marcante e uma juventude que está moldando sua linguagem e identidade artísticas. No entanto, João também expressa preocupações, ressaltando os desafios de se viver exclusivamente da arte autoral e da necessidade em adaptar-se e diversificar-se a diferentes setores e atividades em vias de garantir o fazer artístico como subsistência de forma sustentável. Ele reconhece que a realidade dos artistas pode variar, desde aqueles que possuem estabilidade financeira até aqueles que precisam conciliar outras atividades para manter sua carreira artística.

Além disso, critica a falta de investimento e infraestrutura cultural, citando a complexidade da situação que se estende para além de meros aportes à cultura, mas também recai nas precárias condições de acessibilidade. Destaca a necessidade de haver uma estrutura cultural adequada, com espaços de apresentação, transporte público acessível e segurança, para que a população possa desfrutar das produções artísticas.

Quanto ao público, João menciona que há uma parcela significativa de pessoas que consomem arte em Brasília, mas também destaca a necessidade de alcançar aqueles que não têm acesso frequente à cultura devido a limitações de tempo e cotidiano. Ele enfatiza a importância de levar a arte para essas pessoas, seja por meio de apresentações em espaços públicos ou de ações que despertem o interesse e a curiosidade.

Resultados e análises

Traça, também, um paralelo com a "Matrix" da vida cotidiana em que as pessoas estão presas em rotinas monótonas e não reconhecem o valor dos artistas na rua, muitas vezes vistos apenas como pedintes. Ele ressalta a marginalização da arte em Brasília e a necessidade de uma maior valorização e reconhecimento dos artistas locais.

João aborda o tema da estética compartilhando sua perspectiva sobre a importância desse conceito. Para ele, perceber estética significa perceber padrões, lógicas, sentidos, cores, geometrias e a coexistência de coisas. Ele destaca que a estética não se limita apenas ao âmbito artístico, mas permeia todas as esferas da vida cotidiana e que ter uma percepção estética envolve ter um pensamento crítico e analítico, buscando reconhecer e compreender as características presentes no mundo ao nosso redor.

João enfatiza um papel vital no desenvolvimento do pensamento crítico e estético desde a educação básica, para que as pessoas possam apreciar e compreender as diferentes formas de expressão artística. Ao fazer isso, eles podem apreciar melhor a arte em suas vidas cotidianas e reconhecer seu valor não apenas como entretenimento, mas também como reflexo e crítica da sociedade, engendrando um poder de transformação na realidade.

Por fim, João descreve utopia como uma força motriz que impulsiona as pessoas a avançar, mesmo que nunca seja completamente alcançada. Para ele, utopia está ligada a elementos intangíveis, como fé e esperança, servindo como uma "isca" ou estímulo para alcançar algo maior e, às vezes,

passar por caminhos inesperados. Ele se refere à utopia como um horizonte sempre em expansão, algo que nunca é totalmente alcançado, mas que nos encoraja a continuar caminhando, citando Eduardo Galeano para exemplificar essa ideia.

No contexto de Brasília e sua experiência artística, João visualiza várias utopias: uma cidade bem equipada culturalmente, onde a arte seja prioridade na educação de base, e onde o emprego não se limite apenas aos setores comuns, como o serviço público. Ele anseia por uma Brasília que reconheça seu potente campo artístico e se torne uma referência nacional — onde a população esteja profundamente conectada com sua rica tapeçaria artística, superando percepções estereotipadas e apreciando verdadeiramente o valor da expressão artística local.

Resultados e análises

PAULO PINHEIRO

Captura de Frame 3: Entrevista com Paulo Pinheiro.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Paulo Pinheiro tem 36 anos e é natural de Belo Horizonte, apesar de residir em Brasília desde os 5 anos de idade. Atua como produtor de podcasts, sound designer e músico, em seu projeto solo "Genghis Kunk". Além disso, ele se dedica à produção de eventos e colabora com institutos culturais.

Para Paulo, a arte é um elemento essencial em sua vida, atrelado ao seu bem-estar e à sua expressão. Ele defende que todos possuem um potencial artístico e essa arte tem a capacidade de criar afetos e conexões entre as pessoas. Ele acredita que a arte está presente em todas as coisas e faz parte de sua vida de várias maneiras, trazendo satisfação, experiências, produtividade e afeto. Para ele, a arte é algo que pode ser encontrado nas coisas mais simples da vida.

Paulo vê a importância da arte na sociedade como algo ligado ao potencial artístico presente em cada indivíduo. Ele acredita que todos têm a capacidade de se tornarem artistas profissionais, e que a sociedade se beneficiaria se houvesse espaço para explorar a expressão artística que reside em cada um de nós. A arte, para ele, é uma forma de comunicação que gera afeto e pode tanto gerar estranhamentos quanto unir as pessoas.

Ele acredita que a arte tem poder de transformação do indivíduo e que isso ocorre de maneira íntima, no âmago das pessoas envolvidas com ela, seja como espectador, consumidor ou produtor, e que tal transformação desperta algo dentro delas, seja de forma positiva ou negativa. Para Paulo, a arte é algo profundo e inexplicável, mas que também pode explicar muitas coisas.

Ele discute sobre a setorização da arte em Brasília, mencionando como as experiências artísticas podem ser diferentes dependendo da região, como no Varjão — sua atual área de residência — e no Plano Piloto. Ele relaciona essa diferenciação mencionando fatores como o racismo e a diferença de classes.

No Varjão, por exemplo, observa uma diversidade de artistas com diferentes níveis e contextos sociais, que participam de projetos e recebem formação musical desde cedo. No Plano Piloto, por outro lado, há músicos que vêm de famílias com tradição musical, o que proporciona uma vivência diferente e mais elitista. Ele enfatiza que não considera a arte de um lugar superior à do outro, mas que existem diferenciações relacionadas ao território e à branquitude.

Sobre seu envolvimento com a arte, Paulo revela que se conecta mais com o mundo da música, e observa que o Distrito Federal possui uma lógica de setorização forte, que também se reflete na arte. Ele percebe diferenças nas experiências musicais em RAs do DF, relacionadas tanto às qualidades estruturais dos locais onde ocorrem os eventos, quanto às características e envolvimento dos diferentes públicos.

Paulo menciona alguns lugares específicos, como a Infinu e a Escola de Música, que possuem características e público próprios, associando essa diferenciação de acordo com o território — ao racismo e à diferença de classes —, destacando que o meio material e a

Resultados e análises

formação dos artistas são elementos que influenciam nas características de cada lugar.

Defendendo a educação artística, Paulo enfatiza a importância de uma formação crítica que permita uma verdadeira reflexão sobre o que é estética, e qual o papel da arte na sociedade. Ele questiona quem são os educadores e as instituições que promovem essa educação, apontando para os interesses conflituosos que residem por trás do educar, onde em maioria, o caráter do ensino é imbuído em ideias colonizadoras, opressoras e que contribuem para um apagamento da cultura tradicional e legitimamente brasileira.

A indústria cultural é um tema abordado, onde Paulo discute sobre a massificação da arte — através de métodos de criação formulaicos — e a maneira como a indústria busca preencher os espaços de tempo da vida cotidiana, transformando a experiência artística em algo superficial e plastificado. Uma arte criada para consumo e satisfação, e não para reflexão ou provocação. Critica, também, a perda da efemeridade na experiência artística onde, na era digital, o registro se torna mais importante do que a própria experiência.

Paulo destaca a ideia de utopia como um horizonte inatingível, mas que serve como uma direção a ser seguida. Para ele, o ideal seria que todos tivessem a oportunidade de percorrer seu próprio caminho, desenvolvendo-se como indivíduos e contribuindo para um coletivo fortalecido.

Paulo reflete sobre o conceito de utopia, descrevendo-a como uma linha do horizonte: algo distante, aspiracional, porém sempre inalcançável e identifica um romantismo nesta busca, associando-a a ideais de beleza e perfeição. Para ele, embora o destino utópico nunca seja alcançado, a jornada em sua busca é significativa e repleta de desvios e oportunidades que enriquecem a experiência. O importante é a trajetória, que pode ser bela e frutífera.

Ao considerar sua própria visão de utopia, Paulo deseja um caminho acessível a todos, onde cada pessoa possa viver e seguir seus objetivos de maneira saudável, com respeito e tolerância. Ele valoriza a diversidade e acredita que todos devem ter a oportunidade de realizar seus desejos, seja como artistas ou consumidores de arte. Destaca, também, a importância da individuação, enfatizando que ela não isola o indivíduo, mas fortalece o coletivo. E finaliza ao elucidar sua utopia: um mundo onde cada pessoa é realizada, e trilha seu caminho conforme seus desejos genuínos.

Resultados e análises

DANILO LINS

Captura de Frame 4: Entrevista com Danilo Lins.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Danilo Lins é um designer gráfico de 32 anos, originário de Sobradinho, Brasília, onde vive desde o seu nascimento. Além de seu trabalho principal como designer, ele tem se aventurado no mundo da música nos últimos anos. A paixão de Danilo pelas artes gráficas começou a se desenvolver intensamente por volta de 2013, reconheceu o desenho não apenas como um hobby, mas como uma poderosa forma de expressão artística. Essa jornada o levou a aprofundar-se no campo do design e a obter sua graduação em Design Gráfico em 2017.

Para ele, a arte desempenha um papel duplo e essencial em sua vida. Por um lado, serve como um canal para ele expressar suas emoções e ideias, e por outro, atua como uma forma de terapia, onde passa horas imerso em seus pensamentos criativos. Danilo destaca a onipresença da arte em nosso dia a dia, seja através de literatura, música, cinema ou até mesmo a televisão. E pontua que, embora muitas vezes não percebamos, estamos em contato e sendo constantemente influenciados pela arte. E, por mais que muitas vezes associe-se a arte principalmente ao entretenimento, ele vê a arte também como uma ferramenta crucial para a formação do caráter e para estimular reflexões profundas.

Apesar de sua paixão, Danilo admite que seu envolvimento direto com o cenário artístico é um tanto limitado, restringindo-se principalmente a exposições de artes visuais em locais como o CCBB e a Caixa Cultural. Contudo, ele ressalta que em sua região natal, Sobradinho, a arte

manifesta-se de forma mais orgânica e espontânea, como recitais de poesia em praças públicas. Ele acredita que seu menor envolvimento no meio artístico pode ser a razão pela qual não percebe tanto as expressões artístico-culturais em sua região administrativa.

Em suas reflexões sobre o mundo da arte, Danilo aborda as barreiras socioeconômicas que limitam o acesso das pessoas a ela. Observa que, na sociedade atual, há uma inclinação à valorização do entretenimento comercial que, muitas vezes, é mais lucrativo e, por isso, recebe mais investimentos. Ao mencionar a associação entre arte e entretenimento, questiona se a arte e entretenimento estão necessariamente associados, e sugere que a arte também pode provocar reflexões profundas e conter, implicitamente, teor político, independentemente de seu valor comercial.

No que diz respeito à estética, Danilo a define como a capacidade de evocar sensações e emoções, como o despertar de sensações transmitidas por mensagens visuais, textuais e sonoras. Para ele, a estética está em tudo, desde a roupa que vestimos até a música que ouvimos. Ele destaca a importância de estarmos conscientes da influência estética em nossas vidas — pois estamos constantemente cercados por influências estéticas que nos moldam como indivíduo — e defende a necessidade de uma educação estética integrada, englobando diversas disciplinas das humanidades, para nos tornarmos mais críticos e conscientes, uma vez que, intrínsecas a determinadas estéticas propagadas, existem ideias perigosas. Por meio,

Resultados e análises

pois, de uma pedagogia estética do respeito e da diversidade cultural conseguimos compreender melhor os processos que compõem a humanidade.

Por fim, ao abordar o conceito de utopia, Danilo o associa ao desejo profundo de realizar algo, mesmo quando parece inatingível. Menciona a comum associação de utopia com algo impossível, com sonhos distantes e irrealizáveis, e expressa descontentamento com essa perspectiva. Ele acredita que essa mentalidade pode restringir nossas aspirações e inviabilizar a busca por mudanças. Danilo sugere que utopias podem ser alcançadas por meio da arte e da cultura — um instrumento para promover novas formas de socialização, mais coletivas e menos focadas no individualismo.

ANA CAROLINA C.

Captura de Frame 5: Entrevista com Ana Carolina C.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Ana Carolina é brasiliense, professora, e tem 39 anos de idade, com profundas raízes na capital federal. Devido ao trabalho de sua mãe como empregada doméstica, sua infância foi marcada por constantes mudanças, vivenciando diversas facetas de Brasília. Embora não tenha vivido em Planaltina, ela conhece bem todos os cantos da cidade, incluindo o tempo que passou em um colégio de freiras na Asa Sul. Ana Carolina estudou em diferentes colégios em Brasília, incluindo um colégio de freiras, e posteriormente ingressou na Universidade de Brasília para estudar artes cênicas.

Desde cedo, sua conexão com a arte foi evidente. A literatura foi seu primeiro amor, um legado cultivado por sua mãe, que também a inspirou com a paixão pela pintura. Com o passar dos anos, ela enfrentou dilemas sobre qual caminho acadêmico seguir: artes cênicas, artes visuais ou até mesmo física. Influenciada por um professor inspirador, a física chamou sua atenção por um tempo. Contudo, o amor pela literatura e a multidisciplinaridade do teatro — abrangendo elementos como filosofia, desenho e interpretação — puxaram-na para as artes cênicas.

Hoje, Ana Carolina é professora e coordenadora da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), em Ceilândia, no P-Sul, em uma escola de ensino médio. Ali, além de suas responsabilidades administrativas, ela compartilha sua paixão pelo teatro com alunos interessados, ensinando-os a arte da interpretação. Paralelamente, Ana Carolina participa, como atriz, de um grupo teatral.

Enquanto muitos veem a arte como mero entretenimento, para Ana Carolina, é uma janela para compreensão e comunicação com o mundo. A arte, em sua visão, vai além da utilidade prática; serve para enriquecer a perspectiva individual e tornar o mundo mais intrigante. Reconhecendo a necessidade de manter-se atualizada e engajada — principalmente levando em conta seu papel como educadora —, ela frequentemente explora a cidade em busca de novas inspirações, visitando espaços como o CCBB, o Centro Cultural da Anatel e a Biblioteca da 508 Sul. E, sempre que pode, comparece ao SESC Ceilândia, onde muitas apresentações são gratuitas e ligadas a programas culturais.

A preocupação de Ana Carolina não se limita à sala de aula. Ela criou um projeto inovador: compartilhar livros com mensagens em locais públicos, divulgando suas ações através do Instagram e recebendo feedbacks inspiradores de quem encontra essas surpresas literárias. Para ela, essas iniciativas tiveram impacto direto em sua saúde mental e bem-estar, principalmente durante a pandemia.

Muito além do Plano Piloto, Ana Carolina valoriza as riquezas culturais de todo o Distrito Federal, destacando a diversidade artística de regiões como Taguatinga, Gama, Samambaia e Planaltina. Ela é uma defensora ferrenha da descentralização cultural, acreditando que cada região tem uma narrativa e potencial artístico únicos. Ela encoraja as pessoas a explorarem essas áreas e valorizarem suas histórias únicas. Ana Carolina acredita

Resultados e análises

que a arte pode estar presente em todos os lugares, inclusive nos mais inusitados, e pode ser uma ferramenta para transformar a sociedade e encontrar soluções para os mais diversos problemas.

Ana Carolina reconhece que as pessoas muitas vezes estão ocupadas demais, mas acredita que elas têm interesse pela arte e falta conhecimento e valorização. Ela também destaca a importância de invadir espaços não tradicionais com arte, como prédios abandonados, praças e espaços públicos. Acredita firmemente que a arte é uma poderosa ferramenta de transformação e vê cada espaço, seja um prédio abandonado ou uma praça movimentada, como um potencial palco para expressões artísticas que podem moldar e melhorar a sociedade.

Em suas reflexões, aborda o conceito de estética relacionado à forma como as coisas podem nos afetar. Ela menciona que a estética não se limita apenas à aparência visual, mas também envolve a capacidade de despertar emoções e sensações em nós, ressaltando que estética não se restringe a algo agradável, mas abrange experiências que despertam repulsa.

Para Ana Carolina, a estética está relacionada à capacidade de observar e valorizar os detalhes, as singularidades e as diferentes manifestações presentes nos espaços urbanos cotidianos. Ela acredita que a estética não é única, mas sim diversa, e que cada lugar possui sua própria narrativa estética que merece ser explorada e apreciada.

Sua visão sobre utopia, expressa-se na crença por um mundo mais empático. Ela menciona que a educação desempenha um papel fundamental nesse processo de transformação, e embora possa desanimar-se às vezes, ela insiste em pensar que a educação é um caminho que pode salvar o mundo.

Ana Carolina acredita que a educação está passando por mudanças positivas ao olhar para conhecimentos que antes eram negligenciados — como os conhecimentos dos povos indígenas e africanos. Ela vê essas mudanças como uma oportunidade para a ampliação de perspectivas, que valorizem diferentes formas de sabedoria e contribuem para tornar o mundo um lugar mais inclusivo e justo para todos.

Embora Ana Carolina reconheça que sua utopia pode não se concretizar em sua vida, acredita que esse movimento em direção a um mundo mais empático já está acontecendo. Ela vê a sociedade cada vez mais disposta a olhar para trás, questionar o sistema econômico acelerado e buscar soluções para problemas específicos.

Por fim, menciona que a arte desempenha um papel importante na busca e construção dessas utopias. Ela acredita que a arte tem o poder de despertar a sensibilidade, ampliar perspectivas e apresentar novas formas de pensar e afetar o mundo. Enxergando, através da arte, a possibilidade de vislumbrar caminhos possíveis e de criar mundos alternativos.

Resultados e análises

FÁBIO SETTI

Captura de Frame 6: Entrevista com Fábio Setti.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Fábio Setti é um fotógrafo, jornalista e artista visual de 29 anos, que nasceu e cresceu em Brasília, mais especificamente no bairro rural Lago Oeste. A dualidade entre sua origem rural e a vivência urbana influenciou no modo em que estabeleceu sua conexão com o mundo e, conseqüentemente, em seus ofícios. Somente aos 15 anos que Fábio realmente conheceu a capital Brasília. Este contato com a urbanização fez com que ele refletisse sobre suas raízes rurais e como isso influenciava seu trabalho artístico. A migração do rural para o urbano tornou-se uma característica marcante em suas obras.

Sua trajetória profissional começou ao graduar-se em jornalismo, onde descobriu sua paixão por contar histórias através da fotografia. Como fotojornalista, começou sua carreira batendo nas portas de jornais locais e, ao longo do tempo, percebeu que o jornalismo era uma extensão da arte na qual ele já estava imerso. Apesar de não seguir mais completamente na área jornalística, ele ainda vê o jornalismo como uma escola que lhe propiciou poderosas ferramentas de narrativa.

Dentro da fotografia, Fábio explorou diversas expressões, como retratos e produções de moda, mas sempre procurou desenvolver criações autorais. Ele vê a fotografia não apenas como um mero registro do momento, mas também como uma ferramenta de expressão e construção de histórias.

Refletindo sobre sua trajetória, Fábio se percebe como multiartista, integrando diversas formas de arte e expressões. Além da fotografia, ele é apaixonado pela escrita e pela música, utilizando-as como ferramentas de

narrativa. Ele enfatiza a singularidade da língua brasileira e a integração da música no contexto audiovisual. Na arte contemporânea, Fábio explora a direção de fotografia mesclando-a com a serigrafia, com colagens, pinturas acrílicas e até mesmo a imagem em movimento. Ele descreve sua arte como um conglomerado artístico e multissensorial.

Desde a infância, Fábio sempre foi curioso, observando e questionando constantemente o mundo ao seu redor. Ele considera sua arte uma forma de resgatar sua "criança interior", brincando com a realidade e reinterpretando-a. Ele acredita que a arte, mesmo que baseada na realidade, é sempre uma ficcionalização do mundo. Para ele, é essencial que os artistas brasileiros contem suas próprias histórias e definam suas narrativas, a fim de enaltecerem suas identidades e raízes.

Apesar das dificuldades atreladas às carreiras artísticas, Fábio se sente abençoado por ser artista. Menciona a gratidão por suas experiências e pela oportunidade de expressar-se através de sua arte. E compromete-se em continuar sua jornada como artista, construindo e redescobrando sua história ao longo do caminho.

Ao explorar a importância da arte em sua vida, descreve-a como algo tão fundamental quanto funções e necessidades vitais, como respirar e beber água. Para ele, ficar sem arte é equivalente a estar doente, mental ou fisicamente. Ele amplia sua visão de arte para além dos métodos tradicionais de expressão, mencionando que até mesmo nas atividades diárias, como o

Resultados e análises

plântio ou no ato de lavar louça, encontram-se valores artísticos intrínsecos. No entanto, ele ressalta que ações automáticas relacionadas realizadas no cotidiano, sem intenção ou reflexão, talvez não sejam tão artísticas.

Para Fábio, consumir arte é uma terapia que o protege de pensamentos negativos e lhe permite ver o mundo através de diferentes perspectivas. Ele lamenta que a sociedade em geral ainda não reconheça a importância da arte, e como essa é onipresente em suas vidas. Como exemplo, ele destaca a novela — um entretenimento popular que, apesar de simples para alguns, possui uma complexidade artística em sua produção, desde o roteiro até as escolhas estética, de figurino e composição de cena.

Ele enfatiza que o brasileiro, em essência, vive e respira arte, mas nem sempre dispõe de tal consciência. E, falando de sua cidade, Brasília, destaca os vários espaços de arte disponíveis, apesar da sensação de que muitos desses espaços são limitados ou inacessíveis, principalmente devido a questões de infraestrutura e incentivo. Ele destaca a disparidade entre o apoio recebido pelos espaços de arte mais conhecidos e os espaços independentes, muitas vezes negligenciados. Fábio acredita que a verdadeira essência artística de Brasília não se limita ao Plano Piloto, mas que há, também, uma imensa riqueza de expressões nas regiões administrativas. Ele expressa preocupação com o acesso limitado e a visibilidade desigual que essas áreas recebem quando comparado às expressões provenientes do Plano Piloto.

Para ele, ser artista no Distrito Federal é desafiador devido à invisibilidade cultural da região, que muitas vezes é ofuscada pelas regiões mais reconhecidas do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro. Salienta que, conquanto Brasília apresenta uma produção cultural esplendorosa e diversificada, muitos artistas são forçados a buscar oportunidades em outros lugares devido à falta de incentivo local. Fábio também critica a falta reconhecimento acerca da identidade cultural de Brasília. E atribui tal problemática ao fato de Brasília ser uma cidade jovem na qual ainda se encontra em processo de desenvolvimento e solidificação da sua identidade cultural. Ele ressalta, além do mais, a discrepância nos valores pagos por trabalhos artísticos em Brasília em comparação a outras regiões, apesar de Brasília ser uma das cidades com a maior renda per capita do Brasil, questionando a distribuição desses aportes e sugerindo que a solução pode estar no entrelaçamento entre arte e pesquisa, onde os artistas produzem arte e pesquisam por meio dela.

Fábio traz, por conseguinte, uma reflexão sobre a relação entre a arte e a memória cultural do Distrito Federal. Ele inicia destacando a importância de entendermos a história da capital federal de forma aprofundada, desmistificando a narrativa idealizada e romântica — com referência ao "milagre de JK" —, muitas vezes ensinada nas escolas. Ele enaltece a sobre-eminência das comunidades quilombolas, indígenas e dos migrantes

Resultados e análises

que, efetivamente, contribuíram para a formação da cidade; e como a cidade foi projetada de maneira a invisibilizar certos aspectos dessa memória. E, destarte, valoriza as influências culturais advindas das diversas regiões do país — presentes na fala, na comida e nos comportamentos dos habitantes do Distrito Federal.

Fábio considera que a verdadeira apreciação e compreensão da identidade brasiliense só será alcançada quando a população dedicar-se à pesquisa e à criação da história cultural da cidade. E expressa, por conseguinte, sua preocupação com o crescente "envelhecimento" de Brasília — mencionando a migração dos jovens para fora do centro ou para fora do próprio DF — e a ainda predominante mentalidade conservadora e purista sobre a importância e qualidade da arte. Visto isso, destaca a necessidade de resistência das expressões artísticas não-convencionais e periféricas — como o graffiti, a pixação, os lambes e as performances de rua —, em vias de dismantelar tal visão elitista de arte. A solução, para Fábio, é a ocupação dos espaços públicos através da arte. Ele valoriza a arte de rua como uma forma de comunicação eficaz e acessível, contrapondo-se a espaços artísticos elitizados. Ele descreve as intervenções artísticas nas ruas como poderosas e evocativas formas de expressão e instrumentos de empoderamento.

Citando um projeto pessoal realizado em Belo Horizonte — onde uma foto sua, com a temática de dois homens negros se beijando, foi reproduzida em um arranha-céu por seu amigo e grafiteiro Diego Mouro —, Fábio ilustra

o impacto que a arte pode ter quando integrada ao ambiente urbano, transformando espaços comuns em locais de reflexão, diálogo e sonho.

Adentrando na discussão sobre estética, Fábio aborda sua significativa influência — e correlação entre estética e narrativa — na constituição da cultura e do caráter das pessoas. Ao realizar uma retrospectiva crítica e estética dos anos 80 no Brasil, destaca a incitação de ideias nocivas como a gordofobia, a homofobia e o racismo — e sua subsequente propagação temporal. Ressalta, não obstante, a constante evolução e reciclagem das estéticas ao longo das décadas. Entretanto, lamenta, ainda, a fraqueza de nossa genuína representatividade dentro da educação, que prioriza o eurocentrismo — voltado para uma perspectiva católica, branca e heteronormativa — em detrimento das perspectivas indígenas, pretas e brasileiras em geral.

Ele detalha como essa estética eurocêntrica influencia nossa percepção da arte, desde a maneira como nos vestimos até a forma como produzimos artisticamente. Por outro lado, valoriza a arte originária das ruas, especialmente aquelas que emanam de grupos marginalizados, pois estas apresentam, de fato, uma perspectiva brasileira, desafiando os padrões estabelecidos.

Por fim, Fábio discute o conceito de utopia, que, em sua visão, é mais do que apenas um ideal inatingível. Para ele, a utopia é esperança, é uma lente através da qual podemos sonhar com um mundo mais justo. Fábio aponta, entretanto, para as incontáveis dificuldades enfrentadas pelo povo brasileiros para conseguir sonhar, devido à dura realidade que configura

Resultados e análises

sua existência. Seu desejo utópico configura-se em uma sociedade baseada na equidade racial, social e de gênero, onde as pessoas possam viver de suas paixões, sem a pura obrigação imposta pela sobrevivência.

Ao falar sobre a arte, Fábio enfatiza seu poder transformador e inspirador. Ele vê a arte como uma janela através da qual podemos nos ver e imaginar novas possibilidades. Ele encoraja outros artistas, especialmente no Distrito Federal, a valorizarem-se mais, trocarem experiências e trabalharem coletivamente, evitando o ego prejudicial e o comportamento competitivo que surge, invariavelmente, dentro de espaços artísticos.

Fábio conclui fazendo um apelo para uma maior colaboração e sinceridade entre os artistas. Ele acredita que, trabalhando juntos e compartilhando experiências e recursos, a comunidade artística prosperará e desempenhará um papel vital na sociedade.

VICTOR HUGO LEITE DE AQUINO SOARES (VH)

Captura de Frame 7: Entrevista com VH.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Victor Hugo, mais conhecido como VH, à beira dos 30 anos, é professor de artes da Secretaria de Educação do Distrito Federal, e tece sua narrativa a partir de uma perspectiva ancestral, destacando a importância dos nomes e identidades em sua vida. Ao mencionar seu nome completo, Victor Hugo Leite de Aquino Soares, salienta que esse carrega peso e história. Mas que, para a maioria das pessoas, ele é simplesmente VH.

O legado de sua família é profundo. Ele entende que sua história começa muito antes de seu próprio nascimento, evocando lembranças de seus avós, especialmente de sua mãe, uma mineira que se tornou trabalhadora doméstica em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Mulher que teve, também, um intrigante papel simbólico, como mulher preta, servindo café a deputados durante o período pré-democrático em Brasília. Seu avô, José Geraldo de Aquino, era tão influente em sua cidade natal, Bocaiúva, Minas Gerais, que hoje seu nome adorna uma rua. Ele era uma figura central da comunidade, improvisando versos para passantes, organizando eventos para a igreja, e coletando fundos para um asilo que administrava.

VH descreve uma infância em trânsito, onde o ônibus tornou-se um símbolo de sua jornada de vida. Seu percurso diário da Cidade Ocidental até Brasília, em busca de educação, é uma metáfora para a busca de um lugar no mundo. Influenciado por sua mãe, que insistia na importância da educação como uma ferramenta inalienável, VH tornou-se um ávido leitor e estudante.

Sua narrativa também explora o conceito de masculinidade, questionando o que significa "ser um homem", e como essa identidade é moldada e ressignificada ao longo de sua vida. Em sua trajetória, também enfatiza a importância das artes, a descoberta do teatro, e sua decisão de seguir essa paixão, mesmo enfrentando pressões sociais para escolher profissões mais tradicionais, visto que VH sempre foi um estudante exemplar. Ele reconhece a pressão e a influência do "sistema patriarcal capitalista de supremacia branca", citando Bell Hooks, e o impacto que esse sistema tem na educação e na sociedade.

Formado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, VH descreve sua paixão pelo teatro e como ele, inicialmente, ocultou de sua família a decisão em estudar artes. Ele cita professoras e mentores — nas escolas e na universidade —, destacando o papel predominante das mulheres em sua formação educacional e acadêmica.

VH conclui sua narrativa pessoal destacando o papel da arte em sua vida, comparando-a com a terra — um lugar de sustento, significado e identidade. Para VH, a arte é tanto um refúgio quanto uma fonte de empoderamento, e ele celebra o impacto transformador que teve em sua vida. Ele também destaca a serendipidade do universo, mencionando Exu, o orixá das encruzilhadas, como uma força que guia e molda seu caminho.

Dando continuidade, VH ressalta a onipresença da arte em sua vida. Ele menciona a dualidade de ver arte em tudo, e questiona a qualidade da

Resultados e análises

pedagogia artística na educação formal. VH destaca a dificuldade em definir arte, uma vez que ela não serve apenas para formar artistas, mas para desenvolver um olhar apurado, uma sensibilidade, e uma compreensão do mundo ao redor. Ele reflete sobre o valor da arte no currículo escolar, algo que muitos lutaram para incluir e defender, dada a sua vulnerabilidade e natureza subversiva.

VH revela o desafio — principalmente em se tratando de alunos da rede pública, que chegam ao ensino médio com notórios déficits no aprendizado — de ensinar elementos da composição visual, e busca mostrar aos alunos que o mundo é composto de linhas, pontos, cores e texturas — e que tudo pode ser visto como arte.

Em seguida, VH discorre sobre a complexidade do território do Distrito Federal e sua natureza, inerente, de segregação sócio-espacial, mencionando sua origem na Cidade Ocidental, um lugar negligenciado tanto pelo estado de Goiás quanto pelo DF. E reflete, por conseguinte, sobre suas memórias da cidade onde havia uma notável falta de estrutura cultural. Adiante, menciona São Sebastião — onde foi morar já em sua fase adulta, ao adentrar na universidade —, região administrativa mais próxima de Brasília, e menciona que lá descobriu uma rica tapeçaria cultural — desde rodas de samba até produções manufatureiras tradicionais, como a de tijolos e vasos de barro.

Ao discutir a criação de Brasília, ele destaca o apagamento de histórias indígenas e quilombolas que existiam antes da construção da capital. Fazendo referência à cultura Yorubá e a outros povos africanos, VH delinea a ligação entre a arte e a criação, ressaltando que a arte é uma extensão do divino. Para ele, a arte tem conotação intrinsecamente metafísica.

Ao relembrar 2019, ele descreve sua chegada a uma escola em São Sebastião, carregando a bagagem da Universidade de Brasília, cheio de aspirações para transformar o mundo. No entanto, logo percebe que precisaria adaptar sua linguagem e abordagem pedagógica para se conectar verdadeiramente com os alunos. Ele fala sobre a necessidade de afastar-se de sua formação acadêmica e aproximar-se da sua própria vivência e realidade.

VH relembra um momento específico em sala de aula, quando levantou uma cadeira azul e desafiou os alunos a descrevê-la, levando-os a uma reflexão sobre a natureza da arte e a filosofia por trás dela. Nesse momento, ele se dá conta de que está ensinando filosofia da arte sem ter uma formação específica na área, mas que, ao mesmo tempo, aquela era uma performance necessária para conseguir atingir tais estudantes, demonstrando que, no campo artístico, tudo tem forma e conteúdo — valores materiais e valores simbólicos.

Aqui adentramos na discussão sobre estética. VH destaca-a como a "materialização consciente do pensamento" e discorre sobre a interligação entre estética, ética e arte como instrumentos para disputas de narrativa e de poder. A partir de suas reflexões, ele se aprofunda na questão racial e na

Resultados e análises

importância do reconhecimento dos negros e indígenas na história do Brasil, citando influenciadores como Abdias Nascimento e Lélia Gonzalez. Ele destaca a necessidade de reconhecer as dívidas históricas com tais grupos, e como essas dívidas impactam diretamente na vida cotidiana das periferias.

Para ele, a estética não está apenas na arte, mas também na identidade — na forma como as pessoas se vestem e se apresentam. Ele desafia seus alunos a refletir sobre a importância da aparência e como ela pode ser uma forma de expressão. Como provocação incita seus alunos — conectando-os à literaturas clássicas, como *Romeu e Julieta* de Shakespeare — a reinterpretar tal história em seus contextos locais.

O entrevistado VH aborda a complexidade da estética, analisando-a como uma representação dos limites de um mundo em constante reconfiguração, que, mesmo sem fronteiras fixas, se choca e redireciona-se, constantemente, no tempo e espaço. Ele reflete sobre o conceito de "não-espaço", sugerindo ser uma ideia criada, como uma ficção, para excluir grupos e identidades. Ele ressalta que a ideia de um "não-espaço" existe apenas na medida em que alguém o criou para afirmar seu próprio espaço, uma ferramenta usada pelos dominantes para definir e solidificar seu próprio espaço — ideia interligada ao legado do colonialismo e a persistente narrativa de dominação. E complementa com a contribuição de Sueli Carneiro citada, referindo-se à "construção do outro como não-ser". uma construção que está enraizada em sistemas de poder e discriminação, enfatizando a adição do dispositivo de racialidade.

VH evoca uma série de referências culturais e históricas brasileiras para ilustrar seu ponto. Menciona o movimento da capoeira, "que avança e recua como a maré", e o símbolo Sankofa dos povos Akan, que "olha tanto para o passado quanto para o futuro". A importância da escuta também é enfatizada. Para VH, ouvir é essencial, e ele lamenta a falta de escuta na sociedade atual. Ele destaca o valor da oralidade e da expressão não-verbal em culturas diversas, do Egito antigo às modernas culturas afro-americanas. A "oralitura" e a "escrevivência" — mencionadas, respectivamente, em relação a Leda Maria Martins e Conceição Evaristo — exemplificam a riqueza e profundidade de tais expressões culturais.

VH resgata uma discussão sobre a relação entre estética e identidade, principalmente no contexto educacional. E introduz essa reflexão através de uma comparação entre uma cadeira azul comum de sala de aula e a cadeira do Rei Luís XIV, levantando a questão sobre quem define o valor e a função de um objeto. A relevância da cadeira é ainda questionada dentro do conceito de arte, inspirada na provocação de Duchamp: "poderia essa cadeira azul ser considerada arte e estar em um museu?".

Ele discute o conceito de performatividade na educação, usando o termo para descrever ações que deixam marcas profundas no ambiente educacional. VH questiona a arbitrariedade das normas estéticas, propondo uma análise crítica sobre o que é considerado arte, e como esses padrões são definidos e mantidos.

Resultados e análises

VH mergulha nas complexidades das identidades culturais, religiosas e coloniais, apontando como essas sobreposições podem criar normas rígidas e excludentes. Cita o exemplo do turbante, uma peça de vestimenta com profundo significado cultural, que pode ser vista como inapropriada em espaços formais como o Congresso Nacional. A estética, então, vai além da arte, influenciando o modo como as pessoas são percebidas e tratadas na sociedade. E exemplifica a partir de uma experiência pessoal, na qual fôra repreendido, na escola, por se sentar no chão. No entanto, trazendo sua vivência em terreiros, o chão é um espaço essencial de comunhão e respeito. Fato que revela como normas estéticas e culturais podem se chocar, levantando a importância de reconhecer e respeitar diferentes modos de viver e expressão.

Ao discorrer sobre utopia, VH menciona a relação entre a criança e futuro, ponderando como isso se relaciona a uma visão espiralada do tempo. Ele cita que "o futuro é uma repetição do passado, mas nunca exatamente o mesmo". E pontua que apesar de alguns associarem essa visão com Heráclito, essa é uma perspectiva baseada nas ancestralidades africanas, centrada na ideia de encruzilhada. Para VH, a criança e o jovem não representam apenas o futuro, mas também o presente, interligado ao passado. Ele aprofunda a ideia de utopia discutindo sobre como os indivíduos, influenciados pela sua cultura e história, são sujeitos ativos na construção e transformação de seus mundos — processo que está sempre em andamento, influenciado por múltiplos fatores, desde a biologia até a cultura.

VH aborda a distinção entre criar e inventar. Criar é dar forma ao já conhecido, enquanto inventar é descobrir o novo. O indivíduo está sempre em um processo de descoberta e reinvenção, envolvendo-se em uma relação recíproca com o mundo ao seu redor. Voltando à ideia de utopia, argumenta que essa é possível pois nunca é completamente alcançada. E encoraja os estudantes a continuarem sonhando e criando novas utopias, ao mencionar a autopoiesis como "uma travessia", que envolve risco e perigo — mas que necessitamos estar abertos ao "não saber" onde chegaremos, e encorajados a enfrentar o horror a essa ignorância.

Mencionando Darcy Ribeiro e Paulo Freire, VH ressalta a importância da Universidade de Brasília (UnB) como um espaço utópico e transformador, destacando sua história e conquistas. E reflete sobre o que seria utópico em 2023, mencionando diversos grupos sociais, seus direitos e sua inclusão legítima em espaços de influência e poder.

Ele conclui mencionando Maya Angelou e sua citação "ainda assim eu me levanto", destacando a importância de persistir e lutar pelas utopias, mesmo quando parecem impossíveis. VH ressalta a necessidade de inventar novas utopias e estar aberto à experiência para que a utopia possa nos visitar e inspirar ações transformadoras.

Resultados e análises

TAYLANE PLÁCIDO

Captura de Frame 8: Entrevista com Taylane Plácido.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Taylane Plácido, nascida no Piauí é uma jovem de 21 anos. Atualmente mora em Ceilândia Norte, e compartilhou sua jornada e paixão pela dança e pela arte. Taylane pratica dança desde seus 15 anos de idade, e aprofundou seu envolvimento com essa modalidade artística após sua chegada no Distrito Federal, ao ter contato com o "Jovem de Expressão".

Taylane vê a arte como uma parte essencial da vida, uma vez que, segundo ela, todas as ações que realizamos — percebamos ou não — são uma forma de arte. Ela destaca a importância e o papel da arte nas periferias, onde muitos talentos não são reconhecidos devido à falta de oportunidades. Taylane lamenta o fato de que no Brasil, em particular, existem poucas oportunidades para os artistas. Nas periferias, muitas pessoas talentosas são negligenciadas e não têm a chance de mostrar suas habilidades. Ela compara tais artistas a tesouros esquecidos que não são valorizados.

Apesar dos desafios, Taylane observa que a arte continua viva. Ela participa de vários eventos culturais — como saraus, nos quais dança, graffiti e várias atividades são apresentadas. E destaca um em particular chamado "Marcha da Maconha", que não só aborda a questão da legalização, mas também planta árvores a fim de revitalizar a comunidade, oferece informações sobre diversas plantas medicinais, e evidencia a complexidade da questão racial e estrutural que envolve a discussão.

Ela ressalta os desafios que os artistas enfrentam onde, muitas vezes, precisam adular pessoas com poder e influência para obter

reconhecimento e oportunidades. Muitos artistas enfrentam o dilema de mudar sua identidade para se adaptar às expectativas da sociedade. No entanto, Taylane acredita que os artistas devem permanecer fiéis às suas raízes e lembrarem-se de onde vieram, frisando que não podemos esquecer as lutas travadas pelos nossos ancestrais; e reitera que os artistas que obtêm sucesso devem se esforçar para elevar suas comunidades e trazer oportunidades para os outros

Taylane discute o contraste entre áreas com uma forte presença artística e aquelas onde a arte é menos prevalente. Ela menciona que, em seu bairro, eventos culturais têm ocorrência regular e ajudam a familiarizar as pessoas com diferentes formas de arte. No entanto, em relação ao Plano Piloto, ela sente que a cena cultural não é tão vibrante e muitas vezes falta um envolvimento artístico genuíno.

Ela levanta a questão da discriminação e desigualdade nas artes, destacando as experiências de artistas de rua que enfrentam restrições e assédio ao se apresentarem em locais como o metrô. Taylane acredita que a arte deve ser acessível a todos, pois pode trazer alegria e positividade para a vida das pessoas, estejam elas cansadas do trabalho ou precisando de algo para alegrar seu espírito. Ela sugere que a arte seja integrada em espaços públicos como metrôs e ônibus, permitindo que os artistas mostrem seu talento sem medo de repressão.

Resultados e análises

O conceito de estética não é abordado explicitamente. Taylane, conquanto, concentra-se principalmente na importância da arte como forma de expressão, empoderamento e inclusão social — traçando um paralelo poderoso entre estética e as múltiplas facetas das identidades. Taylane enfatiza a valorização da arte em sua comunidade e a necessidade de criar oportunidades para artistas das periferias. Ela destaca a importância da autenticidade e da conexão com as raízes pessoais e coletivas.

Embora Taylane não discuta especificamente a estética, sua ênfase na expressão artística única e autêntica sugere que ela valoriza a individualidade e a diversidade na arte. A estética pode ser considerada um aspecto da expressão artística, pois abrange elementos como a beleza, a harmonia e a forma visual. No entanto, a entrevista de Taylane se concentra mais nas questões sociais e culturais associadas à arte do que na estética em si.

Taylane também fala sobre o impacto da arte nas ruas e como ela pode atrair a atenção das pessoas. Ela menciona sua própria estética e estilo e como eles atraem a atenção das pessoas, desafiando as normas tradicionais de gênero e estilo.

O termo "utopia" também não fica explícito em sua entrevista. No entanto, ela compartilha sua visão sobre seus sonhos e aspirações como artista. Embora Taylane não a mencione explicitamente, seus sonhos e aspirações refletem uma visão de um mundo onde a arte é valorizada, acessível a todos e capaz de trazer transformação e união às comunidades. Ela

anseia por um futuro em que artistas não precisem comprometer suas origens ou abandonar sua história para ter sucesso, mas possam elevar suas comunidades juntamente com eles.

Ela sonha em criar um grande espaço de arte cultural, onde as pessoas possam esquecer os problemas do mundo exterior e se imergir completamente na arte. Taylane conclui sua entrevista expressando sua paixão pela arte e a importância de trazê-la para todos os lugares, ricos ou pobres. Ela acredita que a arte tem o poder de unir as pessoas e que, portanto, deve ser valorizada e endossada em todos os cantos da sociedade.

Resultados e análises

PEDRO CEZAR DE PÁDUA GONTIJO

Captura de Frame 9: Entrevista com Pedro Cezar de Pádua Gontijo.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Pedro de Pádua Gontijo, de 33 anos de idade, residente do Sudoeste, é cantor e empresário. Formado em Publicidade e Propaganda, ele eventualmente abriu uma empresa de produção de áudio com um sócio. Atualmente, Pedro trabalha na área comercial dessa empresa e possui diversos outros projetos em vista, entre eles as bandas Jambalaia e Imortal Joe, nas quais é vocalista e compositor.

Ele vê a arte como uma maneira de expressar sentimentos e visões de uma forma não convencional, diferentemente de uma simples conversa. Para Pedro, a arte por apresentar aos jovens novas possibilidades de vida — mencionando, também, a prática desportiva — desempenha um papel crucial na sociedade, servindo como meio de comunicação, inspiração e até prevenção ao uso de drogas e à criminalidade.

Pedro frequenta diversos locais de apresentações musicais e teatrais em Brasília, incluindo o Estádio Mané Garrincha e o Porão do Rock. Ele menciona locais como Zeppelin, Infinu e o E-Rockpub como lugares onde costuma frequentar. Pedro observou que o público em Brasília pode ser menos efusivo em certos ambientes, especialmente no Plano Piloto, onde as reações durante apresentações musicais são mais contidas em comparação às apresentações performadas nas demais regiões administrativas.

Em relação à cena artística, Pedro sente que, apesar de existirem espaços e incentivos para os artistas, a cidade ainda não tem uma presença cultural tão vibrante quanto outras metrópoles. Ele recorda sua infância, quando tinha acesso limitado a diferentes estilos musicais, e acredita que as

apresentações de rua poderiam ampliar esse acesso. Ele destaca a importância do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) e da Lei de Incentivo à Cultura, embora muitos não saibam de sua existência.

Pedro acredita que ser artista hoje é desafiador devido à intensa concorrência e à necessidade de construir uma presença digital. E cita que, no cenário do Distrito Federal, a música é a modalidade artística com maior visibilidade e aderência por parte do público.

Em relação a arte em espaços urbanos ou cotidianos, como ruas, ônibus e metrô, ele destaca que, enquanto a música e a performance podem ser facilmente incorporadas a tais espaços, para o teatro pode ser mais desafiador. Pedro acredita que é possível tocar e cantar em espaços públicos, como ruas e transportes públicos, e vê valor nessa forma de expressão.

Ele ressalta a importância de tornar a arte mais acessível às pessoas, especialmente aquelas que não têm recursos para frequentar shows ou peças de teatro. E ressalta que a presença da arte em espaços urbanos pode despertar interesse e inspiração nas pessoas, oferecendo uma alternativa de entretenimento e cultura em seu cotidiano.

Para Pedro, a estética vai além da aparência física, e a define como o conceito por trás de um projeto artístico, a identidade e a mensagem que ele busca transmitir. Ele acredita que a estética de um projeto é o que define sua essência e o que o torna único. Destaca, também, que a estética não se limita às roupas que as pessoas usam, mas sim ao conceito e à ideologia que elas

Resultados e análises

externalizam ao mundo através de seu trabalho artístico. Para ele, a estética de um grupo de arte ou de uma banda, por exemplo, é o que dá sentido e propósito ao trabalho que eles realizam e, nesse sentido, está relacionada ao significado e à intenção por trás da criação.

Complementa comentando a qualidade de uma educação estética que, em sua opinião, seria composta pelo compartilhamento de visões de mundo, de forma ampla, sem criar divisões desnecessárias.

O termo utopia, para Pedro, refere-se a um sonho difícil de ser realizado, mas que vale a pena perseguir. Ele menciona que as pessoas podem passar a vida tentando alcançar uma utopia, mesmo que nunca a realizem completamente. Mas acredita que a utopia — através de persistência e esforço — é um ideal que pode ser buscado.

Pedro destaca que a sua utopia manifesta-se de forma particular, em vias de atingir o coletivo. Sua aspiração máxima seria — por meio de suas letras e suas músicas — comunicar sua visão do mundo, que é frequentemente otimista, mas reconhece as adversidades da vida, atingindo, assim, o âmago das pessoas, e representando uma força de modificação em suas vidas para influenciá-las positivamente.

RÓBSOM AURÉLIO SOARES DE LOIOLA (MINDÚ)

Captura de Frame 10: Entrevista com Mindú.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Róbsom Aurélio, mais conhecido como Mindú, é um artista cujo apelido tem origem em sua infância e que foi levado adiante em sua jornada no graffiti. Originário do Distrito Federal, Mindú reside em Águas Lindas de Goiás e é filho de cearenses que migraram para o DF em busca de melhores oportunidades. Foi em Águas Lindas que Mindú se familiarizou e se aprofundou na arte do graffiti, e menciona sua jornada artística, começando com desenhos na infância e, posteriormente, se envolvendo com o graffiti.

Mindú explica que o graffiti o levou a descobrir o design gráfico e a cursar a faculdade de design na UnB. O graffiti teve um impacto significativo em sua vida, especialmente durante seus anos escolares, um período em que ele sentia que as oportunidades educacionais, como o Programa de Avaliação Seriada (PAS) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), pareciam inacessíveis ou distantes de sua realidade. Ele destaca que, durante seu segundo ano do ensino médio, ele foi um dos únicos dois alunos de sua escola a prestar o PAS da Universidade de Brasília (UnB).

Ao refletir sobre as oportunidades de emprego em Águas Lindas durante os anos 2000 e 2010, Mindú destaca que muitos homens trabalhavam em obras e muitas mulheres como diaristas. Ele próprio já trabalhou em construção, uma profissão que seu pai também exercia. Após concluir o ensino médio, ele continuou a fazer graffiti, intensificando essa prática conforme conseguia recursos para comprar suas tintas.

O graffiti, para Mindú, vai além de um simples hobby — representa um meio de auto expressão e realização que traz um significado mais profundo à vida, uma alternativa a apenas vender sua força de trabalho por um salário mínimo. Ele admira artistas como "Os Gêmeos" e, embora não se veja como um grande grafiteiro, essa arte desempenhou um papel crucial em guiá-lo a explorar outras formas de expressão artística.

Mindú aponta que aventurar-se no mundo do design foi uma decisão influenciada por sua percepção de que, em seu contexto, o design poderia oferecer melhores oportunidades de trabalho do que as artes visuais, especialmente porque ele não tinha interesse em seguir carreira como professor. Atualmente, ele trabalha na área de design e continua sua paixão pelo graffiti.

Além do graffiti, Mindú expressa sua conexão com a arte principalmente através da música, apesar de não ser um músico. Ele destaca como a arte tem o poder de unir pessoas com interesses semelhantes, mencionando outras expressões culturais presentes em Águas Lindas, como o breakdance e as batalhas de rima.

Ao comparar o acesso à arte entre Águas Lindas e o plano piloto, Mindú argumenta que, embora haja uma apreciação pela arte em ambos os lugares, o acesso e a capacidade de consumi-la variam consideravelmente, em grande parte devido às diferenças socioeconômicas. Em Águas Lindas, por exemplo, as oportunidades para experimentar artes visuais, além do graffiti, são limitadas. Em contraste, no plano piloto, embora existam mais espaços dedicados à arte, ele questiona se as pessoas realmente valorizam e exploram essas oportunidades.

Resultados e análises

Mindú reflete sobre o impacto do graffiti e suas interações pessoais com essa forma de expressão. Ele rememora a sua juventude, quando via graffiti em Brasília, especialmente em lugares como Ceilândia e Plano Piloto. Lembra que, por não ter acesso à internet na época, as imagens que via causavam uma forte impressão, levando-o a anotar seus detalhes e tentar reproduzi-los em casa.

Mindú fala sobre a capacidade enigmática do graffiti de cativar as pessoas, indicando que há algo intrínseco no ser humano que se conecta com essa forma de arte. Ele observa a reação das pessoas, incluindo crianças e adultos, quando estão diante de um trabalho em andamento e reflete sobre como o graffiti pode ter diferentes impactos, positivos ou negativos, nas pessoas.

Adiante, a discussão transita para a distinção entre graffiti e pixação. Ele menciona como muitas pessoas não conseguem diferenciá-las, e como a pixação, em particular, tem sido integrada em ambientes como museus e galerias. Mindú expressa sua opinião sobre a importância do elemento "ilegal" no graffiti e na pixação. Ele acredita que a pixação precisa ser ilegal para ser considerada autêntica, mas ressalta que não se vê como pixador.

A evolução histórica e cultural do graffiti é abordada, com referências ao seu surgimento em Nova Iorque na década de 70 e sua trajetória até o Brasil. Ele observa as diferenças estilísticas entre a tag (assinatura) norte-americana e a pixação brasileira. Mindú enfatiza que, apesar de suas origens rebeldes, o graffiti não deve ser limitado a um único propósito ou significado. Ele expressa preocupação com a visão utilitarista de que o graffiti existe apenas

para embelezar cidades e ressalta sua importância como uma forma de expressão que reflete contextos sociais.

Ele continua discutindo o equilíbrio entre a monetização do graffiti e a manutenção de sua essência, levantando questões sobre o que define o "verdadeiro" graffiti. Mindú acredita que há espaço para diversas interpretações e expressões dentro do mundo do graffiti, e isso amplia o número de artistas e estilos presentes.

A conversa se encaminha para a possibilidade de artistas viverem de sua arte. Mindú reconhece que, enquanto alguns conseguem encontrar sucesso financeiro, especialmente na música, é um caminho desafiador nas artes visuais. Ele sugere que a determinação, estudo e, em certo grau, a sorte, desempenham papéis cruciais no sucesso de um artista.

Abordando a importância da acessibilidade da arte, ele argumenta que, ao levar a arte até as pessoas, cria-se uma oportunidade para que elas se engajem em experiências culturais que talvez nunca teriam procurado por conta própria. Ele compartilha suas experiências pessoais com outras formas de arte, como o teatro e o Teatro de Boneco, enfatizando o valor de ter acesso a expressões artísticas em espaços abertos e públicos. Ele acredita que qualquer forma de arte que seja facilmente acessível é valiosa para a comunidade.

Mindú, ao abordar a temática da estética, entende-a como a identidade de algo, que pode se manifestar tanto visualmente quanto sonoramente. Utiliza, por conseguinte, da música para ilustrar seu ponto, mencionando que certos

Resultados e análises

estilos musicais têm características imediatamente reconhecíveis, não apenas no som, mas também em elementos visuais, como capas de álbuns e tipografias. Para Mindú, a estética é fundamentalmente sobre identidade. Ele vê a importância de não apenas reconhecer e entender sua própria identidade, mas também a história e identidade do local ou cultura em que se insere. Tal reconhecimento seria benéfico tanto em uma escala micro quanto em uma escala macro, auxiliando no mútuo entendimento de si mesmo, das pessoas e do mundo.

Questionado sobre utopia, Mindú lembra uma citação de Eduardo Galeano sobre horizontes que se movem conforme avançamos. Para ele, essa frase representa uma forma de lidar com a arte, fazendo-a porque gosta, independentemente do destino final. No entanto, Mindú expressa certa hesitação quanto ao termo "utopia", visto que parece evocar algo inatingível.

Em sua vida pessoal, embora já tenha tido utopias, agora possui desejos mais tangíveis, como uma vida de qualidade. Ele reflete sobre oportunidades e acesso a necessidades básicas, e ressalta que o termo "básico" pode ser ambíguo, pois pode referir-se tanto a necessidades fundamentais quanto a experiências complexas, como acesso ao tempo e às aspirações pessoais.

Ao fim, Mindú compartilha seu sonho de que todos possam viver dignamente, e enfatiza a importância do autoconhecimento, argumentando que muitas vezes as pessoas vivem de forma automática, como robôs. Sonha com um mundo onde todos tenham tempo e de qualidade com seus entes queridos, além da oportunidade de desfrutar a natureza e as expressões artísticas.

RENATO MORI

Captura de Frame 11: Entrevista com Renato Mori.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Renato Mori é um fotógrafo de 25 anos de idade, natural de Brasília, que reside no Sudoeste, e mantém uma forte ligação com a arte e cultura da cidade. Em sua visão, a arte é um reflexo das emoções, experiências e da expressividade das pessoas. Formado em Publicidade e Propaganda pelo IESB, de Brasília, ele acredita que toda forma de comunicação constitui-se da arte, destacando a essência colaborativa da expressão artística. Ela permite que as pessoas aprendam, se comuniquem e colaborem umas com as outras. A importância da arte reside na capacidade de transmitir histórias e mensagens, criando uma cadeia colaborativa entre artistas, público, produtores e outros envolvidos.

Renato aborda a liberdade que Brasília oferece, possibilitando expressões artísticas em espaços públicos abertos onde as pessoas os ocupam e exploram de forma criativa, embora existam, também, entraves burocráticos como a necessidade de obter licenças para alcançar a realização dessas atividades.

Em sua rotina, ele está constantemente cercado por diversas formas de arte, como cinema, festivais de música e clubes literários, refletindo sua paixão e considerando a arte como seu estilo de vida. Ele destaca a importância de se envolver com arte e sentir sua energia, seja na companhia de outras pessoas ou sozinho. A presença constante de arte em sua vida serve como estímulo e fonte de inspiração.

Quando questionado sobre a possibilidade de sustentar através da arte, Renato revela que não existe uma fórmula definida e observa que em Brasília, artistas têm uma oportunidade significativa de obter recursos governamentais

para seus projetos. Ele menciona, também, a importância de estar cercado por pessoas certas e identificar oportunidades no mercado cultural.

Contudo, critica o consumo cultural atual, muitas vezes pautado em tendências estrangeiras e massificadas, argumentando que as pessoas têm se distanciado da busca por experiências artísticas genuínas. Ele enfatiza a importância da intervenção artística em qualquer lugar e momento, mencionando a presença de músicos de rua, poetas, artistas de graffiti e artesãos como exemplos. Renato também destaca a ubiquidade das intervenções artísticas no cotidiano, sugerindo que tais manifestações estão por toda parte, à espera de serem notadas. Para ele, a arte tem um poder transformador, citando sua experiência pessoal ao recorrer à música como uma válvula de escape durante um período difícil em sua vida.

Renato Mori oferece sua perspectiva sobre estética, descrevendo-a como uma harmonia de texturas, cores e formas. Ele enfatiza que a estética pode variar em agressividade, limpeza, simplicidade entre incontáveis outros atributos, dependendo do contexto no qual se manifesta. Ele ressalta que tudo possui estética dentro de suas constituições, destacando a existência de uma filosofia por trás das coisas como elas são, em seus diferentes tipos e gêneros. Pontua, também, que a sensibilidade é algo intrínseco a cada indivíduo, mas que é possível ensinar a reconhecer e decifrar os sentimentos.

No entanto, Renato também menciona que não devemos nos limitar a uma estética aceita ou padronizada. Ele acredita que é necessário ter bagagem e

Resultados e análises

coragem para "remixar" elementos a fim de criar uma estética nova, uma nova manifestação artística ou um novo movimento.

Ao discutir a utopia, Renato descreve-a como um ideal inalcançável, um sonho distante. Ele menciona que a utopia representa algo almejado pelos indivíduos, mas que está muito distante da realidade em que vivemos.

Renato expressa alguns aspectos de sua própria utopia, como uma sociedade livre da violência e da fome. Também aponta a ideia de ter excluir tudo que é negativo para na vida, embora reconheça que elementos negativos também são necessários para a evolução do indivíduo — pontuando que as utopias seriam alcançadas se não houvessem extremos, através de uma busca por equilíbrio e harmonia em todos os aspectos da vida.

Ele finaliza a entrevista enfatizando o poder comunicativo e terapêutico da arte. Renato acredita que a arte proporciona um ambiente seguro para que as pessoas se expressem e se comuniquem, para que debatam sobre todo tipo de assunto e se conectem com a verdade do próximo. Seu conselho final é para que as pessoas se engajem na criação artística, buscando viver plenamente suas vidas e suas aspirações, mas para que atentem-se, e essa busca não se torne cega, em vias de prejudicar aqueles que compartilham o caminho conosco.

JÉSSICA CARVALHO

Captura de Frame 12: Entrevista com Jéssica Carvalho.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Jéssica Carvalho, natural de Brasília, tem 31 anos de idade, e é uma mulher que encontrou seu propósito na música após uma formação em geologia na Universidade de Brasília (UnB). Durante os últimos anos de sua graduação, Jéssica se apaixonou pela música — através do contato com o Mestre Zé do Pife —, desviando completamente sua atenção da geologia.

Mesmo sem experiência musical anterior, ela buscou diversas oportunidades de estudo, obtendo bolsas em instituições como a Escola de Música de Brasília e o Clube do Choro. Hoje, Jéssica estuda percussão popular e já concluiu o curso básico. Além disso, formou-se em pandeiro no Clube do Choro, onde atualmente ministra aulas desse instrumento enquanto aprende a tocar cavaquinho. Ademais, Jéssica trabalha como professora particular, dá aulas no Clube do Choro, participa de diversos grupos musicais e é frequentemente convidada para apresentações. Sua atuação se estende a performances, ensino e produção de eventos com seus grupos.

Relembrando sua infância, Jéssica menciona que sua família priorizava o trabalho em detrimento da cultura, o que fez com que seu contato com a música se limitasse, em grande parte, às trilhas sonoras de novelas. Agora, ela está constantemente aprendendo e se envolvendo com o universo musical, participando de rodas de choro, forró, e outros eventos culturais em Brasília. Ela destaca lugares como o Clube do Choro, Mestre Zé do Pife na UnB, a Escola de Música de Brasília e o Espaço Cultural Renato Russo como significativos em sua jornada musical.

Para Jéssica, a música é um meio poderoso de expressão. Sentindo-se uma pessoa imensamente sensível e sentimental, ela vê a arte musical como uma via para expressar sentimentos e emoções internas que, muitas vezes, não consegue comunicar verbalmente. Ela acredita no poder da música em conectar pessoas e resgatar a sensibilidade humana — frequentemente ofuscada pela rotina diária e responsabilidades — e capaz de levar a sensações, memórias e criar um senso de coletividade.

No entanto, Jéssica observa algumas desigualdades culturais, notando, por exemplo, que em lugares como a Casa do Cantador na Ceilândia, a música é dominada predominantemente por homens, com pouca presença feminina. Ela também aponta a necessidade de uma maior valorização do trabalho artístico, frequentemente visto como um hobby.

Jéssica reconhece os desafios de viver da música — como a instabilidade financeira —, mas acredita que, com planejamento e diversificação — como dar aulas, produzir eventos e tocar —, é possível viver de sua paixão. Ela enfatiza a importância de ocupar espaços públicos com música para torná-la mais acessível e conectar mais pessoas a diferentes gêneros musicais, como o choro.

Jéssica expressa uma visão particular sobre estética na música. Ela menciona que, para ela, o aspecto mais relevante se dá no sentimento transmitido pela música e a capacidade de expressar emoções e sensações.

Indaga sobre a estética tornar-se padronizada e vazia caso não esteja enraizada em um sentimento genuíno e destaca a importância de uma expressão artística

Resultados e análises

que transmita emoção, sensibilidade e autenticidade. Sua abordagem valoriza a individualidade e a expressão pessoal, enfatizando que a música deve ter um propósito emocional e comunicar algo significativo, tocando as pessoas emocionalmente e criando conexões profundas. Jéssica não busca uma estética padronizada ou uma fórmula específica para a música, mas valoriza a originalidade e a capacidade de transmitir emoção como fatores-chave na apreciação artística.

O conceito de utopia não é explicitamente abordado em sua entrevista. No entanto, Jéssica expressa sua preocupação com questões sociais e ambientais, sugerindo a esperança por um mundo alternativo através de uma visão idealista.

No contexto musical, seu sonho utópico é colocar em evidência a riqueza da música tradicional brasileira, muitas vezes negligenciada pelas grandes mídias, valorizando devidamente os mestres dessa cultura.

Ademais, Jéssica compartilha sua sensibilidade ambiental, expressando preocupação com a conservação do meio ambiente e a produção excessiva de resíduos, pontuando que essa mentalidade pode levar à ruína da sociedade. Ela menciona a necessidade de repensar a forma como consumimos e produzimos bens, sugerindo um anseio por um mundo mais sustentável e equilibrado.

Jéssica finaliza elogiando o projeto por abranger diversas formas de arte, não apenas a música. Ela vê isso como uma ferramenta educativa valiosa para compartilhar perspectivas de diferentes artistas e tornar o mundo da arte mais acessível ao público em geral.

BIRO RIBEIRO

Captura de Frame 13: Entrevista com Biro Ribeiro.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Biro Ribeiro, poeta, MC, compositor, escritor e produtor cultural, nasceu em Patos de Minas e reside em Brasília desde os seus dois anos. Formado em Comunicação Social, especializado em Publicidade e Propaganda, Biro define-se como um "artista das palavras" e das múltiplas possibilidades que elas oferecem, trabalhando com composições musicais, poesia, redação publicitária e desenvolvimento de projetos.

Biro iniciou sua jornada artística no ensino fundamental, escrevendo poesias. Com o tempo, foi introduzido à cultura hip hop e às batalhas de MCs, tornando-se um MC e rimador. Ele competiu em diversos estados do Brasil e, eventualmente, também se tornou produtor cultural e organizador de batalhas no Distrito Federal, mais especificamente em Taguatinga. Hoje, ele continua engajado com a produção cultural, especialmente no universo do freestyle e da cultura hip hop.

Para ele, a arte é um elemento transformador em sua vida, e acredita que a arte tem o poder de ressignificar tudo — espaços públicos, emoções, sentimentos e memórias. Segundo ele, a arte tem o poder de preencher a vida de significado. Ele compartilha sua visão de que a arte está presente no cotidiano e que, ao prestarmos atenção aos detalhes, podemos percebê-la ao nosso redor.

Biro é não apenas um produtor mas, também, um consumidor de arte. Assíduo frequentador das batalhas de rimas que ocorrem nos espaços públicos do Distrito Federal — além de shows, festivais de música e eventos literários, como saraus e slams. Ele acredita na ressignificação desses espaços através da

arte mas destaca, entretanto, a desigualdade cultural e social da cidade, onde os centros são privilegiados em detrimento das periferias. Para ele, a ocupação do espaço público com arte é uma forma de resistência e afirmação cultural.

Ressalta, também, os desafios de viver da arte, especialmente dentro do sistema capitalista. Ele menciona a necessidade de comercializar a produção artística e arrecadar recursos para continuar criando. Biro destaca a importância de reconhecer a arte como profissão, com horários, metas e direitos, e superar os desafios impostos pelo sistema de valores em que vivemos.

Quanto ao acesso à arte, Biro acredita que as pessoas estão distantes dela devido à carga de trabalho excessiva, ao ritmo acelerado da vida moderna e às desigualdades sociais que negam o acesso a determinadas comunidades. Ele enfatiza a importância de trazer a arte para o cotidiano das pessoas de maneira inesperada e pública, ocupando espaços e proporcionando momentos de respiro e transformação. Ele vê a ocupação cultural como uma maneira de fortalecer a economia criativa, impulsionando artistas locais e criando uma atmosfera culturalmente rica nas cidades.

Biro Ribeiro aborda o conceito de estética como um conjunto de elementos que compõem uma identidade artística. Ele menciona que essa pode remeter a referências, padrões ou obras de arte específicas. Para Biro, a estética está relacionada ao reconhecimento e à identificação de uma obra, seja ela sonora, visual ou tátil.

Resultados e análises

No entanto, também destaca que a estética vai além da mera semelhança com outras criações artísticas, e propõe que a estética seja vista como uma oportunidade de redescoberta, permitindo que as pessoas atinem-se a novos interesses, inspirações e aspirações, que por muitas vezes acabam sendo suprimidas em detrimento de fatores normativos.

Biro enfatiza a importância de experimentar diferentes formas de arte e explorar novas expressões estéticas. Ele menciona sua própria prática de colagem de adesivos com poesias em diversos espaços urbanos como uma forma de ocupar o cotidiano com uma estética específica, buscando causar sensações e despertar emoções nas pessoas que entram em contato com suas criações. O fazer artístico de Biro Ribeiro tem como temática central a urgência da vida e a importância de se movimentar em busca de uma existência significativa. Ele busca escrever mensagens positivas e instigantes, que possam inspirar as pessoas e preencher suas vidas.

Ao discutir sobre utopia, descreve-a como uma força motivadora que impulsiona a busca por um mundo melhor, e menciona que a utopia é uma idealização, muitas vezes irrealizável, mas que serve, entretanto, como um objetivo a ser perseguido. Para Biro, a utopia é um combustível que mantém as pessoas em movimento, mesmo sabendo que nunca alcançarão totalmente o ideal que buscam.

Ele faz referência a uma frase do escritor Eduardo Galeano, que destaca a importância da utopia como algo que nos mantém caminhando. Biro acredita que o caminho em direção à utopia é significativo e prazeroso, mesmo que o objetivo final nunca seja completamente alcançado, e expressa o desejo de viver em um mundo mais fraterno e compreensivo, com relações mais empáticas e gentis.

Biro reconhece que o mundo pode ser cruel e desigual, mas acredita que vale a pena percorrer o caminho em busca de uma sociedade mais justa e cordial. Ele vê a utopia como um incentivo para que as pessoas sejam mais engajadas na construção de um mundo melhor.

Resultados e análises

ISABELLA ALVES

Captura de Frame 14: Entrevista com Isabella Alves.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Isabella Alves, natural de Brasília, tem 25 anos de idade, é cineasta e diretora, com habilidades em acrobacia, especialmente usando tecidos. Formou-se em cinema pelo IESB de Brasília, e ampliou seus conhecimentos ao realizar cursos de arte no Ateliê Bucarest de Cinema, e buscando aprendizado em qualquer lugar que ofereça oportunidades nesse campo.

Ela vem de uma família ligada às artes, mas que nunca profissionalizou essa paixão. Desde os 14 anos, Isabella está envolvida com o cinema e a arte, trabalhando como figurinista, quando seu pai se tornou produtor executivo audiovisual. Além disso, ela também se especializou em acrobacias e trabalha com tecido, explorando a expressão corporal. No campo profissional, Isabella tem participado de projetos cinematográficos — incluindo curtas e longa-metragens — e atualmente é diretora de arte da série "Réus", produzida em Brasília.

Enfatiza que, para ela, a arte é fundamental e não consegue imaginar sua vida sem estar envolvida no mundo do cinema. A arte sempre teve um papel central na vida de Isabella, que vê o mundo através de uma lente artística, procurando encontrar a beleza mesmo nas coisas mais banais ou horríveis. Ela acredita no potencial artístico de gerar novas impressões e mostrar a beleza que está presente em nosso cotidiano, oferecendo, também, novas perspectivas, o que ajuda as pessoas a refletirem sobre suas próprias vidas e problemas.

Isabella é ativa no cenário cultural de Brasília, frequentando eventos apoiados pelo Fundo de Apoio à Cultura, além de participar ativamente de oficinas com grupos como o "Jovem de Expressão" da Ceilândia. Como mora

sozinha, ela valoriza os eventos culturais acessíveis e destaca o Buraco do Jazz como um espaço importante em sua vida, pois é gratuito e oferece uma experiência enriquecedora. Embora consuma cultura, principalmente o cinema de Brasília e do Brasil, ela reconhece que nem sempre é acessível para todos.

Isabella afirma que vive da arte e que sua trajetória é prova de que é possível viver de arte no DF, mas destaca que não é uma jornada fácil, exigindo a busca constante por incentivos e financiamentos. Expressou, não obstante, preocupações sobre o fomento à arte e cultura — especialmente durante os quatro anos anteriores — sob um governo que, segundo ela, reduziu significativamente os investimentos em cultura. Apesar dos desafios, ela acredita na recuperação desse setor com energia e determinação.

Isabella Alves aborda a questão da estética em sua entrevista, oferecendo uma visão ampla de tal conceito. Menciona que a estética deixou de ser simplesmente uma questão de beleza visual e harmonia para se tornar algo mais complexo e abrangente. Para ela, a estética está relacionada à forma como diferentes elementos se unem e se harmonizam para criar um todo, não necessariamente buscando apenas a beleza, mas transmitindo uma ideia a partir da conjunção de escolhas para a criação em questão — na qual diferentes elementos se unem para criar algo novo e provocar sensações e reflexões.

A cineasta também menciona que vivemos uma crise estética, sugerindo que a crise não está apenas relacionada a questões econômicas ou sociais, mas também pode ser vista como uma crise da percepção de mundo. Ela sugere que

Resultados e análises

seria interessante promover uma educação estética para que as pessoas compreendam que a estética vai além da beleza superficial, incluindo a capacidade de transmitir ideias e conceitos.

Isabella Alves não menciona explicitamente o termo "utopia". No entanto, expressa uma visão otimista e apaixonada pela arte, destacando o papel transformador que a arte desempenha na vida das pessoas e na sociedade em geral. Ressalta, por conseguinte, a importância de sonhar e expressar-se por meio da arte, vendo-a como uma forma de transcender as dificuldades do cotidiano e encontrar novas perspectivas, proporcionando momentos de sonho e esperança, contribuindo para a criação de uma realidade mais significativa e inspiradora.

Em sua visão ideal, as cidades seriam mais verdes, com parques e natureza integrados ao ambiente urbano. A acessibilidade à cultura em todas as suas formas, seja gastronomia, artes ou acrobacia, seria generalizada. Ela sonha com um mundo onde a cultura seja acessível a todos, servindo como terapia e enriquecimento para cada indivíduo.

FLÁVIO ALTOÉ

Captura de Frame 15: Entrevista com Flávio Altoé.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Flávio Altoé é um brasiliense que tem suas raízes profundamente ligadas à cidade de Brasília. Sua paixão por desenhar — influenciado pela arquitetura e pela configuração espacial da cidade — conduziu-o a seguir a carreira de designer gráfico, graduando-se pela Universidade de Brasília.

Para Flávio, a arte tem o poder de transportar as pessoas para mundos possíveis e serve como um refúgio, um espaço onde podem sonhar e sentir-se confortadas e instigadas. Ele enfatiza a importância da arte em sua vida e acredita que é essencial consumir diferentes modalidades artísticas regularmente para enriquecer a vida cotidiana. Cinema, museus, shows de música e feiras em Brasília são suas principais fontes de contato artístico.

Flávio destaca a necessidade de uma colaboração entre os artistas e o governo para promover mais espaços e eventos artísticos na cidade. Ele sugere que o governo poderia fornecer infraestrutura básica para a realização de eventos mensais, inspirando-se em modelos como o do festival PicniK. Ele acredita que intervenções artísticas espontâneas nas ruas podem ter efeitos transformadores no cotidiano do cidadão, assim como tornar os espaços urbanos mais dinâmicos, aproveitando-os genuinamente e gerando valor à espaços subutilizados.

Em relação aos artistas locais, Flávio percebe um início de valorização, mas acredita que ainda há um longo caminho a percorrer. Para ele, os artistas desempenham um papel crucial na formação da identidade da cidade, transformando o cotidiano em algo tangível. Flávio cita, também, a necessidade de mais espaços, como bibliotecas e museus, para catalogar e preservar a arte do Distrito Federal.

Ao abordar a estética, Flávio inicia traçando um paralelo com o conceito de cultura, e compara-a a uma plantação, algo que cresce da terra. Ele acredita que a cultura de um lugar é moldada pelas pessoas que vivem ali e é expressa através dos múltiplos fazeres artísticos.

Acerca da estética em si, atribui a ela uma grande importância. Ele descreve a estética como a maneira a qual um objeto é modelado, e destaca a variedade de formas que podem ser atribuídas a um mesmo objeto. Flávio enfatiza que a estética vai além da funcionalidade de um objeto, influenciando o indivíduo de forma subliminar, a partir dos elementos sensoriais e emocionais que compõem o objeto.

Na visão de Flávio, a estética desafia a ideia de retidão e perfeição, destacando a naturalidade e a diversidade encontradas na natureza. Ele menciona que os animais realizam suas ações de forma "meio bagunçada", e é justamente a estética que nos faz lembrar que somos parte integrante do planeta.

Não obstante, comenta sobre a influência da classe dominante na imposição de sua estética como a principal, e ressalta que não existe certo ou errado quando se trata de estética, desde que o objeto cumpra sua função e transmita as qualidades que tiver para transmitir.

Com a ascensão da inteligência artificial, Flávio acredita que — em um mundo cada vez mais automatizado — é fundamental educar as pessoas sobre a importância e o valor do trabalho humano, destacando que as emoções e a singularidade humana são fundamentais na produção artística, e tais perspectivas únicas não podem ser replicadas por máquinas.

Resultados e análises

Flávio menciona a utopia como um conceito importante em seu discurso. Descrevendo a utopia como um ideal de um mundo melhor, uma cidade melhor, uma vida melhor e ressalta que, embora seja impossível alcançar plenamente a utopia, é fundamental caminhar em direção a ela; servindo, a utopia, como um modelo mental que impulsiona as pessoas a buscar melhorias em suas vidas e em suas comunidades. Ele destaca que a utopia está ligada à educação e à conscientização sobre a importância do trabalho, do respeito mútuo e do cuidado com o meio-ambiente. Ademais, menciona a busca por um mundo melhor e uma cidade ideal: um lugar perfeito, seguro e artístico.

Flávio enfatiza que a arte desempenha um papel fundamental nessa aproximação da utopia com a realidade. Afirma, por conseguinte, que a arte está intrinsecamente ligada à filosofia e — juntamente com a fala — tem o poder de educar mais íntima e emocionalmente, proporcionando uma forma de aproximar as pessoas desse ideal utópico.

Por fim, destaca o papel central da arte na existência humana. Para Flávio, a arte é fundamental e está intrinsecamente ligada à natureza humana. Ele ressalta a importância de valorizar mais a arte, especialmente em espaços urbanos como Brasília, pois acredita que a proximidade com a arte pode melhorar significativamente a qualidade da vida cotidiana das pessoas.

IANO FAZIO

Captura de Frame 16: Entrevista com Iano Fazio.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Iano Fazio tem 39 anos de idade, é brasiliense, ator, músico, professor de artes e formado em História. Um cidadão altamente envolvido com o cenário artístico de Brasília. Ele começou a se envolver com música e artes durante a adolescência, especialmente com o rock'n'roll. Apesar de sua paixão pela música, ele optou por estudar História na universidade, uma escolha que ele valoriza como uma ferramenta em sua vida, mesmo não trabalhando diretamente na área.

Iano já lançou disco autoral, faz parte de um grupo de teatro que realiza turnês pelo Brasil, além de bandas que fazem covers musicais. Comparando as experiências em grupo à dinâmica de um casamento, Iano enfatiza a profundidade da troca criativa entre os membros, pois compartilham sensações profundas ao compor e criar juntos. Ele menciona que não há certo ou errado na arte; é mais sobre sentir e compartilhar esses sentimentos coletivamente. Ele destaca o caráter expressivo e comunicativo da arte, afirmando que começou a se compreender como pessoa através dela. A arte, segundo ele, possui uma função educacional e terapêutica na sociedade, servindo como uma ferramenta de comunicação sensível e subjetiva.

Sobre o cenário musical em Brasília, Iano comenta sobre as oscilações do mercado. Há cerca de sete ou oito anos, havia um circuito mais ativo de bandas autorais, com artistas alugando espaços e criando oportunidades. Ele enfatiza a diferença entre bandas covers, que geralmente tocam em lugares estabelecidos como pubs, e bandas autorais, que frequentemente inventam seus próprios espaços.

Para Iano, muitos artistas equilibram sua carreira se apresentando e dando aulas. Em Brasília, há oportunidades para financiamento através de incentivos públicos, embora alguns artistas também consigam apoio de empresas privadas. Ele pessoalmente ganha a vida tocando à noite e dando aulas, e seu grupo de teatro recebe tanto patrocínios públicos quanto privados. E reconhece que sua situação é relativamente mais confortável, pois faz parte de projetos estabelecidos e estruturados, mas que, no entanto, a maioria dos artistas precisa buscar novos projetos para obter renda, enfrentando constantes desafios.

Discutindo sobre a arte nas ruas de Brasília, Iano observa que a cidade não possui uma forte cultura de performances de rua, de forma oposta a cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo. Apesar de Brasília ter muitas intervenções artísticas, como artes plásticas em espaços públicos, essas são mais permanentes e menos espontâneas. No entanto, ele destaca alguns espaços onde atividades artísticas ocorrem regularmente, como batalhas de rap e ensaios de dança.

Quando questionado sobre a cena artística em Brasília, Iano observa que a cidade tem espaços destinados a eventos teatrais e festivais, mas acha que o teatro em Brasília está principalmente vinculado a espaços institucionalizados. Ele também menciona a presença de intervenções urbanas, como desenhos e arte de rua, e destaca a importância de inventar espaços e festas para promover a música autoral na cidade.

Resultados e análises

Iano reflete sobre a complexidade do cenário artístico em Brasília, pois a cidade é segmentada e não há muita interação entre os diferentes grupos e espaços artísticos. Ele acredita que, em Brasília, as pessoas frequentemente procuram locais já estabelecidos para consumir arte, ao invés de serem "atravessadas" por ela espontaneamente no dia a dia. Contudo, Iano ressalta a importância da proposição de diálogos — como sendo a missão do artista — mesmo que nem sempre recebam-se respostas positivas.

Durante sua entrevista, Iano mergulha profundamente na complexidade do conceito de estética, comparando-a a uma linguagem e enfatizando sua natureza menos racional e mais perceptual. Ele argumenta que a estética não é apenas uma construção do emissor, mas se completa com a percepção do receptor. E salienta que a interação entre esses dois pólos é crucial para a existência de uma mensagem estética, já que depende muito de como o receptor decodifica a mensagem proposta.

Iano destaca que a estética não se resume ao belo; pode evocar diferentes memórias e emoções para cada indivíduo. E que isso torna-se ainda mais evidente quando se muda o contexto de uma obra, como uma peça teatral apresentada em um palco tradicional comparada à mesma peça sendo apresentada em um museu. O ambiente altera a percepção e, conseqüentemente, a estética do espetáculo.

Ao discutir sobre utopia, Iano descreve-a como um impulso inalcançável, mas crucial para dar propósito à vida. Para ele, a utopia funciona como um farol distante, algo que nos guia, mesmo sabendo que nunca alcançaremos. Ainda nesse contexto, ele reflete sobre como a idade e as experiências de vida moldam e alteram nossas percepções e ideais. A utopia de Iano gira em torno da esperança de que as pessoas possam desenvolver maior sensibilidade nas interações humanas, sem preconceitos e automatismos. Ele vê a arte e a educação artística como ferramentas essenciais para cultivar essa sensibilidade.

Na parte final, Iano compartilha sua experiência pessoal com a educação artística, especialmente trabalhando com musicalização infantil. Ele observa as crianças interagindo com a música e vê a importância da arte na formação do caráter, personalidade e ideias. Para ele, a arte é fundamental não apenas para o crescimento individual, mas para a sensibilização da sociedade como um todo. Iano finaliza sua reflexão defendendo a valorização da educação artística, reforçando sua importância na construção de uma sociedade mais empática e sensível.

Resultados e análises

ALINE HENNING D'ANTONINO

Captura de Frame 17: Entrevista com Aline Henning D'Antonino.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Aline Henning D'Antonino, de 29 anos de idade, é artista plástica, mãe e uma apaixonada por bicicletas. Ela nos apresenta suas múltiplas facetas e experiências, passando por cursos de desenho e artes cênicas até trabalhar como entregadora de bicicleta. O ciclismo, mais do que apenas um hobby ou meio de transporte, tornou-se uma plataforma para Aline mergulhar no mundo da mobilidade urbana. Ela colaborou com iniciativas como Bike Anjo e Rodas da Paz, e participou da organização e produção de eventos underground que promoviam competições e oficinas de reparo e personalização de bicicletas.

Entretanto, não foram apenas as experiências positivas que marcaram sua trajetória. Aline enfrentou momentos difíceis, principalmente relacionados a acidentes de trânsito, como a perda de um amigo chamado Raul. Nesses momentos, foi sua paixão pela arte que proporcionou um refúgio e um meio de processar suas emoções. Ela canalizou suas experiências e observações, transformando-as em arte como uma forma de educar sobre o trânsito, refletir sobre a realidade e expressar seus sentimentos.

Ela destaca a "Bicicletada" como um exemplo de evento que representa essa fusão entre arte, ativismo e ciclismo. Descrito como uma "festa em movimento", é uma reunião espontânea de ciclistas e entusiastas que transforma a paisagem urbana em uma performance, ora sendo um protesto, ora uma celebração.

Para Aline, a arte tem o poder de distrair das dores da vida e ao mesmo tempo chamar atenção para elas. Ela considera a arte essencial, não apenas como uma forma de expressão, mas também como um meio de trazer as pessoas de volta ao momento presente, longe da rotina automatizada do cotidiano. A arte tem a capacidade de fazer com que as pessoas reflitam sobre si mesmas e sobre o mundo ao seu redor.

Em suas observações cotidianas, Aline nota a arte presente em várias esferas da vida urbana, desde malabaristas em sinais de trânsito até as pinturas urbanas, os bombs. Ela também se dedica a experiências culturais variadas, visitando lugares como CCBB, SesiLab, Cine Brasília, Espaço Cultural Renato Russo, e aprecia obras em várias galerias de arte, mencionando que sua filha também é uma artista e apreciadora de arte.

Para Aline, ser artista é um desafio constante, dada a dificuldade inerente da profissão e a necessidade de equilibrar a paixão com a busca por renda. Contudo, ela defende que a arte é essencial e que os artistas têm um valor inestimável para a sociedade.

Resultados e análises

No contexto urbano, Aline vê uma conexão profunda entre arte e mobilidade, especialmente através da bicicleta. Ela acredita que a bicicleta permite uma maior conexão com a cidade e as emoções. Enquanto muitos isolam-se dentro de carros, a bicicleta torna o indivíduo mais presente e atento ao seu redor, trazendo, a cada deslocamento, potencial para inspirações artísticas. Aline complementa, ao enfatizar a importância de "ocupar" a cidade, fazendo parte ativamente de sua paisagem. Ela exemplifica isso com sua própria bicicleta, adornada com adesivos e pinturas, tornando-se, assim, uma extensão de sua expressão na tapeçaria artística urbana.

Aline discute a natureza da estética na arte e em nossa percepção diária. Ela entende a estética como uma direção fotográfica intrínseca, onde tudo pode ser encaixado em uma função artística. Comentando sobre a tendência humana de se apegar a estereótipos de beleza, Aline reflete sobre como a estética acompanha as emoções, sentimentos e percepções sensoriais de um indivíduo. Ela argumenta que, embora todos tenhamos nossas preferências estéticas, é essencial sermos expostos a diferentes formas de arte e realidades, ampliando nossa perspectiva e capacidade crítica.

Aline também aborda o conceito de utopia, vendo-o não como uma realidade alcançável, mas como um ideal inspirador. Sua visão utópica é repleta de cores vivas, música e, evidentemente, diversas formas de arte. Ela expressa preocupação com a maneira como as noções convencionais de beleza são inculcadas em nós desde tenra idade, citando o exemplo de crianças que, quando perguntadas sobre quem é a pessoa mais bonita da sala, apontam instintivamente para características que são culturalmente valorizadas, como cabelos loiros e olhos azuis.

Confrontar esses padrões pré-estabelecidos e desafiar os estereótipos de beleza é crucial para Aline. Ela acredita que muitos de nós operam no piloto automático, aceitando noções pré-concebidas sem questionamento. Ela enfatiza a importância de quebrar esse automatismo e de evitar julgamentos precipitados. Em sua opinião, enfrentar o desconhecido e explorar o que encontramos lá, bem como o que encontramos dentro de nós mesmos, pode ser uma jornada reveladora e libertadora. Ao se aventurar em territórios desconhecidos, tanto no mundo externo quanto no interno, podemos encontrar uma verdadeira compreensão e apreciação da realidade.

Resultados e análises

NATÁLIA GODOY

Captura de Frame 18: Entrevista com Natália Godoy.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Natália Godoy, uma mulher de 33 anos, possui uma trajetória profissional diversificada e uma visão ampla sobre arte, design e arquitetura. Desde pequena, sempre esteve imersa nesse mundo, influenciada pelo amor de seu pai pela fotografia e pela habilidade inata de sua mãe como artista. A arte sempre serviu como uma rede de segurança em sua vida, dando-lhe a confiança para arriscar e experimentar. Formada em Arquitetura e Design Gráfico, atualmente trabalha com edição de fotos, em um estúdio voltado à expografia artística, com projetos advindos do Distrito Federal, e até mesmo de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

A transição de sua carreira foi marcada por desafios. Quando sua filha nasceu, ela enfrentou dificuldades em encontrar seu lugar no mercado de trabalho de Brasília, especialmente no campo da arquitetura. Sem formação em design gráfico, Natália começou a trabalhar nesse ramo, chegando a cobrar valores muito baixos por projetos que demandavam meses de trabalho. Eventualmente, reconhecendo sua paixão pelo design, decidiu buscar formação formal e se graduou em 2020. Mais tarde, ingressou no Estúdio 7um13, onde trabalha atualmente.

Ela reflete sobre a importância da arte como uma forma de questionar e representar a sociedade, indo além da simples apreciação do belo. Para Natália, a arte tem um papel filosófico e é um termômetro social. Seu envolvimento no estúdio lhe permitiu perceber a superficialidade de algumas galerias renomadas e tradicionais, expandindo suas concepções em vias de valorizar espaços

expositivos menos convencionais que, de acordo com ela, oferecem uma visão mais crua e real da arte. Ressalta, por conseguinte, a importância de democratizar a arte e levá-la a todos os cantos, rompendo com as barreiras impostas pelos espaços de galerias, museus e demais espaços normatizados. Complementa destacando que a presença da arte em espaços urbanos ou cotidianos permite um contato mais próximo e real com as manifestações artísticas. E salienta a ideia de que a arte nessas localidades pode ser mais genuína e livre de curadorias restritivas.

Além disso, ela fala sobre a importância dos espaços públicos em Brasília e como eles refletem a arte e a cultura local. O design e a arquitetura, para ela, são muito mais sobre os espaços vazios do que sobre as estruturas aparentes. Os espaços vazios, em sua visão, são sagrados, onde a vida realmente acontece. Como arquiteta, destaca a importância de pensar no fluxo, na circulação, e na latência de utilização, ao invés de simplesmente erguer paredes.

Para Natália, a estética deve provocar e ter uma função. Ela reflete sobre a relação entre forma e função e como o modernismo, em sua visão, limitou a exploração da forma ao priorizar a função. A estética, em sua perspectiva, está profundamente ligada à cultura e à história. Uma educação estética, complementa, não deveria ser reduzida a simples padrões de beleza, mas sim abranger uma compreensão ampla da cultura, história e filosofia, incentivando as pessoas a pensar criticamente sobre o que consideram belo e estético. E pontua que existem, por trás das diferentes manifestações artísticas, diferentes estéticas e visões de mundo.

Resultados e análises

Expressa, não obstante, sua preocupação com a valorização excessiva da arte comercial e a perda da diversidade e criatividade. E enfatiza a importância de reconhecermos o valor de cada expressão artística, mesmo aquela que não é considerada estética pelos padrões convencionais.

Natália compartilha suas reflexões sobre utopia, enfatizando que a busca por uma perfeição inatingível é contraproducente. Ela acredita que é mais valioso ter metas, visões e questionamentos sobre o caminho que a sociedade está seguindo. Sua utopia pessoal envolve as pessoas se compreendendo e sendo completas por si mesmas, sem buscar ideais irreais fora de si ao comparar-se com outros indivíduos. Sua utopia coletiva se fortalece na ideia de presença da arte em todas as facetas da vida, livres de restrições e barreiras — sugerindo uma democratização da arte, onde as pessoas teriam acesso a manifestações artísticas sem a necessidade de buscar ou passar por burocracias, como a entrada em museus ou galerias. Enfatiza a importância da arte como uma forma de intervenção e questionamento, capaz de trazer movimentos de reflexão e tornar a vida mais rica, vibrante e significativa — desempenhando um papel fundamental na quebra de paradigmas e na construção de novas realidades.

GU DA CEI

Captura de Frame 19: Entrevista com Gu da Cei.



Fonte: Matheus MacGinity, 2023.

Resultados e análises

Gu da Cei, artista de 26 anos, oriundo de Ceilândia, Distrito Federal, é formado em Comunicação Social, com ênfase em Comunicação Organizacional. Ele é adepto de diversas linguagens artísticas, incluindo intervenção urbana, fotografia, performance, vídeo e poesia.

Para ele, a arte é essencialmente a expressão da vida, uma maneira de lidar e questionar as realidades que experimenta no cotidiano, acredita que a arte tem o papel de incitar reflexões em quem a aprecia, apresentando perspectivas que normalmente não são consideradas, provocando pensamentos e ideias que podem transformar a forma como as pessoas veem o mundo.

No contexto do Distrito Federal, Gu da Cei destaca a importância da intervenção urbana e da arte urbana em sua expressão artística. Ele observa que há uma forte influência geográfica na região, especialmente em Ceilândia, que nasceu a partir de um projeto de erradicação de invasões, refletindo uma lógica higienista e segregadora. Essa segregação, no contexto de Brasília e da especulação imobiliária, tem repercussões nas expressões artísticas das regiões mais afastadas do centro, que frequentemente refletem uma resistência e crítica a essa realidade.

Tal contexto influencia na criação de expressões artísticas descentralizadas, que abordam as contradições do projeto de Brasília e têm um conteúdo mais conectado à realidade brasileira. Sua principal forma de interação com a arte no Distrito Federal é caminhando pelas ruas e observando intervenções urbanas, o que lhe dá uma apreciação mais

acentuada pela arte urbana. Essa modalidade de arte, para ele, representa o cenário artístico do DF.

Gu aponta que a arte oriunda de Ceilândia é fortemente influenciada pela cultura nordestina e pela cultura hip hop, que abrange graffiti, break, DJ e outros aspectos urbanos. No entanto, Gu reconhece os desafios que os artistas locais enfrentam, especialmente quando se trata de financiamento. Embora existam recursos como o Fundo de Apoio à Cultura, muitos artistas têm dificuldade em acessá-los devido às barreiras burocráticas. A solução, para ele, é a solidariedade e a ação coletiva dos artistas.

A monetização e o reconhecimento do valor da arte são obstáculos significativos. Gu acredita que, embora haja uma centralização dos espaços expositivos — em Ceilândia, por exemplo, existe apenas uma galeria de arte contemporânea, chamada Galeria Risofloras —, a música e a arte urbana são as formas de arte mais consumidas em Ceilândia, conquanto a última nem sempre receba a devida apreciação. Ele destaca o "fator surpresa" das intervenções urbanas como sendo particularmente impactante, onde algo inesperado em um ambiente cotidiano pode capturar a atenção e provocar reflexão, rompendo com o olhar viciado do cotidiano.

Resultados e análises

Gu ressalta a importância do apoio financeiro para a manutenção e propagação da arte, e destaca a necessidade de que as pessoas e as instituições compreendam essa importância para a cultura da cidade.

Ele próprio pratica intervenções urbanas através de adesivos, que são colados em locais cotidianos inesperados como ônibus e banheiros. As mensagens desses adesivos geralmente abordam temas como direito à cidade, imagem e vigilância, incentivando uma "contravigilância" ou uma consciência sobre como as imagens são produzidas e percebidas.

Gu atribui uma grande importância à estética em seu discurso. Para ele, estética significa experiência, algo que toca a pessoa em seus diferentes sentidos. Ele acredita que a estética é essencial para a vida, pois proporciona experiências sensoriais e uma conexão com o mundo que vai além do cotidiano, e que não é alienada por ele. Gu enfatiza que essas experiências são fundamentais para viver, expandir a noção de criatividade, desenvolver pensamentos e existir de forma plena. Ressalta, por conseguinte, a importância de ter experiências estéticas não convencionais e destaca que a estética está intrinsecamente ligada à nossa existência.

Com relação ao termo "utopia", Gu da Cei expressa não ter certeza se usaria o termo. Em vez disso, fala sobre sonhos e desejos relacionados à promoção de uma experiência coletiva mais alegre, igualitária e que respeite as existências dissidentes e periféricas, juntamente com suas expressões.

Para ele, a arte desempenha um papel fundamental na provocação de pensamentos e na inserção de questões revolucionárias no cotidiano das pessoas, engajando-as com as ideias que estão sendo apresentadas. Embora não mencione diretamente a palavra "utopia", seu discurso sugere que ele busca uma transformação social e uma visão de mundo alternativa, onde a arte e as expressões artísticas desempenham um papel significativo na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Em suma, Gu parece estar mais interessado em abordar e promover mudanças concretas por meio da arte, ao invés de se concentrar nos conceitos abstratos de utopia. Ele direciona sua energia para provocar reflexões, estimular o pensamento crítico e promover uma experiência coletiva que vá além de concepções de mundo pré-estabelecidas.

Resultados e análises

3ª ETAPA — CARTOGRAFIA UTÓPICA ARTÍSTICO-CULTURAL DOS ESPAÇOS URBANOS NO DISTRITO FEDERAL

Chegamos, agora, à etapa derradeira relativa ao percurso metodológico, em vias de gerar dados pertinentes à investigação proposta para essa pesquisa.

Os objetivos delineados para essa etapa foram os seguintes: (I) Desenvolver uma cartografia sentimental, sensorial e utópica através da compreensão coletiva do espaço artístico urbano no DF; e (II) identificar espaços latentes para apropriação e conceber intervenções artísticas para esses espaços.

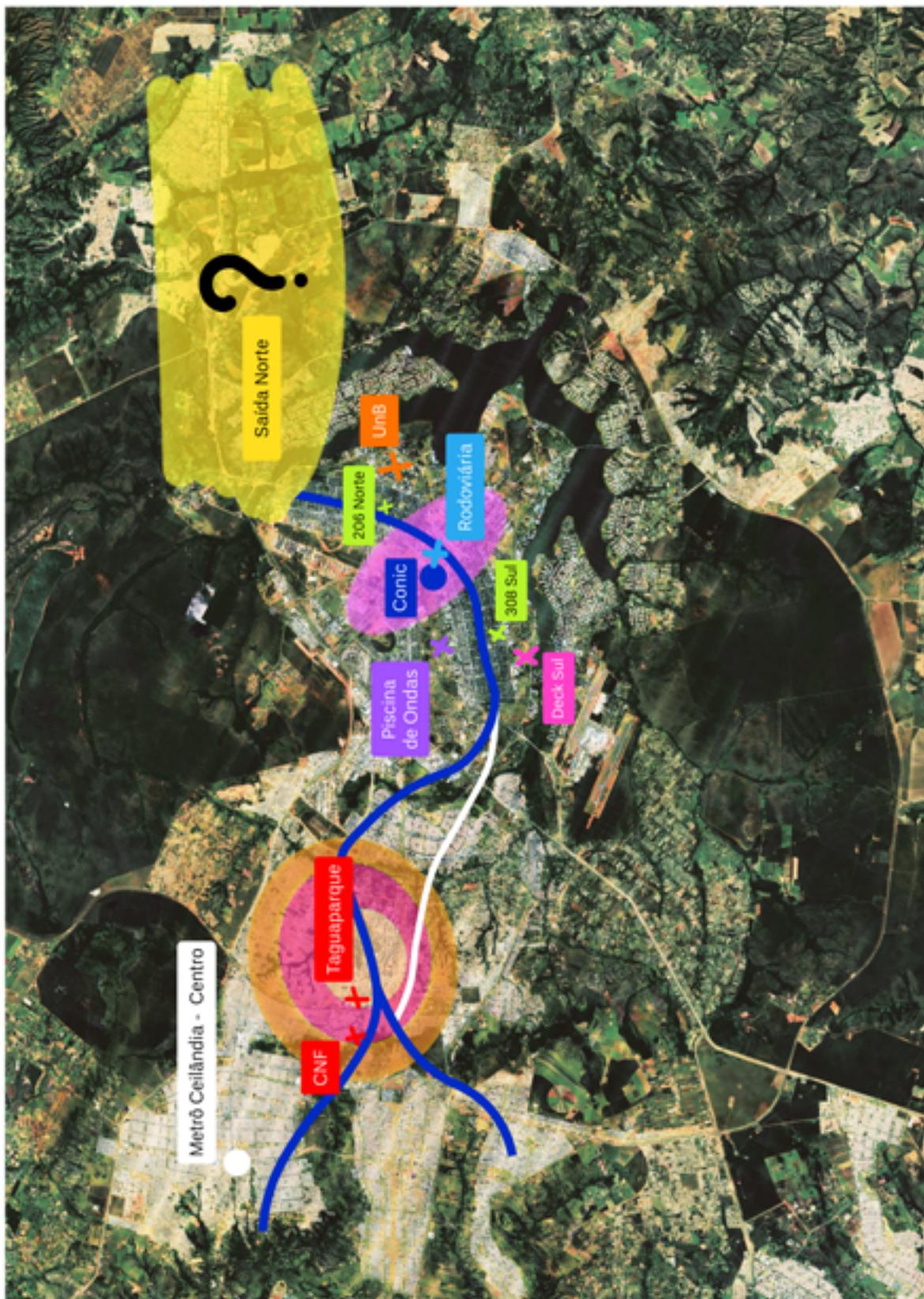
Apesar do sucesso alcançado nas etapas anteriores, é necessário trazer que nessa 3ª etapa de investigação e geração de dados, alguns fatores influenciaram de modo a inviabilizar uma plena satisfação com os resultados obtidos. Fato é: dentre os 19 participantes previamente entrevistados, 12 estavam confirmados, mas apenas 6 estiveram presentes em tal atividade final; numa etapa em que o objetivo era, prioritariamente, uma construção coletiva, é evidente que a baixa aderência influenciou negativamente. Como consequência, uma lógica redução na heterogeneidade das qualidades — territoriais, identitárias e artísticas — conquistadas na 1ª e 2ª etapa. Ademais, e por óbvio, o próprio planejamento de dinâmica

Resultados e análises

foi comprometido, visto que — levando em consideração os 12 participantes confirmados, com apenas 6, de fato, presentes — os grupos focais já haviam sido desenhados — seriam 3 grupos com 4 participantes, devidamente arranjados dentro das prerrogativa de heterogeneidade qualitativa — mas acabaram tendo que ser formados na hora da atividade, sem muito espaço para arquitetar possíveis arranjos mais producentes.

Dito isso, com os recursos humanos disponíveis, formaram-se 2 grupos com 3 integrantes; denominá-los-ei *Grupo A* — formado por Ana Carolina, Biro Ribeiro e Renato Mori — e *Grupo B* — formado por Iano Fazio, Natália Godoy e Paulo Pinheiro. Abaixo, os resultados da atividade e, em sequência, o destrinchamento de tais cartografias.

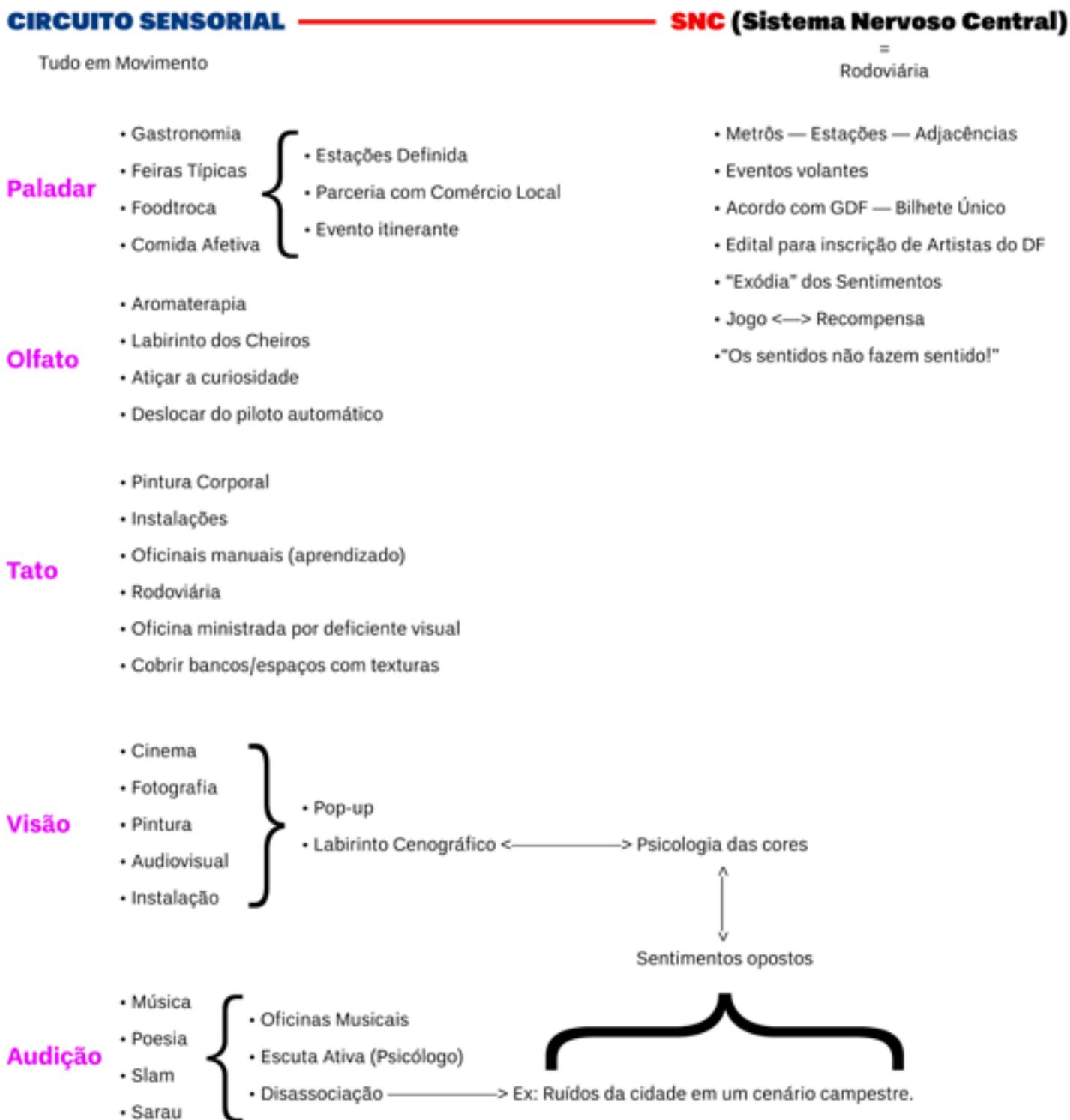
Cartografia A: Cartografia Utópica do Grupo A.



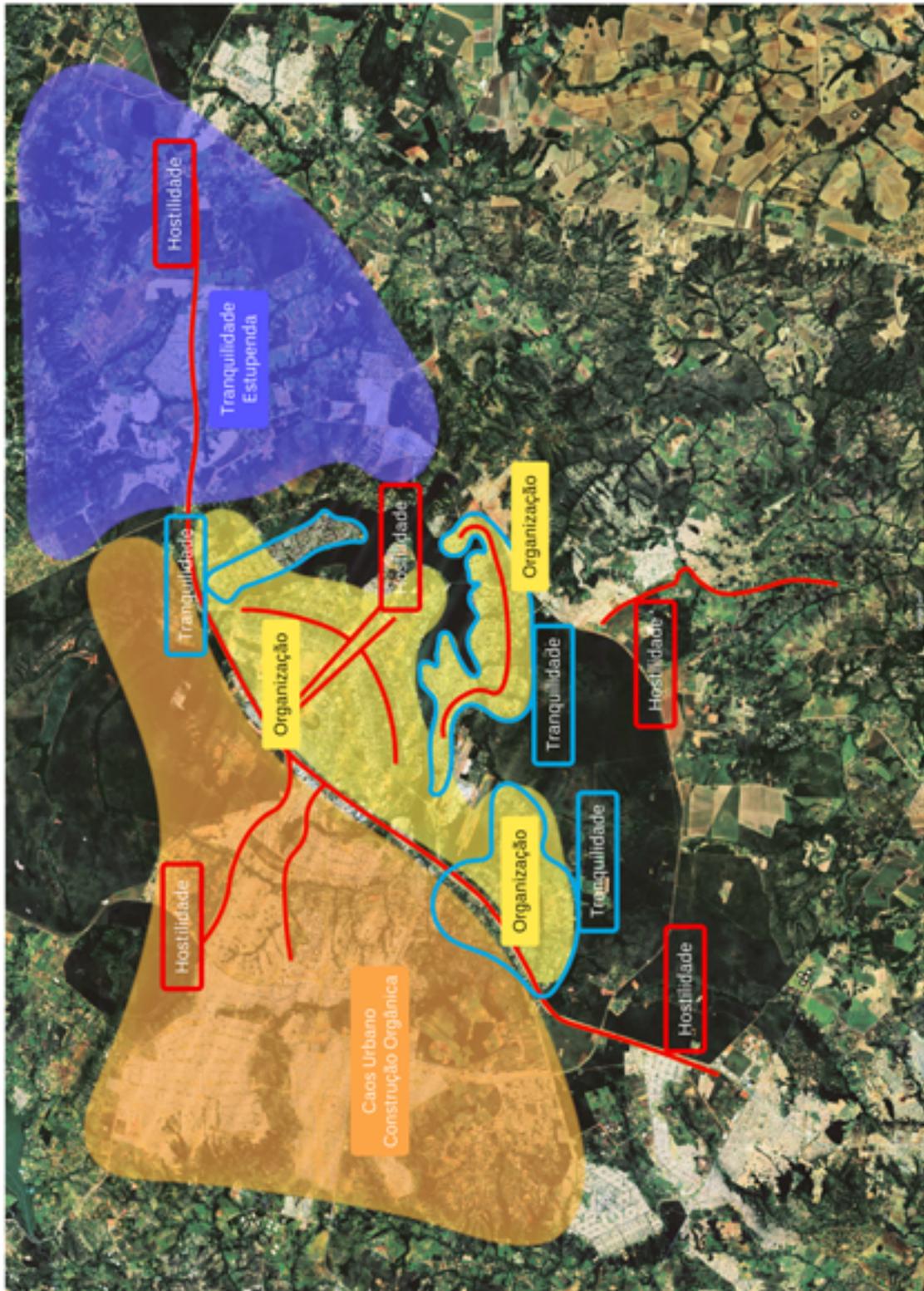
Resultados e análises

Diagrama A: Diagrama do plano de intervenção

referente à Cartografia A do Grupo A.



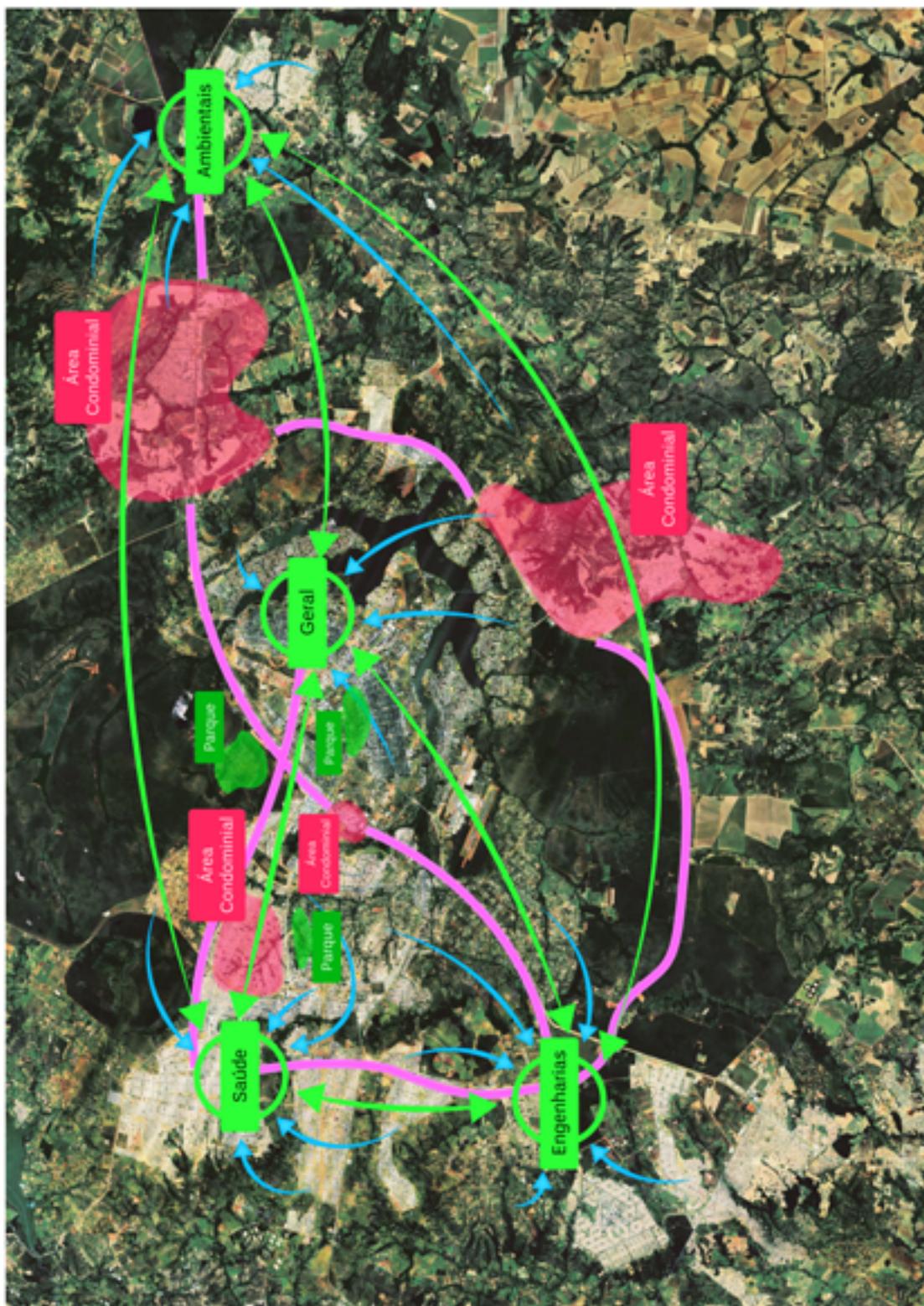
Cartografia B-1: Primeira lâmina de sobreposição
referente à *Cartografia Utópica do Grupo B*.



Resultados e análises

Cartografia B-2: Segunda lâmina de sobreposição

referente à *Cartografia Utópica do Grupo B*.



O *Grupo A* — formado por Ana Carolina, Biro Ribeiro e Renato Mori — optou por trabalhar as etapas "Cartografia Sensorio-sentimental" e "Mapeando Espaços Latentes" na mesma lâmina, sobre o mapa topográfico do Distrito Federal — disposto na *Cartografia A* —, enquanto, para a etapa "Projetando Utopias – Intervenções Artísticas", decidiram documentar suas ideias através de um diagrama descritivo — disposto no *Diagrama A*.

O *Grupo B* — formado por Iano Fazio, Natália Godoy e Paulo Pinheiro —, diferentemente, optou por destrinchar seus registros sobre o mapa, onde a etapa "Cartografia Sensorio-sentimental" está disposta na *Cartografia B-1*, e a etapa "Mapeando Espaços Latentes" está disposta na *Cartografia B-2*. Para a etapa "Projetando Utopias – Intervenções Artísticas", entretanto, não há registros imagéticos. De qualquer modo, para ambos os grupos, as explicações e análises são referenciadas pela etapa "Apresentação do Plano de Intervenção Artística", na qual cada grupo, de forma falada, expôs suas cartografias prévias e detalhou o plano formulado.

É imprescindível referenciar, inicialmente, a coincidência explicitada em ambas as análises: a eminência do tema mobilidade — um ponto de tensão no cotidiano dos habitantes do Distrito Federal. Problemática que se revela diante das extensas distâncias percorridas pelo cidadão, através de movimentos pendulares em sua rotina — no deslocamento para ir e voltar de suas jornadas de trabalho. O Distrito Federal é um território notavelmente projetado para a utilização de veículos privados, e com um precário — e limitado — transporte

Resultados e análises

público. Tanto para aqueles que detêm poder aquisitivo suficiente para adquirir um carro, como para aqueles que acabam se submetendo às alternativas públicas coletivas de traslado, a mobilidade se manifesta de forma hostil e estressante, inculcando em valiosas horas despendidas durante o dia-a-dia.

Para além da onerosidade temporal cotidiana, temos — em se tratando do cenário artístico-cultural — uma distribuição desproporcional de espaços onde, no Plano Piloto, majoritariamente concentram-se tais alternativas de arte e cultura. Somado à debilidade do transporte público, seu funcionamento manifesta-se de forma lastimável durante os finais-de-semana e feriados, operando em quantidades de frota e horários reduzidos, incompatíveis com muitos dos itinerários de apresentações e eventos. Dito isso, mais uma vez, tanto aqueles que têm carro, como aqueles que não os possuem, enfrentam dificuldade de acesso à arte e cultura. Para aqueles que detêm a alternativa privada, a distância até a maioria das opções desvela-se como um fator dificultador. Para os que dependem das alternativas coletivas, adiciona-se a querela da contingência, na qual acabam reféns dos restritos horários e rotas ofertados.

GRUPO A

Partindo, agora, para a análise individualizada relativa a cada grupo, comecemos com o *Grupo A*. Em sua *Cartografia A*, antes de qualquer coisa, é necessário explicitar o enfoque dado na área central do Distrito Federal, assim como na Saída Sul — enquanto a Saída Norte, apresentada pelo borrão amarelo e um grande ponto de interrogação, representa o desconhecimento dos integrantes do grupo em relação à determinada área. Por conseguinte, observam-se várias marcações no restante do território.

Distinguem-se, adiante, mais dois borrões — um de cor magenta, na área central de Brasília, contemplando o Eixo Monumental e suas proximidades, e o segundo com as cores laranja, magenta escuro e bege em formas concêntricas, destacando a Saída Sul. O primeiro borrão — área central — é destacado como uma área onde encontra-se a concentração dos mais tradicionais espaços de arte e cultura no DF. No segundo borrão — Saída Sul, englobando principalmente as regiões de Taguatinga, Águas Claras e Ceilândia — a leitura do grupo é de que tal setor apresenta-se como o mais pulsante no âmbito artístico-cultural, e com a maior latência para a manifestação de tais expressões.

Ao tratar, mais especificamente, das marcações em "X" ou com pequenos círculos sólidos, feitas sobre o mapa, o grupo realizou um mapeamento mesclando a questão sensório-sentimental à latência para apropriação. Passemos por cada uma dessas marcações.

Resultados e análises

Em um "X" vermelho observamos tanto o quarteirão CNF, como o Taguaparque, ambos localizados em Taguatinga. A CNF é descrita como um espaço efervescente, verdadeiramente *underground*, e com imensa pungência para apropriação e ressignificação do espaço. Já o Taguaparque é descrito como um espaço de integração e convivência humana, com pungência à realização de diversas vertentes de projetos culturais. Vale destacar, na Saída Sul, o círculo branco que explicita a estação central de metrô de Ceilândia. Para tal marcação, não há correlação com a parte sensível, mas sim um destaque a importância daquele local onde milhares de pessoas transitam todos os dias.

Voltando-se à área central, temos diversas marcações. A Rodoviária de Brasília — marcada com um "X" em ciano — é referenciada assim como o metrô de Ceilândia: um ponto pelo qual milhares de pessoas atravessam diariamente. Ademais, é o ponto de convergência dos, já referenciados, movimentos pendulares feitos pela população — o que torna a Rodoviária de Brasília em um ponto de tensão ainda mais evidente. Além disso, é referenciado como um espaço de praticidade e imensa diversidade, justamente por receber pessoas de todos os cantos do DF.

Ao citar a 308 Sul e a 206 Norte — "X" em verde-limão — a sensação descrita é de alívio e, ao mesmo tempo, de estranheza. Afinal, são locais específicos onde, em Brasília, quebra-se o padrão estético do restante do Plano Piloto.

Temos o Deck Sul — "X" magenta — espaço à beira-lago que conta com pistas de skate e quadras poliesportivas, descrito como um local de contemplação, convívio e de amizades. Temos, também, — com um "X" púrpura — a Piscina de Ondas, localizada no Parque da Cidade Sarah Kubitschek. Tal espaço é, na verdade, uma piscina de ondas desativada desde 1997, descrito, por óbvio, pelo sentimento de abandono e de nostalgia — e suscitando a latência como um espaço a ser ressignificado.

Em azul-marinho temos, tanto a rota que abrange principalmente o Eixão — via DF-002, que corta o Plano Piloto de uma extremidade à outra — como o círculo que aponta para o Conic. Em relação ao Eixão — que aos domingos e nos feriados é fechado de 6h às 18h para usufruto de lazer público — destaca-se a ampla gama de possibilidades para realização de atividades. Já o Conic — local notabilizado em Brasília pela presença de cultura alternativa e *underground* — é descrito como um lugar surpreendente.

Ademais, temos a Universidade de Brasília (UnB) — "X" laranja — como um local de aleatoriedade e diversidade, por receber, também, indivíduos de todos os cantos do DF. Um espaço abundante tanto em descobertas como em memórias. Povoado, significativamente, por jovens em situação acadêmica, notabiliza-se pela experimentalidade atrelada ao espaço. E, em relação à memória, representa sua carregada história, atrelada à existência de movimentos disruptivos e de resistência.

Resultados e análises

Por fim, ao apresentar o plano de intervenção — disposto em parte no Diagrama A —, o grupo formulou uma experiência denominada "Circuito Sensorial" na qual o mote é expresso através da problemática — utilizando-a como potencialidade — da mobilidade. O objetivo seria estabelecer, através das estações de metrô, um circuito em que os cinco sentidos sensoriais — paladar, olfato, tato, visão e audição — do ser humano fossem contemplados.

Utilizando-se das estações e de suas adjacências, a população poderia usufruir de experiências que provocam e estimulam os sentidos — através de atividades artístico-culturais. Para cada um dos cinco sentidos seria determinada uma estação de metrô específica. Já a Rodoviária de Brasília seria o epicentro das atividades — como denominou o grupo, o Sistema Nervoso Central (SNC).

Tal acontecimento seria viabilizado através de um acordo com o Governo do Distrito Federal (GDF) e com a Secretaria de Transporte e Mobilidade (SEMOB), no qual seriam bilhetes únicos especiais seriam oferecidos, para que os interessados obtivessem plena integração e acessibilidade aos pontos do circuito.

Como forma de estimular a população, postulou-se algum tipo de recompensa àqueles que completarem o circuito. Também como estímulo, dessa vez para a classe artística, a ideia seria a abertura de editais para inscrição de performances, *workshops*, instalações, entre outras alternativas de exposição artístico-cultural.

GRUPO B

O Grupo B optou por trabalhar sobre duas lâminas — *Cartografia B-1* e *Cartografia B-2* — para explicitar suas impressões e plano de intervenção baseados no território do Distrito Federal. De maneira não necessariamente oposta, mas diferente, utilizou o território do DF de forma ampla. As Saídas Norte e Sul, porém, foram menos exploradas, havendo maior concentração de análise no Plano Piloto e suas proximidades. A *Cartografia B-1* refere-se à primeira parte da atividade — "Cartografia Sensório-sentimental" — e a *Cartografia B-2*, à segunda parte da atividade proposta — "Mapeando Espaços Latentes".

Na *Cartografia B-1* temos três grandes borrões que apresentam indicações acerca das impressões sensório-sentimentais. A primeira — borrão amarelo — engloba as regiões do Plano Piloto, Sudoeste, Octogonal, Candangolândia, Lago Sul, Lago Norte e Park Way. Para tais áreas a descrição foi de organização, visto serem — principalmente o Plano Piloto — áreas com o crescimento planejado e controlado; ou, ao mínimo, mais ordenado.

O segundo borrão — laranja — vem, de forma antagônica, apresentar um panorama de caos urbano, com crescimento desordenado — uma construção territorial mais orgânica. Para tal borrão engloba-se quase a totalidade das regiões alocadas na Saída Sul do Distrito Federal — podemos destacar Taguatinga, Ceilândia, Guará, Águas Claras, Riacho Fundo, Samambaia, Recanto das Emas e Estrutural.

Resultados e análises

Já o terceiro borrão — de cor púrpura — é descrito como uma área de tranquilidade estupenda. Tal área representa a Saída Norte do Distrito Federal e engloba locais como Paranoá, Varjão, Sobradinho e Planaltina. Para tais regiões, essa correlação com a tranquilidade advém do fato de constituírem-se por extensas áreas rurais, dirimindo a densidade demográfica e urbana.

Em seguida, temos a indicação de áreas através do delineamento. Foram utilizadas duas cores — ciano e vermelho — onde ciano representa tranquilidade — com outra conotação, a qual em breve seguiremos — e a cor vermelha representa hostilidade.

Diferenciado do contexto de tranquilidade admitido para a Saída Norte — borrão púrpura — o delineamento em ciano representa uma tranquilidade a nível organizacional. Delineadas justamente as regiões do Lago Sul, Lago Norte e Park Way, estão aí estampadas regiões com altíssima renda per capita, onde as habitações são individuais — casas — e os índices de segurança são extremamente positivos, quando comparados ao restante do Distrito Federal. Eis, portanto, uma definição para tranquilidade pautada em referenciais do extrato mais abastado da sociedade.

A hostilidade, entretanto, não foi apontada aos locais onde tal padrão de vida "tranquilo" é incompatível. Mas, no caso, utilizada para representar os trajetos de deslocamento viário — indicando, como já

anteriormente explicitado, a relação extenuante vivida pelos habitantes do Distrito Federal em sua mobilidade cotidiana.

Na *Cartografia B-2* temos mais algumas indicações, desta vez voltadas à segunda parte da atividade — "Mapeando Espaços Latentes". O *Grupo B* não apresentou documento escrito ou diagramático descrevendo seu plano de intervenção, mas o fez de forma completamente oral, apoiado nas cartografias e, principalmente explicitado, pela *Cartografia B-2* em questão. Nela são apresentados borrões em duas cores — magenta e verde-floresta. Observamos também a presença de vias de deslocamento — em rosa —, setas em ciano, setas em verde-limão e, já adiantando como elementos principais, marcações circulares também em verde-limão.

O plano de intervenção apresentado pelo *Grupo B* foi denominado "Festival Universitário de Arte e Ciência (FUAC)", a partir do qual podemos compreender, de pronto, a relevância dos círculos verde-limão, que representam os quatro campi que compreendem a Universidade de Brasília. O campus "geral" e central está localizado na Asa Norte, Plano Piloto. O campus de "saúde" em Ceilândia. O campus de "ambientais" na região de Planaltina. E o campus de "engenharias" inserido no território do Gama.

A ideia para o FUAC surge, justamente, para aproveitar-se da latência criativa inerente aos espaços universitários. A escolha pelos campi da Universidade de Brasília decorre do fato de serem instituições públicas — sem restrições de acesso por parte da comunidade.

Resultados e análises

A proposta, portanto, tem como intuito criar um circuito de apresentações mesclando arte e ciência, nas quais as populações das redondezas — representada pelas setas de cor ciano — pudessem frequentar tais espaços e experiências. Tal solução é interessante ao reverter as distâncias enfrentadas pelos habitantes do DF, trazendo enfoque à descentralização e valorização das localidades.

Ademais, e retornando aos distanciamentos, a proposta incita ao intercâmbio entre os alunos de diferentes campi — representado pelas setas verde-limão —, de modo a conhecerem as demais instalações da UnB, e conseqüentemente suas redondezas, estimulados pela existência de acontecimentos artísticos e científicos relevantes.

Por fim, ainda de forma bastante incipiente, o Grupo B começou a formular outra proposta embasada nos borrões magenta e verde-floresta. Em relação ao borrão verde, apenas constatou-se a presença de alguns parques, e mencionou-se que tais espaços seriam interessantes para intervenções, uma vez que parte da população desloca-se naturalmente até tais ambientes para aproveitar seus momentos de lazer. Acerca dos borrões magenta — nos quais apontam-se para áreas condominiais — o grupo apontou a possibilidade de "levar a montanha até Maomé", uma vez que, devido às dificuldades enfrentadas para o acesso e até mesmo pela falta de interesse em arte e cultura, uma parcela significativa da população prefere fechar-se à vida dentro de seus limites condominiais.

An aerial photograph of a city, likely Rio de Janeiro, showing a large green area in the center, possibly a park or a large building complex. The city is surrounded by hills and mountains. The word "Conclusão" is written in large, bold, green letters across the bottom of the image.

Conclusão

VIII.

**A
proposição
do porvir**

Concluídas as apresentações dos resultados e a análise dos dados levantados, sigamos para o desenlace desse trajeto investigativo. Acho pertinente debruçar-nos sobre algumas questões relacionadas à utopia, que acaba por ser um fio subliminar que perpassa toda a costura desse projeto, como forma de essência, energia fundamental entremeada nos gestos e palavras que constituíram essa busca.

Antes de qualquer coisa, é necessário ter muita cautela nessa busca por uma "fórmula mágica", que transformaria a humanidade num paraíso terreno. A busca por tais utopias passa, sim, por um ato visionário e de desprendimento dos paradigmas vigentes — mas pode, por muitas vezes, perpetuar-se no imaginário do indivíduo e coletividade por meio de proposições ilusórias, irreais, sustentadas em pensamentos românticos onde determinado objeto assume o valor de *Santo Graal*. Processo no qual, elucidativa reflexão nos traz Milton Santos, nesse processo pedagógico de existir, resistir, e alterar nossa realidade.

"(...) o problema crucial é: como passar de uma situação crítica a uma visão crítica — e, em seguida, alcançar uma tomada de consciência. Para isso, é fundamental viver a própria existência como algo unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro. Então a existência é produtora de sua própria pedagogia." (SANTOS, 2019, p.116)

Conclusão — A proposição do porvir

E proponho, com tais palavras de Milton Santos, uma visão paradigmática e pragmática — posição que pode soar ambivalente, mas que, pelo contrário, expressa sua coerência através: da potência em enxergar a realidade objetivamente e basear-se na factualidade para, então, propor ações paradigmáticas. Visão com capacidade de gerar atos e gestos que se encaixam no contexto já estabelecido e geram modificações funcionais nas direções práticas da vida cotidiana.

Gosto de utilizar a metáfora da bússola para elucidar sobre o que chamo de direção. Eximindo-nos da ideia de norte-sul-leste-oeste — como verdades, mentiras, certos ou errados. Mas, sim, entendendo que existe uma direção para a qual, a níveis macro e micro, estamos — antes das utopias desvelarem-se em nossos anseios — caminhando. São forças vetoriais implícitas nos nossos movimentos, advindas da rugosidade histórica à qual pertencemos e, também, dos locais os quais integramos parte.

Podemos nos virar, em direção diametralmente oposta, e tentar nadar contra a correnteza. Podemos continuar nadando na direção da corrente, perpetuando o fluxo da torrente. Contudo, existem as possibilidades angulares, as perpendiculares, ou as oblíquas; e essas, oblíquas, julgo serem as formas mais inteligentes de agir, uma vez que atuam de forma contra-vetorial à factualidade, utilizando a própria energia do movimento pré-existente — vulgo aquilo que já o é — em vias de redirecioná-lo.

É sobre perscrutar a circunstância em que se está inserido, enxergando no contexto urbano toda a complexidade sistêmica entre os múltiplos fatores que se cruzam para formação do que entendemos como espaço urbano — valores políticos, sociais, ambientais, simbólicos, econômicos, entre muitos outros. A partir de tal, apropriar-se, pois, dessa potencialidade angular, onde existe possibilidade e esperança — de flexibilidade, mudança, resiliência — aos modelos então superpostos à nossa existência em sociedade. E, como vetor de mudança, compactuo com a visão de Armando Silva de que na arte — e longe de colocá-la como objeto sagrado — existe uma via para alterar a realidade, sustentada na compreensão de nossos imaginários:

"(...) desenvolvem-se hoje, paralelamente, duas situações urbanas opostas, sobre as quais se situam as tensões do público no que se refere à construção imaginária contemporânea: o público, no sentido de autoconstrução, diante do público nas utopias de bem-estar, exaltadas por um individualismo desafiante de valores comunitários, que revela a presença de uma dimensão não somente estética, mas ética, no debate sobre os imaginários contemporâneos." (SILVA, 2014, p.23)

Conclusão — A proposição do porvir

"O público se revela como a instância para impulsionar projetos coletivos e daí que a arte chamada pública atue hoje como 'emergência estética' a partir da qual (...) se planejam ações de promessas de um novo mundo, uma nova vida para indivíduos e sociedades, justamente por meio da estratégia de impactar publicamente."

(SILVA, 2014, p.23)

Dito isso, em vias de traçar uma rota de continuidade para o trabalho realizado através dessa pesquisa, meu olhar futuro faz-se na formulação de um novo projeto — embasado no estofo adquirido pelos dados levantados. A ideia que persiste em minha mente é de utilizar-me de tais informações, e reconvocar os artistas aqui partícipes, para materializar um projeto a ser inscrito no Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF). De tal forma, poderíamos, através de intervenções artístico-culturais, inscrever no espaço urbano, e no cotidiano dos cidadãos do DF, experiências extraordinárias — na conotação daquilo que foge ao ordinário, já estabelecido e esperado — a fim de proporcionar novos espaços de provocação e reflexão crítica, no intuito de despertar — em tais habitantes — o sentimento de apropriação e proatividade para com os espaços que lhes são de pleno direito. É sobre incitar ao indivíduo, através do contato com o inesperado dos acontecimentos artísticos, a sensibilidade perceptiva acerca dos espaços aos quais ocupam em suas jornadas diárias e, concomitante, incitar a potência em reivindicar e agir sobre tais ambientes.

Como via de mão dupla, essa pesquisa traz também a eminente relevância da participação do poder público e de seus respectivos órgãos competentes — e não apenas a acima citada parcela do indivíduo —, com o propósito de reconfigurar os ambientes a partir dos anseios compartilhados pelo povo. Compreender o que, legitimamente, a população vislumbra, através da implementação de estudos qualitativos acerca de seus imaginários e utopias.

Finalizo, portanto, essa dissertação, com a esperança de que tal investigação acerca do imaginário sensório-sentimental e das utopias de artistas no DF, junto à análise da extensa gama de dados coletados, auxiliem como novas bases para a compreensão do contexto da arte no Distrito Federal — e que, ademais, sirvam como uma dessas múltiplas forças vetoriais de transformação da realidade, fazendo com que o cenário artístico-cultural da cidade galgue a imponência que lhe é necessária.

Conclusão — A proposição do porvir

Entrelaço a esse percurso trilhado — e tendo como motivação basilar a busca por utopias concretas, que se manifestam não como métodos pré-estabelecidos, aplicáveis como fórmulas exatas — a busca por novos horizontes, por novas cosmologias e formas de habitação do mundo. Para tal, é indispensável a investigação e modificação de paradigmas da vida moderna, em vias de contribuir no desenvolvimento — ou, como prefiro, na nomenclatura em espanhol, o *desarrollo* (o desenrolar) — de novas, e possíveis, realidades.

Acredito no poder da sensorialidade e do sentimento como instrumentos para atingirmos melhores compreensões acerca dos contextos em que estamos inseridos. Através do aguçar em nossa sensibilidade perceptiva — sejam advindas de estímulos físicos ou simbólicos —, podemos alcançar leituras mais precisas sobre as ambiências que nos atravessam, e capturar de forma coerente nossos imaginários diante de tais espaços e paisagens. Diante de tal — e alicerçado em minha convicção da potência transformativa artístico-cultural — enxergo na experiência provinda da arte, um dos caminhos fundamentais para o *religere* com nosso ser-sensível, propositivo e poético, para com os espaços habitados.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008. 555p.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2014. 129p.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. DELABRIDA, Zenith Nara Costa. FERREIRA, Karla Patrícia Martins. **Emoções e Afetividade Ambiental**. In: CAVALCANTE, Sylvia. ELALI, Gleice A. **Psicologia Ambiental: Conceitos para a Leitura da Relação Pessoa-Ambiente**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018. 272p.

CAVALCANTE, Sylvia. ELALI, Gleice A. **Psicologia Ambiental: Conceitos para a Leitura da Relação Pessoa-Ambiente**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018. 272p.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, 112p.

FANTOVÁ, Markéta. PŘÍHODOVÁ, Barbora. DRÁBEK, Pavel. **About PQ**, 2023. Disponível em: <<https://pq.cz/about-pq/>>. Acesso em: 06 de outubro de 2023.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015. 600p.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 384p.

JAMESON, Frederic. **Arqueologias do Futuro: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 656p.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno**. São Paulo, Martins Fontes, 2009. 172p.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 144p.

LOGAN, Robert K. **Que é informação?** A propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2012. 276p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. 666p.

MORIN, Edgar. **Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a Educação**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. 182p.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele**. Porto Alegre: Bookman, 2012. 76p.

Prague Quadrennial. **Archive of the Prague Quadrennial**, 2023. Disponível em: <<https://pq.cz/archive/>>. Acesso em: 06 de outubro de 2023.

RANCIÈRE, Jean-Jacques. **A Partilha do Sensível: Estética e Política**. São Paulo: EXO experimental org: Editora 34, 2009. 72p.

RANCIÈRE, Jean-Jacques. **O Inconsciente Estético**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 128p.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. 248p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019. 176p.

SILVA, Armando. **Atmosferas Urbanas:** Grafite, arte pública, nichos estéticos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014. 240p.

SILVA, Armando. **Imaginários, Estranhamentos Urbanos.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014. 248p.

THIBAUD, Jean-Paul. **Ambiência.** In: CAVALCANTE, Sylvia. ELALI, Gleice A. **Psicologia Ambiental:** Conceitos para a Leitura da Relação Pessoa-Ambiente. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018. 272p.

VASSÃO, Caio Adorno. **Metadesign:** Ferramentas, estratégias e ética para a complexidade. São Paulo: Blucher, 2010. 132p.

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993. 160p.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário.** São Paulo: Edições Loyola, 2007. 104p.

APÊNDICE-Y — QUESTIONÁRIO

1. CONHECENDO VOCÊ!

(Previsão para tempo de resposta: 1 minuto)

Breves questões sobre você, para encaixar suas próximas respostas dentro de nichos.

2. SENSORIALIDADE & SENTIMENTO

(Previsão para tempo de resposta: 25 minutos)

Aqui trabalharemos com alguns pares de sentimentos, descrevendo-os de forma a relacionar com os nossos sentidos (se possível com os 5 sentidos) e com estímulos e sensações do mundo físico.

Solte sua imaginação! A intenção é aproximá-los da sensibilidade perceptual, e levantar relatos subjetivos sobre o imaginário dos sentimentos.

3. ARTE NO ESPAÇO

(Previsão para tempo de resposta: 5 minutos)

Ao categorizar as expressões artístico-culturais (e lembrando o caráter híbrido das artes, que se encaixam, por vezes, em mais de uma das categorias) — em musicalidades, artes plásticas, literárias, performáticas do corpo e urbanas — citar exemplos já existentes, e espaços possíveis de apropriação.

A intenção é gerar uma cartografia de espaços com latência poética.

4. CONVITE!

(Previsão para tempo de resposta: 2 minuto e 30 segundos)

Aqui, um convite para participação em vivência e entrevista sobre o tema da pesquisa.

Também, respeitando a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados), uma solicitação sobre a utilização de sua identificação nos resultados de pesquisa.

Me chamo Matheus MacGinity Moraes Rêgo, sou aluno do Programa de Pós-graduação em Design, na Universidade de Brasília, pela linha de "Design, Espaço e Mediações".

A previsão é que você utilize entre 35 e 45 minutos para preencher essa pesquisa.

Agradeço desde já pela contribuição para a minha dissertação.

É uma honra receber esses relatos enriquecedores para a compreensão da sensibilidade nos espaços do DF.

Link de acesso direto ao questionário:

<https://forms.gle/Z5R1hB7BrvERL9vW9>

APÊNDICE-Z —

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

1. Importância da arte;
2. Arte no Distrito Federal;
3. Arte no cotidiano;
4. Espaços Latentes não designados para a arte;
5. Estética;
6. Utopia;

ROTEIRO — ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

DURAÇÃO PRETENDIDA, POR PARTICIPANTE: 30 MINUTOS

o. (Apresentar introdução, contextualizando, mais uma vez, o entrevistado sobre o que se trata a pesquisa em desenvolvimento, e quais seus objetivos.)

1. Eu gostaria de começar essa entrevista com você se apresentando.

Então me diga por favor o seu nome, sua idade, de onde você é, um pouquinho da sua história. Sua formação e sua atuação. O que você faz hoje em dia, como você atua?

2. Me diz uma coisa: qual a **importância da arte** na sua **vida**? Qual a importância da arte na **sociedade**?

2.1 Tanto do **fazer artístico**, quanto da experiência de estar inserido em **manifestações artísticas**.

3. No Distrito Federal, **através de que meios você vive a experiência artística**?

3.1 Ademais, como você enxerga o **fomento à criação artístico-cultural** aqui no DF? Existem espaços? Existe valorização? **Quais são os desafios** a serem enfrentados?

4. Quando a gente fala de arte e de seus espaços, conseguimos categorizar em várias vertentes. Eu queria saber de ti, **como você enxerga as seguintes tipologias** (e não precisa se prender a falar sobre todos os pontos que eu vou citar aqui, são só pra ativar sua lembrança): Arte de galeria, arte pública, arte urbana, arte comercial, arte-de-rua, e artesanato. Buscando tanto estabelecer suas diferenças quanto suas similaridades. **Quais você acredita serem mais importantes, ou impactantes, e por quê?**

5. Como você percebe que se dá o **engajamento geral da população com as manifestações artísticas**? Quais as **preferências** da população **no consumo de arte**?

6. A partir desses pontos, como é que você enxerga a **inscrição da experiência artística dentro do espaço urbano**, dentro do contexto **cotidiano**, do espaço **banal**, aquele que **não é destinado** para o acontecimento artístico, aquele que acontece "na hora, no momento, no lugar errado"? **O que você entende desse tipo de manifestação**?

7. Dobrando a esquina, e entrando na seguinte temática trazida pela dissertação: eu gostaria que você compartilhasse: **o que você entende por estética**?

8. E dentro desse ponto que você me traz sobre o que é estética para você. Como você observa a necessidade de uma **educação ou conscientização estética**?

9. Da mesma forma: eu gostaria que você compartilhasse comigo: **o que é que você entende por utopia?**

10. Qual é **sua a utopia?** E, caso exista, qual sua utopia para o espaço do Distrito Federal?

11. Por fim: caso afirmativo, **como arte e cultura podem contribuir** para que essa sua utopia se torne realidade?

12. Algo mais a acrescentar? Ou algum comentário sobre qualquer ponto que a gente tenha conversado?

ANEXO-I — RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS NA ÍNTEGRA

ALEGRIA

Alegria pra mim é poder estar com pessoas que escolhi estar e nos lugares que prefiro estar. Um local sombrio, de paredes pretas, baixa luz, música extrema/underground onde os excluídos formam suas bandas e cobrem as feridas deixadas pela exigência da adequação e da normalidade. Um local onde o sentimento de não-pertencimento encontra um afago entre outros não-pertencidos. Um lugar onde o maldito é seu amigo e mesmo o desafeto encontra espaço para se transformar em algo novo, algo positivo, que preenche as fraturas. Penso em algum bar da asa norte que fica aberto até depois do expediente normal de outros estabelecimentos, onde colam os malucos e maluidos.

Alegria pra mim é como o calor dos raios de sol num dia fresco. É aquela sensação de alívio ao chegar em casa e receber um abraço, que levanta grande peso das nossas costas. Traz leveza em vários aspectos. O coração bate mais rápido, mas ah, como bate feliz! O sangue tem pressa de correr o corpo inteiro com essa sensação maravilhosa. Chega dá um vigor de viver! Tem cheiro de comida afetiva, aquela sobremesa de vó feita com os melhores sentimentos e a baunilha mais cheirosa existente. É doce. É dançar um

samba com amigos, uma enorme liberação de energia, a sensação de enfim se deixar extravasar, sorrir e descansar. Alegria invade o peito, faz as cores brilharem mais, saturadas porém jamais enjoativas. É o sentimento que transforma o ato mais simples em algo belíssimo e hipnotizante.

Multicores pinceladas, com belos tons de amarelo contrastando com laranjas, rosados, lilases, verde claros e afins, uma textura aveludada e fofa, gosto de frutas bem docinhas, cheiro de banho de rosas com mel e perfumes de amaciantes de roupa, no tecido e depois que ele permaneceu estendido ao sol para o cheiro ficar ainda mais agradável, sons de canários livres e outras espécies cantantes combinado com folhas farfalhantes ao vento.

Para a cor alegria vejo a cor amarela, também consigo observar leves tons de azul claro, como um dia de sol. Sinto o cheiro de alecrim e também consigo sentir o cheiro de churrasco sendo preparado, logo minha boca começa a salivar. Ouço o som de crianças brincando e gargalhadas ao fundo. O amargor leve, gaseificado e fresco da cerveja preenche toda minha boca e logo o sinto descer pela minha garganta. Sinto o cheiro de protetor solar

como se estivesse sendo passado por uma bela morena que repousa ao meu lado. A sensação de calor batendo na minha pele logo toma conta de todo meu corpo. No fundo, o ritmo do pandeiro e do cavaquinho contagiam todo o meu ser. Eu estou na praia de Copacabana. Eu realmente não consegui imaginar nenhum lugar de Brasília onde estivesse relacionado com alegria.

Embora o senso comum designe amarelo como representante da Alegria, a cor que mais me aproxima deste sentimento é rosa daquele tipo que chamamos pink, aquela cor intermediária entre vermelho e magenta. Este rosa me lembra aquelas letras gordas e pontudas de capas de álbum dos anos 80, a luzes refletidas no globo espelhado, a luz neon das festas no subsolo do CONIC e no Putz de Ceilândia. Rosa me lembra de festa, que me lembra alegria.

Associo a alegria ao amarelo pois me remete ao Sol e lembranças de brincadeiras na infância.

Vejo a cor amarela, que ilumina qualquer lugar. Sinto os batimentos do meu coração acelerarem e tudo ficando mais leve, como o final de um filme de romance. Ouço um solo de guitarra groovado em tons maiores. Sinto cheiro de maconha e álcool. Sinto o gosto de café com jack daniels. De certo estou no outback comemorando algo.

Branco dos sorrisos. Som de boas risadas. Abraços calorosos. Sol. Cheiro de flores.

Laranja. Amostra grátis de felicidade. Um momento ligeiro. Uma risada, uma gargalhada, do simples, do singelo. Fazer o que o corpo pede. Alimento de alma.

luz quente e suave; toque gentil no cabelo, sensação macia do peso do meu corpo sobre um sofá velho; o sabor de um hambúrguer defumado e engorurado; também sinto um leve aroma de baunilha.

Alegria pra mim é um céu azul claro, tão próximo como o céu de Brasília, um mar aberto pronto para mergulharmos com o horizonte livre sem nuvens, um dia inteiro para explorar e vivenciar sozinho ou acompanhado. A vontade é de se jogar e descobrir novos horizontes.

Bem, quando vivencio momentos que me deixam alegre/feliz, me sinto tomada por um sentimento de confiança e esperança de que tudo vai dar certo. Fico mais leve e despreocupada com os eventos futuros ou com os que já se passaram. Quando estou alegre respiro mais tranquila e passo a sorrir com mais facilidade. Eu não tive um lugar que me deixasse alegre, porém a casa da minha avó é um lugar que me sentia bem. Atualmente vivo esses momentos de alegria com a minha namorada rs.

Alegria eu imagino todas as cores misturadas.

Vejo as cores verde e amarelo. Sinto uma euforia misturada com tranquilidade. Sinto o cheiro de ar puro, limpo, carne assando e fumo. Sinto o gosto de um cigarro de maconha e coca cola. Ouço risadas e ritmos marcantes e dos mais variados. Estou em alguma praça cercada de verde e com pessoas que gosto.

Eu enxergo a alegria em tons amarelos e azuis, feitos o entardecer do outono de Brasília visto de algum parque; tons que transmitem alegria e ausência de necessidade externa; silêncio e "Barulhos" do ambiente compõem a trilha sonora com uma música instrumental de fundo, alguma batida lo-fi, calma e reflexiva; é um sabor doce, de fácil digestão. Eu estou no Taguaparque (ou no quintal da minha casa).

Raios de luz prateados saem de uma imensidão azul, tudo pulsa, tudo conectado. Sinto tudo com sentido, faço parte, todo o colorido vibra em outro tom por causa da minha lente que está mais focada e apurada. Todos os sabores são como os primeiros da vida, uma grande novidade. Me misturo com o ar, sou o céu de Brasília no Taguaparque.

Vejo como se eu estivesse em um parque tomando sorvete com minha filha,

depois de brincarmos muito. sinto uma correnteza de amor transpassando meu peito, esmagando a ponto de me ver chorar de rir.

Momento curto porém infinito em sua magnitude. Alegria me remete a tons quentes, luminosos, sol que arde na pele, calor, união e coletividade, alegria é um sentimento contagiante que compartilhado se multiplica.

TRISTEZA

Tristeza me remete à injustiça. Penso no lago sul com seus gramados verdejantes e bem aparados, aquela população marrom escura com o pescoço vermelho de bater facão nas belas palmeiras de pessoas graves da sociedade. Os meninos uniformizados, subindo em postes de alta tensão para garantir o bom serviço das empresas que não sabem seu nome e as marmitas sob a sombra de uma mangueira ao som do meio dia... me entristece. E o calor dos carros transita entre os corpos primatas, suados, à beira do lago, onde não se nada...

Quando a tristeza chega, tudo perde cor. Coisas se apagam para permitir a dor passar. É como uma névoa, turva a visão até que não se saiba o que é real. Pesa no peito, cria um nó na garganta, deixa um vazio no estômago que não se pode preencher. Tem cheiro de lágrima, uma água levemente

salgada que mostra os defeitos e falhas. Tristeza é moleza geral, energias se esvaindo e um coração lutando pra bater. É o suspiro longo, o sono indefinível, a cólica menstrual, uma lavanda antiga e despedaçada guardada na gaveta de meias. Tristeza é um silêncio tão profundo que se escuta até o correr da luz nos cabos de energia da cidade. É a água mais sem gosto de todas, quase um soro fisiológico. Tristeza é água fria. Dói, choca, é incomodo, mas de uma forma ou de outra, cura e movimenta sentimentos profundos. Pode ser veneno amargo mas também pode ser remédio, depende apenas da dosagem.

Um grande nicho de cores frias e opacas, mais para escuras, desfocadas, quase sem nome ou não-identificáveis, barulho de chuva forte, um violino tocando longe quase imperceptível junto aos outros elementos da tempestade, o cheiro é de carne crua e fresca, sem tempero algum, gosto salgado como de lágrimas e uma textura familiar e desconfortável como de tocar a própria pele em um auto-abraço.

Um cheiro fraco e levemente adocicado lembrando bem de longe o aroma de dama da noite. A sensação é a de sono, e dormir até que este momento passe. Sinto um sabor salgado de lágrimas e também um queimar forte de uma cachaça de baixa qualidade. Um azul escuro profundo preenche completamente minha visão, e tudo que observo fica opaco, como um óculos

de grau muito elevado. Ao fundo começa a tocar cartola, que logo vai se transformando em um piano com sinfonias de Beethoven. O azul opaco preenche todo meu peito, e logo toda essa cor se transforma apenas em dor. O centro do plano piloto, pois representa Brasília como um todo.

Se a tristeza se vestisse certamente ela usaria a paleta preto, branco e bege, na moda, na decoração, na arquitetura... tão tedioso que chega a ser triste, me parece uma normalização do apagamento das identidades plurais e estampadas que vemos na tradição ameríndia, africana e indiana, no sol azul e nas nuvens laranjas que as crianças pintam, a tristeza amarra a gente e apaga as cores da nossa visão.

Vejo a tristeza como uma coloração turva e indefinida. Como se fosse algo que pudesse mudar de cor de forma repentina, mas sempre fosco.

Vejo a cor preta, sem nenhuma reflexão sobre o futuro. Sinto como se houvesse uma bola de lã na boca do meu estômago. Ouço o silêncio e o vazio. Não sinto cheiro. O gosto é amargo como tamarindo. Devo estar no cemitério de Brasília.

Cores escuras. Choro. Introspecção. Quatro paredes.

Cinza. A tristeza é um sentimento que me catapulta para muitas criações. Normalmente, fico melancólico, às vezes até demais, e acabo criando para ter a tristeza como passagem. Já que é um sentimento duro de se relacionar, procuro esmiuçar e transformar em algo.

O azul turquesa acinzentado domina; tá frio e sinto meu pé molhado dentro do tênis; ouço um som de mulher chorando copiosamente ao longe, junto com uma melodia de música sertaneja do final dos anos 80; há o cheiro forte de lixo no ar.

A tristeza é preta, uma noite nublada e fria, o caminhar por calçadas quebradas da W3, com carros passando com indiferença, fazendo muito barulho. A sensação na pele é de vento frio e seco, ruas vazias sem rostos conhecidos, passos assustados com medo da imensidão do Plano Piloto e seus escuros ameaçadores.

Já vivenciei muitos momentos tristes nessa minha vida. Não são muito bons. Quando estou triste sinto que tudo está perdido, que nada vai dar certo, choro muito, me desespero e fico desacreditada. Geralmente, por chorar muito nesses momentos, me sinto fraca, sem apetite, tenho dores de cabeça e fico com a vista cansada. Não aguento ver luz e busco me isolar. Também não tenho um lugar que me remete a tristeza. Já passei por esses momentos em diferentes espaços.

Relaciono tristeza com o cinza e a escuridão. A escuridão penso no preto da noite, unico periodo do dia onde algumas missões de graffiti (ilegal) são possíveis. Nessas horas o caos que nos rodeia é diferente do diurno. Ao invés de uma multidão de carros que podem representar um perigo, cada um deles é analisado individualmente. O som de sirenes é sinal de alerta. Vozes na escuridão podem ser sinal de perigo e a atenção ao silêncio é primordial para a garantia da integridade física. É curioso porque no meio do graffiti é bem comum a conversa de colorir o cinza da cidade, como se fosse uma função do graffiti trazer por meio de suas cores e formas a alegria para a cidade. Todos os sentidos são importantes para o sucesso de uma pintura nessas circunstâncias. Além disso, as capacidades corporais são essenciais também.

Vejo a cor cinza, opaca e sem vida. Me sinto como o meme xoxo, capenga, manca, anêmico frágil e inconsistente. Sem vontade de fazer algo, apático, de cabeça baixa, sinto as pálpebras e a respiração bem pesada, com vontade de dormir. Não escuto nada, se escuto vai ser uma trilha sonora mais trágica que o meu sentimento. Sinto o gosto salgado das minhas lágrimas e o gosto metálico da minha garrafa de água. Estou em casa, sozinho.

A tristeza é cinza, da cor dos prédios velhos; tem horas que vira também um filme em preto-e-branco; gosto amargo e ruim, desce rasgando,

queimando; sons de piano, melodias repetitivas, tem um cheiro nauseante; a tristeza tem textura de fotos antigas manchadas pelo tempo O Hospital (HRT) é um lugar triste.

Caminhar num corredor em que todas as portas estão entreabertas e na medida que se caminha ao lado delas, vão se fechando uma a uma, mares de possibilidades se fecham por não se permitir que eles se abram. O gosto é amargo e sem tempero, por mais que se altere esse sabor, ele não consegue se transformar. Sou as noites de madrugada fria nas sarjetas da rodoviária de Brasília.

Um dia nublado sem um colo do lado, um balde de água fria num dia chuvoso. é a despedida de um amigo de longas datas, um aperto no peito imensurável.

Um sentimento coletivo porém sentido de forma solitária, úmida regada de lágrimas, que servem de consolo. Me remete a dias apáticos, com poucos sons, arrepios e coração apertado, dias frios geralmente são mais tristes.

CONFIANÇA

Confiança é fria e sólida como uma parede de concreto. Não me traz calor, e sim uma estabilidade, um prumo perfeitamente parado em direção ao centro da terra, frio como uma rocha, cinza. Uma pele de uma criatura construída, sobre seu próprio eixo, equilibrando suas partes, revestida de um minério inquebrável. Um mármore multicolorido de sensações antigas, memórias de uma criança que não tinha medo de subir nem de saltar. Me lembro de ser criança na asa norte, pilotis frios, pistas sem linhas, lamas sem gramado, amizades sem futuro nem passado...

Confiança é aquele vermelho bonito, quase terracota. É o foco mais preciso do mundo, onde todo detalhe é evidenciado. Tem cheiro de café bem feito, mas gosto de hortelã com limão, doce e com uma acidez agradável. É uma árvore grande, de raízes profundas. Ventos não abalam essa estrutura. Apesar disso, me parece um material liso e forte, gostoso de se passar a mão.

Cheiro terroso e amadeirado doce, gosto de gengibre com sal e pimenta rosa, as cores são vermelho sangue, azul claro translúcido e preto absoluto, quase brilhante, tudo bem dividido, contrastado e intenso, talvez algumas partes menores de amarelo e laranja, em formas geométricas de três ou quatro lados. Textura firme e seca, não tão lisa a ponto de ser escorregadia,

e nem tão seca a ponto de se desestruturar-se, apenas firme e seca. Sons de metais combinados em orquestra regidos por uma leve ventania. Nenhuma nuvem no céu.

Um vermelho sangue me impregna por inteiro junto de um forte entusiasmo. Logo sinto o amargor amadeirado do whisky e em seguida harmonizando com o gosto do cigarro. Está tocando "in da club" do 50 cent. Consigo ouvir o som de pessoas conversando, como em um ambiente de bar. A luz artificial forte contrasta com a noite escura. O perfume forte exala do meu ser, eu estou na night. Quadra 410 norte.

Vejo este sentimento com a cor roxa, roxo me lembra uva e comidas de aparência peculiar que podem ser muito saborosas ou muito estranhas a ponto de dar um curto no seu paladar e você ser incapaz de definir se achou bom ou ruim. A confiança também é assim, parte de uma percepção, um feeling muitas vezes você confia desconfiando ou ao contrário.

Para confiança vejo um verde vibrante. Talvez porque me remete às folhas de árvores e do ímpeto de subir pelos galhos.

Vejo a cor verde, como um sinal para seguir em frente sem medo. Sinto minha respiração devagar e consistente, o oxigênio sendo distribuído pelo

meu corpo. Ouço o som mais pesado possível, cordas distorcidas, bateria exageradas e berros. Sinto o cheiro do perfume mais legal que já tive, um da Dior. Sinto o gosto de cerveja gelada.

Azul escuro. Passadas fortes. Perfume natura. Comunicação direta e objetiva.

Vermelho. Eu amo me sentir confiante. Amo, de verdade. Me sinto completo. Me sinto disponível para a vida, para os trajetos, para os encontros, para os amores. Me sinto humano. Tanto quanto me sinto quando tenho medo. Mas a confiança é movimento, o medo, costuma me paralisar mais. Infelizmente.

Azul vivo, sobre um branco morno; sinto o cheiro de chá de erva-cidreira que até traz um certo aconchego; ao fundo, notas de acordeon num ritmo calmo mas constante.

A confiança vem sutil mas se torna avassaladora como uma avalanche. Ela é um rosa claro com gosto de sorvete de chiclete, uma vivacidade que vem de dentro do peito como se estivesse encontrando seus melhores amigos por acaso no meio do ICC e eles te convidam para uma tarde agradável de conversas no gramadão onde você exporá o motivo do seu peito estufado.

Tenho dificuldade de confiar em algumas pessoas ou em coisas. Acho que dificilmente confio por completo em alguém. Sempre fica uma insegurança/medo. No entanto, quando confio em alguém não me preocupo com as atitudes que essa pessoa irá tomar. Mesmo tendo receio de que pode acontecer, confio nas decisões que essa pessoa irá tomar. Falando dos aspectos físicos, sinto um leve arrepio no corpo e um "gelo" no coração. Além disso, sinto um "instinto" que me deixa preparada para caso a pessoa quebre a minha confiança. Creio que poderia descrever isso como um "instinto" de proteção, algo assim.

A confiança é um sentimento que grande valia no graffiti. Confiança em si, nas ideias que você defende caso precise argumentar algo é confiança em quem eventualmente está contigo. Não relaciono nenhuma cor à confiança.

Vejo a cor laranja, saturada, radiante. Me sinto energizado, ansioso da maneira mais positiva, com os batimentos cardíacos altos e atenção está bem aguçada. Não me vem o gosto ou cheiro de algo específico a não ser do ambiente que estou presente. Estou trabalhando, isso pode ser em qualquer lugar. Na minha casa, em um café, no meio do mato ou na loucura da cidade ou de um festival.

A confiança tem barulho de torcida, grito de guerra, vibração interna; é festa e é cor, bandeiras tremulando, mãos pra cima, peito aberto; cheiro de mato, ar puro e fresco; a confiança tem a cor das manhãs abrindo sol, também; cheiro de suor também, de multidão, de festa; a confiança é carnaval, é música alta, vibrante, é instrumento de sopro. Estou na Batalha do Museu, no Museu da República.

O que for que aconteça vai ser bom, caminhar em meio ao caos e estar tudo bem, tempestade e chuva fria são frescos pro calor. Azul com gosto de vitória, suor salgado de esforço em ter chegado até aqui e agora. A certeza de estar no lugar certo, pertencer. Estou na Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello.

Um segredo compartilhado, um voto é o não temer de apostar em alguém seja em qualquer situação. É dois lados de uma moeda. Doar teu íntimo.

O arquétipo do guerreiro, que tem objetivo em mente, força e vontade de continuar com seus ideais, acreditando fielmente neles. Confiança também me remete a momentos doces, sejam românticos ou amigáveis, sensação sólida, segura, terrosa.

MEDO

O medo é inexplicável ao mesmo tempo que é constante e é rígido. O medo é uma planta velha adoentada, enegrecida de carvão pela morte e pelo podre da terra - que ofusca a visão da planície. Balança suavemente à minha frente. Sei o que tem depois. Tenho um facão para cortar esse caule escuro, mas algo me diz que o fio do metal não é suficiente. Me diz que o caule é grosso e rígido, intransponível. E as folhas, embaçadas, impedem meus olhos e meu corpo de irem mais longe. Assim o medo cria uma clareira do tamanho do meu espaço individual. E esse espaço se torna refúgio.

Medo é escuro, um bordô bem fechado. Um cheiro que combina água parada e madeira antiga, de coisa guardada. E é gélido, bem além de frio, é algo que te congelaria no primeiro toque como um inox cirúrgico, gelado e cortante. Não tem qualquer calor. O medo paralisa, acelera o coração e turva os cantos da visão. Qualquer sombra imediatamente se torna uma ameaça. Soa como um metal arrastando em outro, ou ventos sussurrando nas janelas. É a sensação de que correr não vai adiantar, o ar não será suficiente e a certeza de que você vai cair no fim.

Tão escuro que não se pode decifrar em cores. Textura molhada e terrosa, mas sem muita definição. Tem um gosto estranho de anestésico ou de remédio alcoólico muito intragável. Barulho das entranhas do próprio corpo, coração batendo rápido e projetando em suas veias a palpitação intensa, vibrações múltiplas. Não se sente mais muitos fatores externos, nem mesmo o vento. Cheiro de sangue não tão fresco.

Um sabor amargo e adstringente toma conta de minha boca. Não consigo escutar nada, apenas o som de minha garganta engolindo seco e minha respiração ofegante. Minha mente é tomada por um roxo escuro e um verde piscina muito específico, parecido com um lodo de sujeira. Os únicos sentimentos são de alerta e concentração. O local neste caso está alocado perto de qualquer viatura de polícia.

O medo pra mim tem cheiro de álcool 70% e cor amarela de gordura em órgão vitais, amarelo anemia, catarro e pus. O medo é estar sem companhia quando se está debilitado.

Vejo o medo como um cinza claro. Acho que essa é a cor dos prédios e da sensação claustrofóbica que tenho quando percorro por centros urbanos muito caóticos

Vejo a cor preta. Não ouço nada. Sinto o refluxo e ansiedade como alguém que está prestes a fazer a passagem deste mundo. Não ouço nada. Não sinto cheiros. Sinto o gosto de sangue. Estou no Hospital Santa Lúcia.

Inquietação. Olhares desconfiados. Paranoia. Caminhar rápido. Hiper atenção.

Inexistência de cores. Paralisia. Angústia. Desconexão com o pulso da vida. Mas, no fim da crise, costumo extrair algo. Costumo lembrar que sou bicho. Tenho instintos. O melhor do medo é superar ele. Até lá, a briga é braba.

Não enxergo nada, não ouço nada, estou sufocado. um alto nível de umidade me faz sentir minha pele grudada.

Aquele sentimento quando se está andando tarde da noite pelas quadras, ninguém pelas ruas, apenas você, mas de repente, outro vulto vindo em sua direção, ou pior, você escuta passos atrás de você. A coisa mais perigosa que existe é o ser humano, e você não quer dar de cara com um numa noite roxo-escura da Asa Norte.

O medo até hoje faz parte da minha vida. Creio que ele nunca vai embora. Quando tenho medo me desespero, penso um milhão de coisas, fico nervosa, respiro mais ofegante e fico mais ansiosa.

Medo me vem as cores sem saturação também. Cores sem vida vistas na escuridão e também ao marrom da nossa primeira visão ao abrir os olhos após acordar de um pesadelo.

Vejo apenas a escuridão, a ausência de luz e cor. Me sinto atento, batimentos cardíacos elevados, respiração ofegante. Ouço um desespero geral. Sinto um gosto muito amargo do qual eu não sei dizer o que é. Sinto um cheiro forte e desagradável, podre. Estou em algum lugar bizarro do Conic.

O medo é vermelho e cinza; é um vermelho-alerta e um cinza triste; é um aperto no peito; não tem cheiro de nada pois falta o ar; o gosto é insalubre, feito remédio amargo e água morna; embrulha o estômago; o medo é frio, feito parede de corredor de hospital, o medo é silêncio e vozes gritando no ouvido que "vai dar errado". o medo é cortante.

O medo traz falta de ar, aperto, todas as ideias e pensamentos estruturados na cabeça viram apenas fragmentos soltos de um grande quebra cabeça. Faz frio, o corpo treme, busca o aquecido mas sem saber como alcançá-lo,

por mais que já tenha percorrido esse mesmo caminho outras inúmeras vezes. Os aromas se tornam mudos, parados no tempo como se estivessem congelados esperando para poderem se mover novamente. Estou no Lago Paranoá a noite, embaixo da água sob a ponte JK.

Um lugar frio sem ninguém ao teu lado, isolado apenas com os assombros do seu próprio pensamento. É um buraco sem fim que te isola e te prende no teu próprio pesadelo.

O medo é aquilo que não conseguimos de fato ver, ouvir, sentir ou tocar. O novo, o não coberto, mistérios. Medo causa frios na barriga e calafrios, que se confundem com intuição. Enxergo cores nos tons violeta, verde, amarelo, tudo aquilo que remete a algum tipo de perigo, mas te testa.

TRANQUILIDADE

À beira do lago vejo a nuvem que se aproxima da cidade. O vento quente levanta o sábado e me conecto com a Terra. Embaixo das árvores canta um tanto de pássaro que não conheço mas já ouvi outras vezes. Pequenas ondas que acompanham o ar chegam à margem do lago e, deslizando sobre as pedras, puxam raízes para si. O sol amarelo encobre a vida. Vejo a sombra da nuvem, uma entre tantas, tão pequena frente ao horizonte. Os carros são minúsculos e somem nas curvas, atrás dos pinheiros.

Tranquilidade é um pôr-do-sol, de vento leve e fresco. Uma rede balançando, enquanto o ar traz o leve cheiro das flores no campo. É azul bem clarinho, com a sensação de fazer carinho num gato que ronrona no colo. Tem leveza, tem suavidade. É como um sonho, você não vê exatamente com os olhos, mas com a mente. Me traz a imagem visual e sonora de uma praia vazia, de areia clara e ondas calmas acariciando os pés com delicadeza. É como eu imagino que algas se sintam com o constante movimento das marés, um leve vai e vem, calmo e ritmado.

Azul celeste com feixes de luz, leve som de insetos cantantes e murmúrios de pardais, texturas de gramas com plantas floridas esbarrando delicadamente na pele, cheiro de lavanda e gosto de água com hortelãs frescas.

Sinto o cheiro de lavanda e de folhagem, cheiro de tanino. Consigo também sentir um leve aroma de maconha. Certamente eu estou na mata, onde sinto leves raios de sol que ultrapassam as folhas das árvores. O barulho da cachoeira se mistura com o cantar dos pássaros, e o cheiro de água corrente atinge meu corpo, quase como em ondas. Sinto a conexão com cada centímetro daquele lugar, eu não preciso de mais nada. Matas para as bandas norte do DF.

A tranquilidade é verde, é um passeio no parque, é olhar as plantinhas que você insiste em ter na bancada do apartamento pequeno, é respirar um cheiro arbóreo. É andar sem ter um objetivo de chegar em algum lugar específico, é ver como são bonitas as flores miúdas do cerrado, se assustar com um calango e rir. Parque Olhos D'água, Parque de Águas Claras, Água Mineral, Jardim Botânico, Flona.

Azul claro me remete a tranquilidade por associar às Águas disponíveis para mergulho.

Vejo a cor branca. Sinto que poderia parar de respirar e voitar. Ouço Clair de Lune de Claude Debussy. Sinto o cheiro de alfazema e gosto de jambo.

Verde. Roupas leves. Música brasileira. Balanço da rede.

Azul. É o que eu desejo para vida de todo mundo. É a paz que alimenta cada cantinho do nosso corpo para buscar os desafios do chamado que sentimos.

Cores mais neutras e claras, mas tendendo a uma tonalidade quente; textura de cobogós sob a luz do sol poente; cheiro de jasmim.

Uma trilha sonora Lo-Fi em tom meio amarelado e alaranjado como um pôr do sol suave. Um rolê brilhante onde você vê tudo claramente e com a cabeça cheia de ideias que parecem de fácil execução. Um rolê de bike na ciclovia por debaixo das árvores em um clima agradável, levemente frio.

Quando estou tranquila me sinto mais leve. Percebo que meus batimentos cardíacos ficam mais controlados, como se meu coração não estivesse batendo de tanta leveza. Sinto meu corpo mais leve de modo geral.

Azul do céu e verde da vegetação. Cheiro de mato e da natureza.

Vejo diversas cores presentes na natureza. Me sinto bem, calmo, relaxado e despreocupado. Escuto um som ambiente, pássaros cantando, som de água corrente. Sinto gosto de água de côcos e jabuticaba. Sinto cheiro de grama cortada e ar fresco. Estou na 308 sul (quadra modelo)

Para Tranquilidade eu vejo o verde, feito um caminho ou trilha, dos momentos que a gente esquece da cidade e enxerga árvores, plantas, o verde; vejo a alegria com um tom verde e cheiro de ar puro, longe de fumaças; o silêncio e o "barulho" do ambiente são as melodias presentes, é possível ouvir o mundo conversar com a gente; é um gosto doce, sem ser enjoativo, que traz enorme sensação de satisfação. Estou no Taguaparque.

Cores alaranjadas se misturam se entrelaçando no ar, dançam entre si, despreocupadas com seu ao redor. O cheiro é de mato, úmido que refresca, gosto de natureza em partículas. O chão com textura de casa, de conforto. Som de vento, balanço de folhas e suspiro de chuva. Ah! O pôr do sol de Brasília na Praça do Cruzeiro.

Uma praia num tarde de verão, tomando uma água de coco, pássaros ao céu, uma cerva gelada, ouvindo um pagodinho em companhias agradáveis, um charme que melhora o clima.

Estado mental dificilmente atingido, onde pensamentos, memórias, desejos, sonhos e frustrações se unem e acabam virando uma forma, fluida, mas uniforme. Tranquilidade é um estado curto entre os constantes alertas.

ANGÚSTIA

A sensação de respirar seco em meio ao mar de lata da cidade, o calor do asfalto refletido pelos sedãs prata que envolvem o caminhar e mancham a trilha estreita de chão batido do passado. De dentro da caminhonete 4x4 estacionada na frente da padaria, um homem pesado e de barba feita sai acendendo um cigarro de filtro vermelho, bate à porta com displicência e pega uma coca-cola do balcão. O lixo industrial, o tecido costurado, a borracha dos pneus, o desodorante, todos vindos de mãos infantis do além-mar.. Respirar só porque é de graça... por enquanto.

Angústia é uma sequência de nós na garganta. Um rabo de cavalo muito apertado, perfume antigo muito forte e enjoativo. É áspero, como concreto. Tem som de talher arranhando o prato quando se come, gosto de comida cara e ruim, gosto de metal. Decepcionante. Algo que era muito esperado e ainda assim não se realiza. Uma coceira que não adianta coçar.

Um toque ritmado como um tique inquieto no vidro da mesa com a ponta da unha emitindo um som agudo. Cores de muitos diferentes tons de marrom, com efeito de amarrotadas, combinadas com tons de azul escuro, vinho, preto e espessas linhas brancas. Amarelados e lilases opacas se misturam como num lago parado. Gosto adstringente e sensorial que faz parecer com

que a boca diminua de tamanho e fique seca. Cheiro de álcool etílico, arrepio na espinha, ao mesmo tempo a ausência de tudo. Textura cortante.

Uma fome insaciável toma conta de mim, uma vontade de comer hambúrguer até me entupir. Meu corpo toca a marcha das Valquírias me movimentando de um lado para o outro. Uma taquicardia que teria uma cor vermelha e marrom toma conta do meu peito, onde parece que ela só pode ser freada com o consumo excessivo de algo, seja comida ou álcool. Hospital Daher

Falar sobre este sentimento já dá uma sensação de estrangulamento, algo tão difícil de se definir com palavras. É como estar em um espaço muito amplo, muito alto, mas em volta do seu corpo estar sentindo um aperto indefinido, seus pensamentos ficam em looping, o coração acelera e é difícil respirar. Tipo a fila do Centro de Referência de Assistência Social.

Um laranja com tons de marrom. Sensação da casa suja de poeira e terra.

Vejo a cor preta. Ouço o trance com o bpm mais alto que existe. Sinto meus músculos se contraírem e a vontade de vomitar. Não ouço nada. Não sinto cheiros. Sinto o gosto de tamarindo.

Desconforto corporal. Passível de ser acessado em qualquer cor.

Cinza. Muito cinza... profundamente cinza. Me faz chorar. Me faz muitas vezes não conseguir chorar. Meu coração concreta. Meu sangue engrossa e parece parar de correr por todo meu corpo. Quando estou angustiado, não me sinto vivo.

Cheiro forte de fumaça, ruído de carros; a luz forte de painéis de LED que evocam as negligências, frustrações e contradições de um sistema falido.

Como se entrasse em um nevoeiro escuro sem conseguir enxergar nenhuma saída, é como descer em uma passarela por debaixo do eixão à noite, mas com as luzes quebradas.

Acredito que a angústia seja algo próximo do medo, porém com um incômodo de pensar que não posso fazer nada a respeito. Uma impotência. Quando estou angustuada também me desespero e fico ansiosa.

Acho que amarelo ou laranja, por questões culturais creio eu.

Vejo flechas de luz no meio da penumbra. Sinto ansiedade, inquietude, tédio, muito calor corporal de terceiros e dificuldade de respirar. Escuto música eletrônica e barulhos extremamente altos que me impedem de prestar atenção em uma conversa. Sinto cheiro e gosto de cigarro e álcool e suor. Estou em uma festa/evento no setor comercial sul.

A angústia é quente, amarela; é calor; tem cheiro de suor, transpiração, respiração nervosa; aperta o peito; tem uma música repetitiva, incessante, nada harmoniosa, sequência de barulhos incômodos; barulho de trânsito, buzinas e carros acelerando; Estou no Hospital ou no trânsito.

A quina do quarto escuro, traços pontiagudos ao redor vindo de todas as direções, falta de ar, sufoco e engasgo com o nada, vácuo, me sinto sozinha sem ninguém pra contar, sem cores só a sombra que nem preto pode ser considerado de mais profundo que é. Estou pelas ruas ao redor do Eixo Monumental.

Peito aflito, como um sufocamento sem fim. sensação de afogamento, tudo vai ficando cinza ao redor. um formigamento em teu peito.

Sentimento que adocece, frustra e causa dores físicas. A angústia aperta o peito e desce pra barriga, difícil de digerir, curvam-se as costas para o

sentimento, de tantas vísceras. É um sentimento profundo e visceral, ao mesmo tempo que em paralelo pode ser fonte de inspiração para criação e alívio dessa sensação.

INSPIRAÇÃO

Estar à distância e poder observar um pouco mais de longe me inspira. Tenho a sensação de uma natureza bela e ampla, um pico elevado, o cerrado úmido sob o sol da tarde. Onde não se ouvem carros e buzinas, onde os caminhões não chegam e onde as pessoas se calam para ouvir o silêncio. Um silêncio barulhento, das inúmeras espécies que lá habitam, conversando entre si sem parar, durante todo o dia e durante toda a noite. O contato com essa natureza me faz pensar melhor nos dias que tenho e que quero ter.

Inspiração vem do respirar, do que entra e preenche espaços que sequer pareciam reais. É uma mistura de cores dançando, cada hora com um foco e em perfeita harmonia, um grande improviso de jazz. Tem cheiro de tinta fresca e laranjas recém cortadas. A sensação que traz é de enfim entrar em um rio e seguir seu fluxo, como se nenhuma pedra pudesse parar o barco.

Cheiro de erva-cidreira, aquelas que crescem com os ramos horizontais, com conjuntos de minúsculas flores cor de rosa e amarelas, folhas peludas verde

escuro, céu amarelo e azulado com imensas nuvens brancas suspensas como zepelins. (A calma de monge que subiu a montanha sem hora pra voltar ao mosteiro.) Gosto de mate da pizzaria Dom Bosco, que é doce igual ao que minha mãe fazia quando eu era criança. Pode-se ouvir uma sinfonia de violas eruditas com grandes pausas propositais, até que começa o solo de uma rabeca lindíssima que aparece sem ser convidada mas é igualmente contemplada.

O azul celeste bem claro toma conta de minha mente, seguido de um laranja forte e um verde claro. Consigo sentir um gosto de torta de limão, ácido e doce, perfeitamente equilibrado. Logo em seguida, chamas amarelas passam por mim e se fixam em minhas costas como se fossem asas incandescentes. Biblioteca do Ceub.

Um livro, uma peça, uma palestra, um muro pichado, uma música tocada no bar, a rua é a morada da inspiração. Sinto que se fosse para definir uma cor seria azul da amplitude do céu, por que não há limite.. É uma caminhada pelo Campus da UnB Darcy Ribeiro; é uma caminhada pelo Centro de Taguatinga, parando na academia de letras de taguatinga e indo assistir filme na Goodfellas cine bar; é ir no SESC Ceilândia assistir uma peça e depois ir comer um sanduíche ou cachorro quente cheio de pastas muito boas no 14 irmãos e encerrar a noite no Peligrado ou no Túnel do Tempo. É uma caminhada que inicia na 908 sul, passa pelo Espaço 508 sul, dá uma

parada na Biblioteca Demonstrativa, sobe até a Praça dos avós, resolve ler umas hqs na gibiteca do SESC 504 sul, aproveita para passar nos museus do Correios, Caixa Cultural, Espaço Cultural Anatel , Museu da República e Biblioteca Nacional. É sempre melhor a pé porque dá pra reparar nas frases riscadas pelas paredes da cidade.

O vermelho me aproxima mais da inspiração. Talvez por remeter a um estado de alerta e que a permanência nesse estado de alerta provoque a inspiração.

Vejo a cor dourada como o pôr do sol na cruz. Ouço a música Before the Beginning do John Frusciante. Sinto o pensamento fluindo e minhas ondas cerebrais automáticas. Sinto cheiro e gosto de uma strain da Califórnia.

Amarelo, azul. Energia para colocar algo em prática. Dança espontâneas.

Todas as cores, unidas e separadas. É o que faz a vida existir, evoluir, transformar, acolher as inquietudes e até os sentimentos densos e esquisitos. A inspiração é um convite para nós nos multiplicarmos. Virarmos desenho, virarmos canto, virarmos letra, virarmos música, virarmos filosofia...

Gosto adocicado suave; sinto o cheiro e o toque das páginas de um livro; cheiro de tinta; o som de bebop rasgando ao fundo.

Uma claridade rosada como o amanhecer no lago. Um sentimento contagiante, uma vontade de sair gritando para o eixão do lazer que tudo vai dar certo!

Quando vejo algo que me inspira sinto que posso mudar o mundo, que tudo vai dar certo e que sou capaz de vencer qualquer desafio. Geralmente quando estou inspirada me sinto mais feliz.

Qualquer cor. De primeira penso no colorido, mas o preto é o branco, cores mais básicas, tem a capacidade de expressar qualquer ideia ou sentimento.

Vejo cores vibrantes e brilhantes, vindo de várias direções. Sinto no meu corpo a inquietude e a ansiedade positiva de me expressar livremente. Sendo pela fotografia, música, dança ou pela escrita. Ouço músicas e pessoas que são capazes de me motivar. Sinto cheiro de maconha no ar kkkk Sinto gosto de algo saboroso que nunca havia experimentado antes. Estou em um festival cultural.

A inspiração é verde, tem cheiro e gosto de café, de manhã, tem cor de sol também, é dourada e verde, tem barulho de passarinho assobiando; a inspiração é água morna de banho matinal tocando a pele, é passar a mão em uma roupa de veludo, tem a textura e o sabor de um sorvete. Eu estou no quintal da minha casa.

Exemplo, acredito que também posso chegar, é referência, caminhar junto por um bambuzal verde ao som de vento, gosto de mato. Feixes dourados pulando como peixes num mar verde de vida. Gosto de água depois da seca. Estou assistindo a uma peça de cultura popular na Casa do Cantador.

Um amigo conquistando o seu mérito. Os nossos semelhantes chegando onde jamais imaginaram, é ter uma fonte pra te guiar.

Aquilo que atinge a alma, mais profundo que carne, mente e ideais, a inspiração é o ar que entra e preenche cada célula do corpo, trazendo oxigenação de pensamentos, força motriz para ação e borbulhamento de sentimentos querendo sair.

DESMOTIVAÇÃO

Me desmotiva o marasmo das imagens, a obrigação publicitária, o enfadonho assunto sentado à minha frente. Me desmotiva não poder viver o espaço ao meu redor, não poder descer uma rua, ou não poder pedalar à próxima quadra. Me desmotiva permanecer no mesmo lugar e não respirar outros ares e não beber de outras águas. Desmotivação é o sentimento do enquadramento, da fôrma, do conforto, do retorno, das luzes que se repetem, dos sons que não andam, das companhias que também se repetem e também assim não andam. A desmotivação embaça os sentimentos, dilui a energia criativa em água parada. Tem cheiro de ar condicionado e espelho de elevador.

Desmotivação é estar em um rio apanhando de todas as pedras no caminho. Deixa o corpo dolorido e pesado, com roxos diversos. Tem cor de hematoma, com tons esverdeados. Cheiro de mofo, já não há mais o que fazer, algo foi abandonado. Tem a sensação de microfibras sujas de lama. Houve em algum momento conforto, mas ele foi destruído. É uma água de chuchu. Deveria ser descartada depois de ferver o alimento, não tem um gosto específico mas por algum motivo segue na panela. Também poderia descrever como um alface fervido, sem crocância, sem vida, com suas cores bem apagadas. Enfim, sem ponto.

Cinza médio cru sem qualquer variação. Falta de cheiro, gosto de saquê saturado. Textura fria e seca de cimento queimado, qualquer parte do corpo agora parece pesada e inútil. Pode-se ouvir os corvos arranhando o telhado e um cachorro acorrentado latindo ao fundo.

Uma sensação de fraqueza que aparenta ter uma cor de sujeira, um verde amarronzado. Vejo sujeira por toda parte, um cheiro de mofo e poeira. A sensação de quando se está doente e não possui vontade de comer. Lago Sul.

Desmotivação é peso sobre o corpo, é a tela azul da tv ou do celular mas com nada interessante, você só olha porque não está de olho fechado. É comida sem sabor, é dormir porque não tem nada melhor pra fazer.

O roxo é uma cor estatística para mim. Nem tão fria, nem tão quente. Acho que associo com a falta de movimento.

Vejo a cor cinza como o céu de SP. Ouço as mais melancólicas do Bon Iver e Deftones. Sinto preguiça como se meus músculos estivessem esgotados após trabalharem muito. Não sinto cheiros. Sinto o gosto de bife de fígado.

Parecido com a tristeza, mas com abertura para locais abertos.

Para esse sentimento, eu vou deixar um texto que escrevi essa semana: "ESCOMBROS". "Tenho travado uma verdadeira batalha para me tirar dos escombros de mim mesmo. Uma espécie de auto resgate da fé. Em algum canto por aí perdi minha esperança. Me tornei um descrente, uma pessoa cinza. Envelhecer não pode ser isso. Mas meu fogo interno anda tão baixinho. Tão sozinho no escuro. Parece que suas convicções o deixaram órfão de sonhar. Aquilo que era puro oxigênio para ele. Enquanto isso, os dias passam como quem me mastiga. Me vejo em pedaços. Alguns restos, vão goela a baixo do cão vadio que é o tempo. Já outros, estão encostados em lixeiras de um centro movimentado, onde ninguém repara que eu estou ali. Espalhado, mordido e sangrando. Cantando em troca de couvert. "Por isso uma força, me leva a cantar... por isso essa força estranha... por isso é que eu canto, não posso parar... por isso essa voz tamanha...". Eu quero acreditar. Eu quero acreditar que é uma fase ruim. Que minha vida é um trem e que ele só desencaixou dos trilhos. Mas tenho que confessar: o maquinista anda bem constrangido consigo mesmo. Desapontado. Perdido. Agora o trem está paradinho. Sendo ajustado. Revendo rotas. Bolando futuros. Mirando trilhos. Só não quero demorar aqui. Mas também não quero que descarrilhe. Não quero um acidente mortal. Que dê tempo! Que dê tempo de reencontrar o tesão por estar vivo. Vencer a desesperança. Eu quero me reencontrar com os meus

sonhos e a vitalidade para lutar por eles. Viver deles. Viver neles. Enxergar todas as cores. Até mesmo as dificuldades e os problemas coloridos. Que sejam dificuldades e problemas, mas que sejam também coloridos; além de pertencentes a uma vida que eu queira viver até o fim dos meus dias. Para quando a morte me olhar nos olhos, eu me enxergar um viajante pleno, capaz de reconhecer em mim um ser humano feliz e que acreditou até o último suspiro, ser por inteiro, um sonhador."

A dor nas costas é irascível; ouço um tic-tac; enxergo pouca coisa, há uma atmosfera de tonalidade amarronzada; a poeira ataca alergias que eu nem tenho.

Rolar e rolar a tela do celular, sem conseguir ao menos levantar para tomar uma água, esse é o sentimento de tons escuros que chega de mansinho como se não fosse nada mas te prende em seu apartamento fazendo com que no máximo você consiga ver os carros passando pelo eixinho indiferentes à você.

Quando estou desmotivada sou tomada por uma vontade de não fazer nada. Não me sinto produtiva e acabo produzindo pouco. Fico mais quieta, na minha. Dependendo do quão desmotivada eu estiver, eu choro, me sinto impotente e fraca.

O branco manchado das paredes da sala ou de uma folha que não apresenta ideias satisfatórias.

Vejo uma sala sem cor e sem nada pra interagir. Não sinto cheiro. Não existe nenhum estímulo sensorial. Estou em uma sala/escritório vazio.

A desmotivação é cinza, aspecto triste, falta brilho e cor; não tem melodia, é uma sinfonia muda de pensamentos questionando a caminhada; é o toque daquela peça de roupa na casquinha do joelho ralado, que incomoda; tem um cheiro fétido, de esgoto Eu estou em um ambiente de trabalho.

Sonhos se desmancham, gelo que derrete sem calor, a cor é a mesma por todo canto, cinza. Céu cinza, amigos, família e todos os desejos também cinzas. Peito apertado, tanto virou nada, sem gosto, sem cheiro, só estou. Estou na UNB.

É não conseguir ir em frente sem ter um encorajamento, alguém pra te visar. Alguém não botar fé na tua arte. Acúmulo de pessoas te fazendo não se esforçar pra brilhar como você pode.

Ação movida pela falta de inspiração ou paixão por determinado assunto, objeto, idéia. A fadiga cerebral e muscular, falta de interesse por não ver mais sentido, ou feridas abertas.

EMPATIA

Empatia tem o gosto salgado da lágrima que partilho. Empatia me atrai ao outro. Empatia pelos meus vizinhos que sofrem da maldade dos patrões e pastores. Empatia pelos corpos subjugados e enganados. Empatia pelas mães-gerentes e pelos filhos e filhas com seus próprios filhos e filhas. Empatia pelo sertanejo de camisa desabotoada, calça de linho e chapéu de palha. Empatia, num hospital movimentado, quinta-feira às 9h30 da manhã, sem assento, mulheres grávidas, senhores quebrados, senhoras que dormem e muito espaço vazio. O sofrer é de todos e o reconhecer deveria ser também. -Vou embora pois quero evitar o trânsito na barragem...

Empatia é um espelho que acolhe. Como se tivesse pelúcia em sua volta. Um tocar de mãos e olhar nos olhos. Eu te enxergo, e entendo seu ponto de vista. Uma canção de ninar cantada com carinho. Tem cheiro de terra molhada pós chuva, e a sensação de botar os pés descalços em grama verde. Suas cores são suaves, quase pastéis, tornam as dores mais leves e compartilháveis. Empatia é um casaco leve e agradável, com gostinho de chocolate quente.

Formas geométricas não exatas em três dimensões desenhadas e coloridas à mão, com cores primárias, de forma que uma se encaixe em outra, feitas em papel de carta. O cheiro é de grafite colorido de lápis de cor misturado ao do

papel, textura um pouco mais grossa que papel comum, como de papel cartão, um pouco lisa nos locais com mais cor. Gosto de sobremesa de creme com morango. O som é do lápis rabiscando, talvez um barulho ao longe de crianças numa escola da vizinhança. "Não olha ainda, ainda não ficou pronto! ... Pronto. Agora pode olhar, é pra você!"

Um gosto de algodão doce desce da minha boca para as minhas mãos ao mesmo tempo que tambores tocam suavemente. A cor laranja me atinge acompanhada de uma grande sensação de dever.

Empatia me parece um abraço quente, que permite o choro sensível sem julgamento, o início do choro um lamento abafado e o fim um alívio alegre. Acolhimento, espaços de recepção, cheiro de frutas da estação, comidas com base vegetariana do lado de pastéis fritos na hora , enquanto vejo uma apresentação de mamulengo e na outra ponta está chegando um cortejo estou no Mercado Sul em Taguatinga.

Amarelo claro, uma cor quente porém não tão vibrante. Como se fosse os primeiros raios de sol da manhã.

Vejo a cor verde. Ouço risos de esperança. Sinto a serotonina sendo espalhada pelo meu corpo. Sinto cheiro de rosas. Sinto o gosto de McDonalds. Todas as cores com a energia de sentir e ver algo que representa o que acredito.

Verde. Fator multiplicador e de transferência. É um chamado para olhar o mundo com os olhos do outro, através da vivência, das dores e de sua história.

Ouço o som de vozes amigáveis, é um momento em que busco ouvir mais do que falar; o sabor da cerveja sugere camaradagem; vejo uma coloração avermelhada clara, meio translúcida.

Quando você sai para encontrar uma pessoa de que gosta muito, senta em algum estabelecimento de sua entreequadra e seus ouvidos, seu coração e seu cérebro abrem uma antena parabólica de recepção de tudo o que a pessoa precisa regurgitar para fora. É um momento como a enorme Ficus da 108 sul, aberta para você atravessar por ela, refletir e se renovar.

Nos momentos que sinto empatia pelo próximo tento me colocar no lugar daquela pessoa e reflito sobre as coisas que ela vivenciou. Dependendo do contexto vem uma mistura de sentimentos que vão passando conforme eu faço essa reflexão.

Não sei. As cores presentes em quem é alvo da nossa empatia? As cores da natureza talvez, que necessitam do nosso olhar para que não seja destruída e transformada em cinzas.

Vejo a cor rosa. Me sinto acolhido, cuidado, tranquilo. Escuto uma voz suave e agradável e me sinto estimulado a conversar e me abrir. Sinto um cheiro de perfume doce no ar. Estou em um campo aberto.

A empatia é doce, tem cores claras, leves; tem barulho de gente conversando, trocando ideia; o tato e um aperto de mão, firme. Eu estou em uma mesa de bar.

Navegar em barcos sem destino e sem cronograma de chegada, o mais importante aqui é o navegar, ao lado de quem compartilha o seu mundo, suas dores e felicidades. Chuva chovida onde todos estão ali pra se molhar. Cheiro de terra molhada, união, nascimento de algo novo, algo que é um mas é de dois, é compartilhado. Estou no Parque da Cidade.

É saber sentir junto ao outro, é colo. é amparar antes de julgar, ver o outro como a si. e o amor com o próximo, e a compreensão de sentimentos mútuos.

Muito mais uma ação do que de fato sentir, empatia me remete a eletricidade passando na pele e dando energia de motivação, ação para que a situação que alguém passa, possa ser sentida e defendida por todos presentes, não somente quem se interessa. Empatia é poder movimentar sentimentos e ações instintivas e coletivas.

HOSTILIDADE

Hostilidade, gramática da vida urbana. Hostilidade ao próximo, que de tão próximo toma-se asco. O corpo do outro, a face, as rugas, os óculos, a expressão de nojo e o olhar julgador. A tensão que me faz pensar numa arma, numa defesa, num braço de ferro, numa invasão desse espaço que não é meu mas que pode ser violado. Numa tarde na Asa Sul, onde o comércio cheira, os rostos me fitam por trás das vitrines e perguntam de mim. Não daria a nenhum o prazer da resposta, embora pudesse eu sugar toda aquela vida num piscar de olhos.

Hostilidade é verde-limão bem forte. Uma acidez acentuada que trava o maxilar. O tipo de coisa que se desvia o olhar, é pontudo e certamente ocupa um espaço maior do que deveria. É frio, ou talvez seja extremamente quente a ponto de queimar quem chega minimamente perto. Hostilidade é uma agulha, mas tem som de vidro quebrando.

Textura pontiaguda, som de correntes e violoncelos escandalosos, tocando tão rápido que quase perdem o ritmo, como numa briga de vários cães. Cores escuras e claras em tons de vermelho e preto, em um degradê assimétrico e imperfeito. Cheiro de poeira, pó de mármore. Gosto azedo de algo não familiar, como o gosto indesejado de um inseto morto. Arrepio constante e sensação estranha.

Um vermelho escuro pisca como se fosse uma sirene, traz consigo uma sensação de alerta como quem vai tomar um enquadro policial. A boca logo fica completamente seca, apenas um salgado forte como quem tomou uma colher pura de sal. A esse sentimento também me vem um branco gelo, como um velho branco com o sentimento de julgamento. 2º DP do distrito federal.

Hostilidade é banco com lombadas, blocos de cimento pontudo e cercas de arames farpados, é um sentimento que não deixa você se aproximar, tem guardas com cassetetes na cintura, é um espaço que deixa bem claro que você

não pertence aquele lugar ou se está lá você deve abaixar a cabeça. Tipo fila de banco, ou as filas de ônibus da Rodoviária, o tempo de espera que te submetem é um tipo de hostilidade que te humilha.

Cinza escuro me remete a muros e ambientes com obstáculos.

Vejo a cor preta. Ouço gritos de ameaça. Sinto a adrenalina pausar meu corpo. Sinto cheiro de ferro. Gosto de ferro.

Dor que pode se dar nas mais diversas cores e sons.

Inexistência de cores. Pra mim há uma luta diária para não ceder ao excesso de estímulos que a sociedade nos dá, para simplesmente sermos escrotos e hostis.

Lugar cinzento, fechado, não vejo janelas, iluminação artificial proveniente de lâmpadas de flúor, provavelmente me encontro na fila de uma agência do banco do brasil.

Sentimentos conflitantes de quando se está alcoolizado em uma festa noturna no Setor Comercial Sul e vários micro-momentos de desentendimento levam você a discutir com alguém que conhece ou desconhece. É ruim, mas você

não pode evitar, você sabe que está certo e se indigna com injustiças, as coisas ficam vermelhas e turvas como a terra de Brasília.

Não sei muito o que dizer sobre esse sentimento. Acho que o mais próximo que senti disso foi algo próximo da raiva e do ódio por situações de injustiça ou absurdas que algumas pessoas foram sujeitas a passar. Quando sinto esses sentimentos citados anteriormente, meu sangue esquenta, minha respiração fica mais ofegante e também fico refletindo sobre o que ocorreu.

Acho que vermelho tem um pouco disso. Cheiro de fumaça de carros ou de vegetação sendo queimada.

Vejo apenas uma agitação desacerbada de pessoas, veículos, policiais... Só escuto o barulho de uma cidade agitada em horário comercial. Veículos, gritos, sirenes, ruídos. Sinto inquietude e a necessidade de ir pra um lugar com menos informação. Estou na feira dos importados.

A hostilidade é vermelha, quente; tem cheiro de fumaça, de fósforo aceso, de queimada na mata; é áspera e incomoda no toque; tem gosto de cachaça e de ressaca de arrependimento; é uma música acelerada, pesada. Eu estou no trânsito

Seres repletos de agulhas por todo o corpo caminham despejando e atirando pedaços de si por quem encontram no caminho. Som agudo ensurdecador, quero sair daqui. O gosto é amargo de jiló, por mais que tente não consigo, é mais forte do que eu, o cheiro não é de algo estragado mas de um perfume forte que desagrada. Estou na Comercial da Asa Norte

É acolher com carinho.

Uma causa da fragilidade, quase como a reação de quando estamos indefesos. Comparo a um bicho entocado, sem presas, nem garras, apenas o grito e ação brusca a fim de assustar ou se defender daquilo que sabemos ser impossível. Uma atitude muitas das vezes sem pensar friamente, com necessidade de machucar. Me remete a texturas aformicas, sem definições, frágeis.

CRIATIVIDADE

Como um poço que sai mais água quanto mais se tira. A criatividade se alimenta de mim enquanto me alimento dela. Diálogo interno entre o que quero e o que tenho. Diálogo que faço com o externo, abrindo-me ao que desconheço e costurando novas teias. Criatividade é uma prática e como tal demanda vontade. E tempo. Praticar é fazer-ser. Criar é tomar para si o dever de gerar. E melhor feito com mais pessoas.

É uma emoção de diversas sensações, ora suave nas mãos, ora áspera e evidenciando os calos, em constante mudança. É como comer manga verde com sal, tem um azedinho intrigante que faz cócegas na mente. Vem em flashes mais intensos e outros mais leves, sempre buscando uma nova forma de realizar. Tem cheiro de ervas frescas, temperos diversos e pimenteirias. É um grande mix de coisas que podem vir a ser, mas não são ainda. Soa como uma grande percussão tocando, um belíssimo ensaio de maracatu.

Gosto de um rodízio de refrigerantes de outro lugar do mundo, mas também poderiam ser chás, ou sucos de frutas exóticas ou vitaminas diferenciadas. Aroma frutado e refrescante de algo simples e elaborado ao mesmo tempo. Texturas e sensações distintas, algumas inéditas, fazendo esforço para vivenciar plenamente a experiência para se lembrar bem dela posteriormente. Cores muito exuberantes e variadas, em composições cheias de contrastes e combinações harmônicas, vibrantes ou pasteis, em movimentos que se fazem novas possibilidades e alternativas a todo o tempo, enquanto se ouve uma música lado B esquecida da música popular brasileira cheia de percussionistas pretos e guitarras que gemem psicodelicamente.

Consigo ouvir Red hot chili Peppers tocar ao fundo trazendo toda uma vibe californiana na qual se materializa com as cores laranja e verde. O cheiro da tinta de caneta toma conta do meu nariz com uma sensação de planejamento.

Acidez com uma untuosidade de gordura aparecem na minha boca, trazendo novamente essa sensação verde e laranja, mas dessa vez acompanhadas da picância da capsaicina que neste caso parece fundamental para movimentar as coisas. UNB.

Pode parecer loucura mas para este termo "criatividade" só consigo ver Escolas, aquelas paredes laranja cor de terracota invadidas pelos jornais murais e artes de estudantes, os projetos culturais e interclasses das escolas públicas do DF são puro suco de criatividade. As camisas de time, estudantes cantando, fazendo batalha de slam, escrevendo redações sobre temas sociais, para mim não há lugar para criar mais ativo que a escola.

Uma luz prateada intensa cortando uma tela escura. Como um fio de luz que vou percorrer.

Vejo a cor amarela. Ouço melodias calmas. Sinto a dopamina tomar conta do meu sorriso. O cheiro é de chá mate. Sinto gosto laranja

Inspiração. Visualização de mundos possíveis. Motivação. Buscar por conexões entre os mais diversos sentidos e sentimentos.

Amarelo. Portal que guarda diversos mistérios. Amo conseguir ser criativo. Amo quando, inclusive, nem penso em ser criativo. Simplesmente, de forma orgânica, nasce uma linda criação. Seja uma composição musical, seja uma simples dança ou até mesmo na maneira que você escolhe pendurar as roupas no varal.

aroma de café recém passado; gosto de brilho labial de morango; sinto a textura do papel em branco diante de mim; me vejo ali na área externa do Comercial São Benedito.

Uma caminhada leve e azul pela cidade, pelo orgânico das árvores, pelos detalhes arquitetônicos dos blocos, pelas calçadas diferenciadas, pelas vestimentas das pessoas. 20 minutos por Brasília e você ganha uma enciclopédia de referências!

Tenho muitos momentos criativos. Às vezes é difícil controlar tanta informação que minha mente produz. Sinto que meu cérebro está em intenso trabalho e fico focada naquilo que estou fazendo por um bom tempo. Depois de um certo tempo de trabalho sinto o meu juízo cansado. Preciso dar uma pausa.

Qualquer elemento perceptível pode ser o foco da criatividade. Acho que ela antecede qualquer percepção sensorial.

Vejo cores vibrantes e brilhantes, vindo de várias direções. Sinto no meu corpo a inquietude e a ansiedade positiva de me expressar livremente. Sendo pela fotografia, música, dança ou pela escrita. Ouço músicas e pessoas que são capazes de me motivar. Sinto cheiro de maconha no ar kkkk Sinto gosto de algo saboroso que nunca havia experimentado antes. Estou em um festival cultural.

A criatividade é dourada, bem amarela, reluz; é quente e dá calafrios pelo corpo; é o som da sua última música favorita de todos os tempos da última semana, tem cheiro e gosto de café coado. Eu estou em casa ou caminhando em algum parque.

Rajadas coloridas se espalhando e se conectando numa grande rede, muita energia, ondas fortes e intensas com poder de mudança e não de destruição. Sabor doce com aroma sutil, quero morar aqui, todos pensamentos se tornam possibilidades, todos são bem-vindos e agradados como visitas queridas e muito esperadas. Explosão de sons e coloridos. Estou na Escola de Música de Brasília.

Sinto um despertar, como uma luz acendendo em minha cabeça, surgindo elefantes voadores com saia de balé em uma orquestra sinfônica. tudo penetrando nossa pineal fazendo com que tudo floresça de uma forma criativa.

Uma fonte que se esgota e preenche a medida que a vida proporciona experiências. Criatividade também é sobrevivência, jeitinho brasileiro, gambiarras. Não necessariamente um dom, mas uma necessidade. Às vezes um sentimento alegre, muitas das vezes triste. A criatividade enquanto necessidade é cruel, mas por puro saber ancestral, contemporâneo ou sentimental, é mágico.

APATIA

Apatia, sentimento de envenenamento a conta-gotas. Sentimento de consumo do tempo pelo sabor do tempo. Sentimento de vazio, não aquele que pede para ser preenchido, mas aquele que reza para ser ignorado. Sentimento de andar na rua e desviar de uma pessoa sentada no chão. Embora essa pessoa não mereça estar lá, também não há quem solucione o normal. Revolta, mas inevitabilidade. Escovar os dentes, jogar lixo na lixeira, seguir com os afazeres diários. Agradecer por ter um lar para voltar. Uma superquadra, onde as crianças pulam em cama elástica e as babás vestidas de branco leem o celular.

Apatia é um lilás apagado, fraco, fraco. Facilmente confundido com desmotivação, a apatia também não tem um gosto muito pronunciado, só é levemente desagradável. Traz em seu cheiro a água sanitária. Tem uma sensação de que cumpre uma missão de limpeza, mas poderia facilmente estragar o que está à sua volta. É a falta de um sorriso, e também da lágrima. Talvez sua textura fosse mármore, uma pedra que absorve apenas um pouco da temperatura do que se põe em cima, está presente em muitas casas mas apesar da aparência impenetrável, fica com manchas de água facilmente. Apatia tem som de white noise, um ruído baixo, constante e levemente irritante se você prestar atenção.

Gosto de gym e giz velho, textura de parede e cheiro de pó de mármore, um pouco do cheiro do próprio nariz doente. Cores branco gelo e branco azulado, tão iguais que se pergunta quando começa ou termina cada uma. Silêncio. Pelo menos até o relógio de pulso despertar sozinho e não parar mais de tocar..

Um branco de hospital me ronda junto com o cheiro de esparadrapos. As texturas deles trazem um frio e fraqueza febril. Logo o cinza domina minha mente como uma criança que ficou de castigo, sou uma criança doente. Hospital HRAN.

Vejo a apatia como um sentimento como uma placa de acrílico entre o guichê de atendimento e você, aquela lisura embaçada.

Branco me remete a ausência.

Vejo a cor cinza. Ouço o vazio do nada. Meu corpo quer fugir. Não sinto cheiro. Sinto gosto de ferro.

Desmotivação.

Inexistência de cores. Daquilo que corro. Antes até do que da morte. Ela tem me puxado pelos pés. Outra coisa que a sociedade nos estimula bastante. Hostis e apáticos. Que a apatia não me mate antes da morte.

Zumbidos monótonos, ambiente claro, porém frio, fechado; é inabalável o gosto estranho, amargo na boca de quando a gente acorda com ressaca; estou espremido, como num metrô lotado, mas sequer penso nisso.

Meio dia ensolarado sem nuvens, aquele sol do cerrado no meio do eixo monumental, sem sombra, sem energia para pensar!

Geralmente me sinto apática quando estou doente. Fico com uma fraqueza e moleza. Não produzo muito. Também não sei descrever esse sentimento tão bem.

Sensação de conforto desconfortável.

Não sinto nada, não vejo ninguém nem mesmo uma paisagem. Estou cercado de bolsonaristas e crentes kkk.

A apatia é amarelo-pálido, gosto de café frio, sem sabor; barulho de senha sendo chamada e música ambiente enjoativa. Eu estou em uma fila de alguma repartição pública.

Tudo perde a cor, o gosto, desacredito e desvalorizo a tudo e todos, inclusive e principalmente a mim. O gosto de lasanha saída do forno quentinha tem gosto de papel, o suco de laranja refrescante e geladinho do Vitamina Central não refresca, gosto de água sem gosto. Papelão molhado. Estou na Asa Sul.

Um lugar podre escuro cheio de incertezas e ego.

Sentimento que atravessa muitos de nós, principalmente pessoas negras e grupos marginalizados, que sentem apatia diante de tanta luta, sobrevivências e violências sem resultados positivos. A apatia também pode ser um estado mental de eterno marasmo, ou falta de senso coletivo, sentimental e humano, o contrário e total oposto de empatia.

ANEXO-II — LEVANTAMENTO DE ESPAÇOS PARA ARTE NO DF

MÚSICA

ESPAÇOS JÁ EXISTENTES E UTILIZADOS

Setor Comercial Sul

Teatro dos Bancários

Parque Olhos D'Água

Clube do Choro

Escola de Música

Teatro Nacional

UnB perto da FE

CONIC

Concha Acústica

Casa do Cantador na Ceilândia

Círculo Operário no Cruzeiro

Biblioteca Nacional

Choro toda terça à noite num quiosque na Vila Planalto;

SESI lab

Parque da Cidade

Bares

Espaços do Sistema S

Galpão 17

Infinu

Zepelim

Cio das artes

Praça do Cidadão

Praça da Torre

Área externa do Museu nacional

Praças das Fontes

Corina Cervejaria

Choro no Eixo

Taguaparque

Espaço cultural Renato Russo

Mercado Sul

Escola Parque Anísio Teixeira de Ceilândia

MÚSICA

ESPAÇOS CONSIDERADOS LATENTES À APROPRIAÇÃO

Gramados entre as quadras do plano piloto

Parque das Garças no Lago Norte

Orla do Lago

Teatro dos Bancários

Projeto "Rock na ciclovia", um show em cima das ciclovias

Parque da Cidade

Praça do Cruzeiro

Praça da Cruz no Eixo Monumental

Catetinho

Praça do Relógio

Praças de Águas Claras

Praças do Guará

Museu da República

Espaço Cultural Renato Russo

Infinu

Zepelim

Estacionamentos

Áreas verdes

Quadras de escolas

Passarela da Rodoviária

Paradas de ônibus

Ermida Dom Bosco

O Eixão do lazer

Campões das quadras.

Locais próximos a residências

Praças

O gueto, a quebrada

Deck Sul

Parques públicos

Torre de Tv

Feiras do DF (Guará, Sobradinho, Ceilândia, etc)

Metrô

SCS

ARTES PERFORMÁTICAS DO CORPO

ESPAÇOS JÁ EXISTENTES E UTILIZADOS

Festival Esquentas Latinidades (Casa Afrolatinas)

Jovem de Expressão

Funarte

Clube do Choro

Espaço Cultural Renato Russo

Parque da Cidade

Espaço SESC Garagem

Sala Cássia Eller

UnB

Teatro Nacional

Sesc Garagem

Teatro Mapati

Teatro dos Bancários

Praça da Torre

Setor Comercial Sul

Praça dos Três Poderes

Parque Olhos D'água

CCBB

SESC Ceilândia.

Project Sagaz

Projeto Casa das Águas

Dulcina

CEU das Artes

Praça do Cidadão

Teatro Plínio Marques

Galpão Risoflora

IFB

ARTES PERFORMÁTICAS DO CORPO

ESPAÇOS CONSIDERADOS LATENTES À APROPRIAÇÃO

Universidade de Brasília

Estacionamento do Varjão

Esplanada dos Ministérios

Torre de TV

Passagens subterrâneas

Galeria dos Estados

Túneis dos Eixão

Teatro da Praça em Taguatinga

Buritinga, próximo à Estação Centro Metropolitano.

Conic

Rodoviária

Teatro dos Bancários

Terminais rodoviários

Centros comerciais

Beira do Lago

Eixão

Parque Nacional de Brasília

Parque das Garças

Blocos residenciais

Universidades

Todo espaço aberto no centro de Brasília

Praça do Relógio

Praça do DI

Setor Comercial Sul

Escolas

Quadras de Esportes

Teatro Nacional

Espaços públicos

Praças públicas

ARTES LITERÁRIAS

ESPAÇOS JÁ EXISTENTES E UTILIZADOS

Subsolo do Estádio Mané Garrincha

Espaço da Torre de TV

Viadutos do Plano Piloto

106 norte

Espaço Cultural Renato Russo

Ateliês de multi artistas

Batalha da Escada

Biblioteca Nacional

UnB

Bibliotecas

Livrarias

Biblioteca Central UnB

Templo LBV

Teatro dos Bancários

Biblioteca Pública de Ceilândia

Saraus

Parques, praças ou estações de metrô.

Praça das Artes Teodoro Freire em Sobradinho

Museu Nacional

Infinu

Escolas

Sebinho

Jovem de Expressão

Praça da Bíblia

Nas Ruas

Saraus no Cio das Artes

ARTES LITERÁRIAS

ESPAÇOS CONSIDERADOS LATENTES À APROPRIAÇÃO

Estacionamento do Varjão

Asa Norte

Estações de metrô

Feiras

Teatro dos Bancários

Parque da Cidade
Casa do Cantador, na Ceilândia
Praça do DI
Praça do Relógio
Taguaparque
Parque Onoyama
Parque das Garças
Bares
Estações do Metrô
Feiras Permanentes
Conic
Teatro dos bancários
Ônibus interestaduais
Parques, praças ou estações de metrô.
Rodoviária do plano piloto
Praças pelas Superquadras
Praças nas Satélite
Transportes Públicos
Cafés
Feiras culturais
Praça do Relógio
Praça do Bicalho

Taguaparque

Parque da Cidade

Gramado da Funarte

Uma Feira Literária

CCBB

SESC (TODOS)

ARTES PLÁSTICAS

ESPAÇOS JÁ EXISTENTES E UTILIZADOS

Museu Nacional da República

Universidade de Brasília

Viadutos da cidade

Galerias

MAB

Torre de TV

Espaço Cultural Renato Russo

Ateliês de artistas

Espaço Mundo Vivo

Espaço Cultural da Caixa

Espaço Cultural TCU

Jovem de Expressão

CCBB

Teatro dos Bancários

Galeria Risofloras

Feira da Torre

Lugares abandonados

Paradas de ônibus

Galeria Olho de Águia

Galeria dos Estados

Conic

Mercado Sul em Taguatinga

ARTES PLÁSTICAS

ESPAÇOS CONSIDERADOS LATENTES À APROPRIAÇÃO

Espaços públicos

Praças das RAs

Parque da Cidade

Espaço Cultural Renato Russo

Teatro dos Bancários

Escola Classe 312 Norte

Catetinho

Bares e cafés

Teatro Nacional
Praça do Cruzeiro
Teatro dos bancários
Área externa de museus e praças
Parque da Cidade
Parque Olhos d'água.
Parque do Jequitibás
Rodoviária de Sobradinho
Escolas
Universidades
Viadutos em geral
Passarelas subterrâneas
Babilônia Norte
Centros comerciais
Área externa do Museu da República
Praça do Relógio
Rodoviária de Brasília
Torre de TV
Vagões de metrô
Monumentos do Plano Piloto
Jovem de Expressão
Galeria Pé Vermelho

ARTES URBANAS

ESPAÇOS JÁ EXISTENTES E UTILIZADOS

Ruas do Varjão

Ruas da Ceilândia

Estação Galeria;

Pontos de ônibus;

Prédios abandonados;

Passarelas do Eixão

Casas na Asa Sul

W3 Sul

W3 norte

As paradas de Planaltina DF (Graffiti Trupe S.A)

Feira do Guará

Teatro dos Bancários

Praças e ruas

Setor Bancário

Espaço Renato Russo

Viaduto do SCS

Infinu

Muros da cidade

Viadutos

Conic

UnB

Taguaparque

Museu da República

Tesourinhas

Galeria dos Estados

Jovem de Expressão

ARTES URBANAS

ESPAÇOS CONSIDERADOS LATENTES À APROPRIAÇÃO

Asa norte

Parque Vivencial do Lago Norte

Viadutos da cidade

Quadras poliesportivas do Parque das Garças

Elementos já estabelecidos na cidade, para deixar uma marca

Sol Nascente

Varjão

Praça dos Três Poderes

Museu da República

Teatro dos bancários

W3

Setor Bancário

Jardim Botânico de Brasília

Praça dos Cristais

Prédios comerciais

Ruas

Prédios com uma visualização acessível e casas.

Babilônia Norte

W3 Sul

Estações de Metrô

Praças públicas

Parques públicos

Escolas

Hospitais

Por todo canto

Vielas e raças

Em todas as paredes

Qualquer lugar é lugar.

ANEXO-III – ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Aline Henning:

<<https://www.youtube.com/watch?v=45QwQRN3onA>>

Ana Carolina C.:

<https://www.youtube.com/watch?v=iEoo-_Xy91c>

Biro Ribeiro:

<<https://www.youtube.com/watch?v=QNGZyyUUVKM>>

Danilo Lins:

<<https://www.youtube.com/watch?v=fNBdZNwQm1o>>

Fábio Setti:

<<https://www.youtube.com/watch?v=DovoUKLZ1ZM>>

Flávio Altoé:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ow5aKEaZocg>>

Gu da CEI:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ahStKyw8Dxc>>

Iano Fazio:

<<https://www.youtube.com/watch?v=fMwFWTmSOJU>>

Isabella Alves:

<<https://www.youtube.com/watch?v=UV9QIu92dTk>>

Iza do Cavaco:

<https://www.youtube.com/watch?v=OYGoNaF_AWw>

Jéssica Santos:

<<https://www.youtube.com/watch?v=BMuFSIP-bj4>>

João Pedreira:

<<https://www.youtube.com/watch?v=buzEydsFCfM>>

Mindú:

<<https://www.youtube.com/watch?v=aY48BgNzSZE>>

Natália Godoy:

<<https://www.youtube.com/watch?v=xdzbAamfbKI>>

Paulo Pinheiro:

<<https://www.youtube.com/watch?v=o1mOPqMiFSk>>

Pedro Cezar de Pádua Gontijo:

<<https://www.youtube.com/watch?v=TY6hoGBo-A8>>

Renato Mori:

<<https://www.youtube.com/watch?v=mdhU9HJKquo>>

Taylane Plácido:

<<https://www.youtube.com/watch?v=qbmlCo4ABkA>>

VH:

<<https://www.youtube.com/watch?v=otUuoPWXgpl>>

COLOPHÓN

Esta dissertação foi composta
com a família tipográfica Alegreya,
criada por Juan Pablo del Peral,
na Foundry Huerta Tipográfica.

